UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

VIVIAN DE SOUZA PONTES

# Identidade e relações de poder no discurso político presidencial

**Versão Corrigida**

**São Paulo**
**2013**

VIVIAN DE SOUZA PONTES

# Identidade e relações de poder no discurso político presidencial

**Versão Corrigida**

**São Paulo**

**2013**

VIVIAN DE SOUZA PONTES

# Identidade e relações de poder no discurso político presidencial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob orientação da Profª Drª Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

**São Paulo**

**2013**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

VIVIAN DE SOUZA PONTES

# Identidade e relações de poder no discurso político presidencial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob orientação da Profª Drª Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória:

À Geisa Maria de Pontes e Guilhermina Marques de Souza, grandes mulheres, minhas avós.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Ser Supremo e Superior que nunca me desamparou.

À Prof.ª Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, que caminhou ao meu lado, sempre, e foi muito mais do que orientadora. Ensinou lições não só para vida acadêmica, mas sim para minha vida toda. Bom seria se o mundo tivesse mais pessoas assim: mulher de fibra. Conduziu este trabalho com muita dedicação e carinho. Não há palavras para expressar minha gratidão por tudo que aprendi.

Aos Professores Hudinilson Urbano e Maria Flávia Figueiredo pela seriedade e afinco com o quais discutiram meu trabalho na Qualificação.

À Lais, minha baixinha, irmã, companheira e acima de tudo incentivo.

Aos meus pais, Carmelita e Antônio, base segura e amparo desde o início dos meus estudos. Deram condições para que eu pudesse chegar ao Mestrado.

Ao Rafael, pela paciência e por ter abdicado comigo de tantas coisas para que este trabalho pudesse ser concluído. Agradeço pelo companheirismo e por compreender este momento, tão importante na minha vida. Sobrevivemos! Obrigada por valorizar meu esforço!

Ao meu, tão querido, tio Viana e ao Rodrigo.

À Dri, por me ajudar, desde bem cedo, nas lições de casa e por ser um exemplo para mim.

À Camila, pelas diversas discussões e por acompanhar tão de perto as alegrias e angústias da vida acadêmica.

À Priscila, por toda força.

Ao Prof. Dr. João Amato Neto, por todo apoio, durante minha jornada no PRO.

Ao Luiz Santiago, o chefe!

Às amigas Júlia, Carolina, Valéria, Mestre, e, Larissa, futura Doutora, além de todos aqueles que conquistei ao longo do Mestrado.

## RESUMO

PONTES, V. S. Identidade e relações de poder no discurso político presidencial. 2013. 188f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Este estudo tem por objetivo analisar o discurso político presidencial, a fim de identificar a construção da identidade que se faz da mulher brasileira do século XXI, observando a configuração de relações de poder entre a constituição desta identidade e o lugar de poder que Dilma Rousseff ocupa como Presidenta do país. O *corpus* da pesquisa constitui-se de transcrições das entrevistas veiculadas pelo programa radiofônico “Café com a Presidenta”, no período de 2011 e início de 2012. O embasamento teórico corresponde aos estudos de Charaudeau (2006) para explorar a relação entre linguagem e discurso político. Para tratar das relações de poder estabelecidas no e pelo discurso, selecionamos as pesquisas de van Dijk (1997, 2008) e de Stoppino (1998). Em relação às questões sociais e identitárias sobre a mulher, valemo-nos dos estudos organizados por Del Priore (2002) e Perrot (2010). Por fim, para tratar das questões identitárias e estereotípicas, embasamo-nos nos trabalhos desenvolvidos por Woodward (2003) e Emídio e Hashimoto (2008).

**Palavras-chave:** discurso, identidade, mulher, relação de poder, estereótipo

## ABSTRACT

PONTES, V. S. Identity and power relations in presidential political discourse. 2013. 188f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This study aims to analyze the presidential political discourse, in order to identify the construction of the Brazilian women's identity on the 21st century, observing the configuration of power relations between the constitution of such identity and the place of power that Dilma Rousseff holds as President of the Brazil. The research *corpus* consists on transcripts of interviews aired by the radio program "Café com a Presidenta" (Coffee with the President), throughout 2011 and early 2012. Theoretical studies are based on Charaudeau (2006) to explore the relation between language and political discourse. To explain power relations established on and by the discourse van Dijk (1997, 2008) and Stoppino (1998) researches were used. When it comes to social issues and those concerning women's identity, studies conducted by Del Priore (2002) and Perrot (2010) served as base for this paper. Finally, Woodward (2003) and Emídio and Hashimoto (2008) studies were used to talk about identity and stereotypical issues.

**Keywords:** discourse, identity, woman, power relations, stereotype

# Sumário

Introdução ..... 12

Capítulo I – A identidade da mulher na sociedade brasileira..... 26

1.1 Identidades constituídas e reveladas pelo discurso ..... 26

1.2 A evolução do papel da mulher na sociedade brasileira..... 34

1.3 Estereótipos: possíveis representações da mulher ..... 48

Capítulo II – A mulher na política e a relação entre o discurso político e a mídia ..... 53

2.1 O discurso político ..... 53

2.1.1 A política na Antiguidade ..... 53

2.1.2 O discurso político nos dias atuais ..... 55

2.2 O discurso político presidencial..... 61

2.3 A mulher na política do Brasil..... 64

2.4 Discurso político e mídia..... 68

2.4.1 As instâncias de que trata Charaudeau ..... 71

2.4.2 Os lugares de produção do sentido no rádio e na mídia ..... 74

Capítulo III – Política, relações de poder e relações discursivas em articulação ..... 77

3.1 O conceito de poder ..... 77

3.2 Processos de referenciação e nominalizações como mecanismos discursivos para constituição de relações identitárias de poder ..... 83

3.3 O discurso presidencial e as dimensões da língua falada ..... 90

Capítulo IV – Análises: Identidade discursiva e relações de poder reveladas pela linguagem ..... 96

4 Sobre os discursos e seus temas ..... 96

4.1 Bolsa Família distribui renda e faz a roda da economia girar ..... 100

4.2 Dilma antecipa novidade do governo para mulheres ..... 106

4.3 Dilma lança amanhã programa de combate ao câncer de mama e ao câncer do colo de útero ..... 116

4.4 Mulheres vão receber assistência integral da gestação aos primeiros anos de vida do bebê ..... 118

4.5 Mais de um milhão de empreendedores conquistam o mercado formal ..... 120

4.6 Novas creches facilitam acesso à educação ..... 122

4.7 Brasil sem miséria vai gerar emprego e renda para população pobre ..... 124

4.8 Minha Casa Minha Vida vai construir mais 2 milhões de moradias..... 127

4.9 Programa Crescer facilita crédito para quem deseja ter seu próprio negócio ..... 128

4.10 Café com a Presidenta especial tem 3 edições: acesso à educação infantil..... 130

4.11 Governo defende ação conjunta entre os países para enfrentar crise..... 133

4.12 Governo lança plano de R$4 bi para enfrentar o crack e outras drogas ..... 135

4.13 Luta contra a discriminação da mulher é tarefa de homens e mulheres ..... 136

4.14 Mais educação: 30 mil escolas terão aulas em tempo integral neste ano ..... 140

4.15 Bolsa atleta cresce mais de 30% e alcança 4.243 esportistas neste ano. ..... 142

4.16 Considerações acerca das análises ..... 143

Conclusão..... 145

Referências ..... 150

Anexos ..... 157

# Introdução

> Estar no poder é como ser uma dama. Se tiver que lembrar às pessoas que você é, você não é.
>
> **Margareth Thatcher**

A evolução do papel da mulher na sociedade brasileira pode ser observada, de modo mais efetivo, a partir do século XIX, tendo em vista a escassez de registros que documentem a figura feminina de modo mais nítido, nos séculos anteriores. No século XX, a mulher ganha visibilidade por meio de livros, dos movimentos sociais, da mídia de modo geral e por meio da política, visto que lhe é dado, em 1932, no Governo de Getúlio Vargas, o direito de voto. Não podemos negar, neste século, o papel da mulher na família e sua participação cada vez maior no mercado de trabalho, a despeito das diferentes condições em relação ao homem.

Perrot (2010) ressalta que, muitas vezes, as representações que temos da mulher são antigas e recorrentes; ela pode ser a dona de casa, a mãe, o ser frágil e oprimido, o segundo sexo. Por outro lado, ela também é capaz de subverter tais representações, tornando-se a chefe de família, o ser contundente, forte, além de deter o poder, fugindo de possíveis estereótipos.

Tendo em vista tal posição, pareceu-nos significativo proceder a uma investigação, buscando “desvendar as intricadas relações entre a mulher, o grupo e o fato, mostrando como o ser social, que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante” (DEL PRIORE,

2002:09). Teles (2003), ao referir à história das mulheres, ressalta que, mesmo em um cenário no qual elas apareciam quase sem voz, havia um movimento de resistência e de manifestação por parte delas, cujo destaque pôde ser observado na imprensa feminina do final do século XIX e na luta pelo direito ao voto, fatos representativos da articulação feminina.

Perrot (1998) e Aboim (2012) correlacionam a essa discussão o espaço público e o espaço privado, assumindo que esses seriam dois pólos dicotômicos que traduzem, de algum modo, a representação que se faz do feminino e do masculino, constituindo relações de pertencimento a um campo ou a outro, de acordo com o gênero sexual do indivíduo.

Quando aborda as noções de público e de privado, Aboim (2012:12) afirma que “o lugar do feminino era o ‘natural’ lugar na família, no doméstico construído em antinomia com os lugares dos homens”; o espaço privado era reservado às mulheres e o público aos homens. No entanto, a fronteira entre público e privado vai se modificando e se reestruturando de acordo com as conquistas femininas e, assim, pôde dar-se sua inserção em esferas antes tidas como essencialmente masculinas.

Atualmente, a mulher, ao menos parte delas, atinge graus mais elevados de escolaridade e está mais inserida no mercado de trabalho; entretanto, observa-se a reprodução das assimetrias da sociedade que constrói identidades diversas no que se refere à divisão dos papéis entre homens e mulheres, de acordo com Bruschini, Lombardi, Mercado e Ricoldi (2011).

Ao considerarmos a presença da mulher em lugares públicos e de poderio, observamos que, no âmbito da política brasileira, apenas em 2011 tivemos a primeira mulher ocupando o cargo de Presidenta da República –

Dilma Vana Rousseff. O percurso de Dilma na política compreende os cargos de Secretária da Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre, em 1986, Presidenta da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul, em 1991, Secretária de Estado de Energia, Minas e Comunicações, em 1993, e Ministra-Chefe da Casa Civil, em 2005. Na época da ditadura militar, Dilma participou ativamente do grupo Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, tendo sido perseguida e detida. Na 4ª Convenção Nacional do PT, em 2010, foi indicada como candidata à presidência em sucessão ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Em função de ter se tornado a primeira mulher a ocupar o cargo de presidenta do nosso país, consideramos ser significativa uma pesquisa que buscasse observar o discurso da mulher, no mais alto cargo político, para conhecer de que modo ela se dirige às mulheres. Tendo em vista essa perspectiva, selecionamos para análise os discursos de Dilma proferidos no programa Café com a Presidenta, veiculado pelo rádio, às segundas-feiras, conforme caracterizamos a seguir.

A análise do cenário da política no Brasil e no mundo permite observar que a mulher vem, recentemente, assumindo cargos na direção de países. Antes de Dilma tornar-se Presidenta do Brasil, em 2011, merece lembrar que foi antecedida por Cristina Kirchner, Presidenta da Argentina, em 2007, Michelle Bachelet, Presidenta do Chile, em 2006 e, na Europa, por Angela Merkel, Chanceler da Alemanha, em 2005.

A partir do exposto, questionar se a mulher se consolida como detentora de um novo lugar de poder na sociedade e de que modo sua identidade se constitui, por meio do discurso político presidencial, parece-nos desafiador em

termos de pesquisa. Além da constituição do discurso da presidenta, buscamos compreender de que forma seu discurso arquiteta a identidade da mulher brasileira do século XXI, como o discurso institucional da presidência se relaciona com as possíveis representações identitárias da mulher, ou seja, quais relações esse discurso político pode instaurar e que mulher o discurso presidencial concebe.

Em suma, buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa: de que modo o discurso político presidencial, veiculado pela mídia, pode delinear uma criação discursiva em termos da identidade da mulher brasileira, no século XXI? Há estereótipos? Se ocorrem, quais podem ser citados?

Procederemos à investigação desses questionamentos, partindo da hipótese de que a constituição identitária da mulher está passando por uma nova fase, na qual sua identificação com a esfera pública se dá de modo mais efetivo, além de considerarmos o espaço que ela ocupa em outras instâncias, como no trabalho e na família.

Nesse sentido, o *corpus* selecionado corresponde a discursos de Dilma Rousseff veiculados, semanalmente, em cadeia nacional, por todas as emissoras de rádio no país, em virtude da obrigatoriedade de veiculação. Apenas emissoras que possuem liminares estão desobrigadas a cumprir a determinação do Código Brasileiro de Telecomunicações.

Metodologicamente, buscamos identificar, nas escolhas discursivas da presidenta, a correlação entre possíveis identidades em referência à mulher, sem perder de vista seu lugar de poder, a possível reprodução de estereótipos e a mídia que veicula seus discursos.

Tal seleção transcorreu em três etapas:

1º) coleta dos discursos de Dilma Rousseff, veiculados no programa de rádio Café com a Presidenta, no período de 07 de fevereiro de 2011 a 31 de março de 2012;

2º) seleção de quinze (15) discursos cujo tópico desenvolvido se relacionasse, de algum modo, à mulher. Tanto o áudio como a transcrição dos discursos estão publicados no site do programa: http://cafe.ebc.com.br; entretanto, em virtude da transcrição disponível prever o que se propõe para o texto escrito, procedemos à adequação às propostas em relação ao texto falado, obedecendo às normas do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta – NURC/SP, disponíveis em Preti (2003: 13-14) e incluídas nos anexos deste trabalho.

3º) recorte de trinta e um (31) segmentos nos quais ocorrem nominalizações e os processos de referenciação que privilegiem a figura feminina.

Para melhor caracterizar o *corpus*, explicitamos que o Café com a Presidenta é um programa de entrevistas transmitido pelo rádio toda segunda-feira, em quatro horários, às 6h00, às 7h00, às 8h30 e às 13h00, no mesmo canal de distribuição de “A Voz do Brasil”, produzido pela Empresa Brasileira de Comunicação – EBC, com alcance nacional, sintonizado pelos ouvintes nas várias emissoras que se dispõem a transmiti-lo.

Com o intuito de delimitar nosso material de análise, coletamos os discursos proferidos por Dilma, no período de 07 de fevereiro de 2011 até 31 de março de 2012, perfazendo um total de sessenta (60) entrevistas. Desse conjunto de discursos, realizamos novo recorte, selecionando aqueles cuja temática retratada estivesse relacionada à mulher e aqueles nos quais

houvesse referência, de modo mais explícito, à figura feminina, resultando em quinze (15) entrevistas para análise. Por fim, selecionamos trinta e um (31) segmentos significativos para a análise proposta.

Assim, ressaltamos que não se fará análise exaustiva de cada entrevista, mas sim, observaremos, em cada uma, os segmentos que se refiram à mulher.

O programa foi criado com o objetivo de estabelecer um canal de comunicação mais dinâmico entre a presidência da República e o cidadão brasileiro, sem que fosse possível remeter à comunicação por meio dos pronunciamentos. A primeira edição foi ao ar em 17 de novembro de 2003; neste período, o presidente era Luís Inácio Lula da Silva e o programa tinha por título "Café com o Presidente"; sua edição era quinzenal.

Claro está que houve alteração no nome do programa, tendo em vista a posse de Dilma Rousseff e a marcação do gênero feminino, por meio da flexão, resultando na forma “Presidenta”, pouco utilizada anteriormente. À época, houve certa polêmica em relação ao uso deste termo, mas a forma existe e é correta, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2011: 625). Observamos que a forma não caiu no uso popular; entretanto, no programa, Dilma é referida como presidenta, embora a mídia, em geral, utilize a forma presidente. Além disso, a Lei n. 12.605/12[1] determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A logomarca do programa também nos fornece dados para considerar uma marcação mais explícita da emergência da mulher no âmbito da política,

---

[1] Lei 12.605, de 03 de abril de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12605.htm.

pois não apenas o título do programa foi modificado, como também sua logomarca. Quando o presidente era um homem, a cor cinza era utilizada para designar o programa “Café com o Presidente”. Já para designar o mesmo programa, mas neste momento denominado “Café com a Presidenta”, foi utilizada a cor rosa, habitualmente atribuída para representar figuras e espaços femininos:

No que concerne às condições de produção dos discursos, cada programa é gravado e, posteriormente, transmitido. Não temos dados para afirmar qual é o tipo de edição pela qual os discursos passam, mas sabemos que a temática escolhida para a discussão é selecionada, levando em consideração os fatos ocorridos na semana, sob a análise da equipe de produção do Café, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) e da Presidenta. Cada programa corresponde a seis (06) minutos de entrevista entre o jornalista Luciano Seixas e Dilma Rousseff. Nas transcrições, identificamos o jornalista como “J” e Dilma Rousseff como “P”.

Sobre o entrevistador, o jornalista Luciano Seixas, não são disponibilizadas informações mais precisas; nas transcrições disponíveis no site do programa, há referência ao jornalista como apresentador. Ele cumpre o papel de mediador, para que Dilma possa expor a “mensagem” institucional do governo, por meio de sua voz, também institucional e previamente arquitetada, pensada e constituída. Quem fala é a Presidenta, não somente Dilma Rousseff mulher brasileira.

O evento comunicativo é sempre iniciado por uma pergunta do jornalista, que segue, em seus turnos, com questões previamente elaboradas pela SECOM e conhecidas pela Presidenta. Assim, podemos dizer que se trata de um evento pré-planejado. Cada programa apresenta um tópico específico e as perguntas se restringem a esse tópico a ser abordado pela Presidenta, observando que Dilma nunca deixa de responder nem se desvia da pergunta do jornalista. Os turnos conversacionais são sempre assimétricos, o jornalista apenas pontua, com sua questão, a temática do tópico e Dilma o desenvolve, como é esperado.

Os discursos selecionados podem ser considerados híbridos, posto que se caracterizam pela manifestação oral, mas possuem algumas características do texto escrito; a própria prosódia de Dilma, é reveladora desse fato, pois apresenta poucos truncamentos e hesitações. Ainda, os discursos e seus turnos apresentam o formato Pergunta-Resposta, par adjacente que constitui o gênero entrevista. Além da seleção prévia de tópico, prevalece a voz institucional do governo, que pode influenciar na seleção temática, não sendo selecionados tópicos como corrupção, impopularidade do governo ou

quaisquer outros aspectos que possam prejudicar a imagem do governo e/ou da Presidenta.

Na maioria das vezes, é veiculada apenas uma edição nacional do programa, entretanto, em algumas edições, são transmitidas versões específicas da entrevista, para determinada localidade. Por exemplo, em 19 de setembro de 2011, houve uma edição transmitida para São Paulo, outra para Minas Gerais e uma edição nacional para os demais estados do país. Esses dados nos permitem afirmar que o discurso é previamente elaborado, não se observando alterações em seu encaminhamento. Tendo em vista essa peculiaridade, destacamos a utilização apenas da versão nacional do discurso veiculado em 19 de setembro de 2011, e não a específica para o estado de São Paulo.

Como procedimento metodológico, ainda, utilizamos como categoria de análise, as nominalizações, como constituintes dos processos de referenciação, tendo em vista nossa proposta de observar os elementos discursivos enunciados que caracterizem a identidade discursiva da Presidenta, desta em relação às mulheres e, por fim, as relações de poder que esse discurso evidencia.

Partindo dos elementos discursivos enunciados por Dilma Rousseff, procedemos, assim, à busca de marcas discursivas que permitam explicitar o modo como a mulher é caracterizada, observando se há a produção de novas relações de poder ou se há a reprodução de relações já existentes.

Para embasamento teórico voltado à análise do discurso político, utilizamos Aristóteles (2006) para tratar das origens do discurso político como gênero retórico; Charaudeau (2006) para explorar a relação entre linguagem e

discurso político. Para tratar das relações de poder estabelecida no e pelo discurso, selecionamos as pesquisas de van Dijk (1997, 2008) e de Stoppino (1998). Em relação às questões sociais e identitárias sobre a mulher, valemo-nos dos estudos organizados por Del Priore (2002) e Perrot (2010). Por fim, para tratar das questões identitárias e estereotípicas, embasamo-nos nos trabalhos desenvolvidos por Woodward (2003) e Emídio e Hashimoto (2008).

Ressaltamos que, no tocante ao conceito central que utilizamos: o discurso, para Charaudeau e Maigueneau (2004: 169), analistas do discurso, desde os anos 80, vem se observando seu uso constante nas pesquisas em ciências de linguagem. A concepção de discurso adotada, neste trabalho, busca embasar-se na proposta dos dois pesquisadores franceses, quando afirmam ser o discurso orientado, pois há um propósito em função de um interlocutor, assumindo um caráter dialógico, posto que cada discurso sempre se estabelece em relação a um interlocutor, desenvolvendo-se em tempo e espaço determinados.

O discurso político é também uma forma de ação (Op. Cit. 2004:170), na medida em que, dependendo do modo como foi constituído, pode persuadir ou dissuadir uma pessoa ao voto, pode constituir uma identidade ou provocar comoção, entre outras formas de ação. Não obstante, ele é uma forma de ação interativa, visto que o discurso de um interlocutor pode repercutir no discurso de outro interlocutor, sobretudo quando falamos de pessoas públicas, formadoras de opinião que exercem certa influencia na sociedade.

Os estudiosos observam, ainda, que o discurso é contextualizado, assumido e regido por normas (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004:171); todo discurso insere-se em um contexto, não sendo possível apreender o

sentido de um discurso, se o isolamos de seu contexto ou quando não consideramos suas condições de produção, quem são os produtores desse discurso, em que período ele foi realizado, entre outras características.

Fairclough (2001:89), filiado à Análise Crítica do Discurso, por sua vez, apresenta sua concepção de discurso “num quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social”, também considerando o discurso como uma forma de ação, isto é “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

Não é nosso intuito determinar uma identidade feminina como mais adequada ou como modelo, mas sim observar de que maneira a mulher pode ser representada, constituída ou correlacionada com as possíveis representações existentes sobre mulheres, estabelecendo ou retomando estereótipos.

A questão da identidade feminina no âmbito da política em analogia às relações de poder é uma temática pouco pesquisada no âmbito dos estudos linguístico-discursivos, possivelmente tendo em vista o fato da recente presença da mulher na política de modo mais frequente e representativo. Nesse sentido, propusemo-nos a investigar a questão da representação de sua identidade sem que isso significasse a desconsideração do papel do homem na sociedade, interessa observar a emergência da presença feminina nos diversos âmbitos da sociedade.

Soihet e Pedro (2007:281) destacam que apenas nos anos 80/90 foram iniciados estudos acerca da história da mulher, elencando alguns trabalhos que buscavam “reparar”, em parte, a história da exclusão feminina, “uma vez que

procurar traços da presença feminina em um domínio sempre reservado aos homens era tarefa difícil".

Nessa mesma linha, Costa, Barroso e Sarti (1985:05), apontam que havia "uma presença quase ausência", no âmbito das Ciências Humanas, relativas ao estudo da mulher no Brasil, entre os anos de 1975 e 1984.

Blay e Conceição (1991:51), ao observarem a incorporação dos estudos sobre a mulher na universidade, salientam que movimentos sociais organizados entre as mulheres e o próprio movimento feminista possibilitaram que a temática das desigualdades e das relações de subordinação entre os gêneros fosse introduzida "no debate social como consequência daqueles movimentos sociais". As autoras realizam um levantamento dos estudos acerca da mulher nas Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Humanidades, no contexto da Universidade de São Paulo, mostrando a "escassa incorporação dos estudos sobre a mulher" (1991:50).

Scott (1995), historiadora norte-americana, por sua vez, realiza pesquisas relacionadas à categoria "gênero". Del Priore (2002) organiza um trabalho sobre a história da mulher no Brasil e Perrot (2010) trabalha com a questão na mulher, enquanto "excluída da história".

No âmbito da linguagem, pesquisadores como van Dijk (2008) realizaram trabalhos que privilegiavam as minorias da sociedade, em que se incluíam as mulheres. Nesse panorama, inscreve-se nosso trabalho que trata da mulher a partir de seu discurso no cargo de maior representatividade na vida política de um país.

Tendo em vista a proposta que se apresenta, esta pesquisa assim se organiza:

No primeiro capítulo, cujo título é "**A identidade da mulher na sociedade brasileira"**, discutimos questões relacionadas ao conceito de identidade, advindo da Sociologia, buscando estabelecer um ponto de contato entre a representação discursiva que se faz da mulher e o papel social que ela cumpre na sociedade brasileira. Apresentamos o percurso do desenvolvimento do papel da mulher no país e tratamos do modo pelo qual a mulher pode ser concebida, reproduzindo estereótipos capazes de contribuir para uma representação identitária diversa da já existente, além de apresentar dados relacionados à evolução do poder econômico social feminino.

No segundo capítulo, intitulado "**A mulher na política e a relação entre o discurso político e a mídia",** apresentamos uma discussão acerca do discurso político, buscando ressaltar as especificidades desse tipo de discurso. Abordamos as características do discurso político presidencial, e, por fim, ressaltamos a trajetória da mulher no âmbito da política, no país.

No terceiro capítulo, denominado **Política, relações de poder e relações discursivas em articulação,** apresentamos o conceito de poder, com o intuito de delinear o que entendemos por relações de poder, abordando tais relações, estabelecidas discursivamente, por meio das nominalizações, observando os processos de referenciação como mecanismos discursivos para a constituição de relações de poder.

No quarto capítulo, de nome "**Análises: identidade discursiva e relações de poder reveladas pela linguagem"** há a retomada das teorias, tendo em vista a busca pela resposta às questões de pesquisa em articulação à proposta do trabalho.

Por fim, na **Conclusão** apresentamos uma síntese dos resultados obtidos, seguida das referências bibliográficas e dos anexos.

# Capítulo I – A identidade da mulher na sociedade brasileira

## 1.1 Identidades constituídas e reveladas pelo discurso

A representação de um sujeito está intimamente ligada à situação social na qual ele está inserido ou da qual foi excluído. Podemos afirmar que os indivíduos estão presos a esquemas subjetivos de dominação na sociedade e que a mulher, por sua vez, aparece submetida a um esquema de subjugação, num certo sentido. Sugerimos que o discurso pode funcionar como mecanismo de dominação, quando é produzido com fins específicos, visando causar um efeito determinado no interlocutor, além de que o discurso acerca de um ser social é ferramenta para a composição de uma identidade.

A compreensão de que as representações discursivas estão correlacionadas aos possíveis papéis sociais desempenhados pelos indivíduos numa dada sociedade, levou-nos a considerar adequado, para o desenvolvimento da pesquisa, a utilização do conceito de identidade, advindo da Sociologia, pois o discurso, que pode fundar, revelar e construir identidades, materializa-se e ganha sentido, somente, em um contexto social, visto que não é possível estabelecermos uma identidade discursiva, sem que ela se relacione à sociedade na qual este discurso esteja sendo produzido e veiculado.

Para justificar a utilização de um conceito proveniente da Sociologia associado às questões linguísticas, valemo-nos do que se apresenta em

Charaudeau (2009: n.p[2]), quando expõe três razões que avalizam o aproveitamento desse conceito sociológico no âmbito dos estudos linguísticos. Em primeiro lugar, para o pesquisador francês, a temática da identidade justifica a existência do estabelecimento das questões linguísticas em posição central, tendo em vista que o discurso é responsável por tecer as ligações entre ciências como a sociologia, a psicologia social e a antropologia, tendo em vista que todas elas levam em conta os "mecanismos linguageiros"; em segundo lugar, o discurso, quando surge totalmente desconexo de um contexto social e linguístico-discursivo, pode dizer pouco acerca de quem se fala; por último, há a existência de um indivíduo/interlocutor "que se constrói através de sua identidade discursiva, que, no entanto, nada seria sem uma identidade social a partir da qual se definir".

Por essas razões, o conceito de identidade adotado neste trabalho toma como ponto de partida o que se apresenta em Woodward (2003), observando a possibilidade de estabelecermos um ponto de contato entre os estudos linguísticos e os sociológicos, pois a linguagem é o material fundamental para expressar o que se apresenta na sociedade.

A linguagem, tomada como sinônimo de discurso, grosso modo, é o que estrutura desde o pensamento até o mundo objetivo, as relações entre os diversos interlocutores organizados em sociedades, além de ser por meio dela que interagimos com os outros.

---

[2] Não há indicação de paginação, pois o artigo foi retirado da página do pesquisador na internet (http://www.patrick-charaudeau.com), na qual as páginas não possuem numeração. Utilizamos a marcação n.p – não paginado, para indicar essa ausência.

Para Woodward (2003), a identidade institui-se de modo relacional e a diferença estabelece-se por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. A identidade é “fluida” no sentido de poder se modificar de sociedade para sociedade, de cultura para cultura e de tempos em tempos. Ao tomarmos, por exemplo, a identidade feminina que se constrói no Brasil de hoje, há diferença na concepção identitária que tínhamos no início do século XX.

De acordo com a pesquisadora (2003:14), a identidade vincula-se a condições sociais e materiais e aos processos sociais e simbólicos, que são necessários para a construção e manutenção das identidades, pois “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído”.

Desse modo, a linguagem como representativa do simbólico funcionaria como uma ferramenta de manutenção de um discurso que concebe a mulher como identidade detentora de um espaço social mais restrito ao privado, ou pelo contrário, subverteria tais questões, marcando a mulher como um ser social que vem ganhando mais espaço no âmbito público da sociedade, buscando manter-se nesse espaço.

No que concerne à representação de identidades, Woodward (2003:17) defende que:

> a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ele se baseia fornecem possíveis respostas às questões:

> Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares e a partir dos quais podem falar.

Do mesmo modo, o discurso acerca da mulher, quer seja produzido por mulheres ou não, também se modificou. No âmbito da mídia, no passado, revistas e jornais abriam espaço para discutir questões relacionadas ao casamento e ao modo como a mulher deveria se comportar. Bassanezi (2002:609) afirma que, nas revistas e nos jornais dos anos 50, no Brasil, as imagens femininas e masculinas "mais do que refletir um aparente consenso sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes de sua época", talvez, a mídia, em seus diversos veículos, também promova os valores dominantes de nossa época, nos dias de hoje.

Para ilustrar o discurso sobre e para a mulher, nos séculos XIX e XX, destacamos dois discursos bem distintos, que carregam marcas discursivas recorrentes e similares, revelando o modo pelo qual relacionamos discurso à representação/ constituição de uma identidade:

1) Discurso literário de Nísia Floresta, brasileira, pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha, publicado no Brasil, em 1832[3]:

> Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens [...] Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil prever do que provar. (FLORESTA, 1832[4])

2) Discurso da mídia: Revista Querida de novembro 1954:

---

[3] Livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens", tradução da obra "Vindications for the rights of woman", da inglesa Mary Wollstonecraft, publicada em 1792.
[4] in TELLES, 2002:406

> Lugar de mulher é o lar [...] a tentativa da mulher moderna de viver como um homem durante o dia, e como uma mulher durante a noite, é a causa de muitos lares infelizes e destroçados [...] Felizmente, porém, a ambição da maioria das mulheres ainda continua a ser o casamento e a família. Muitas, no entanto, almejam levar uma vida dupla: no trabalho e em casa, como esposa, a fim de demonstrar aos homens que podem competir com eles no seu terreno, o que frequentemente as leva a um eventual repúdio de seu papel feminino. Procurar ser à noite esposa e mães perfeitas e funcionária exemplar durante o dia requer um esforço excessivo [...]. O resultado é geralmente a confusão e a tensão reinantes no lar, em prejuízo dos filhos e da família. (Querida, Nov. 1954[5])

Nos dois discursos, há a busca de se criar um lugar pertinente à figura feminina, tendo em vista que aparecem elementos discursivos referentes, sobretudo, ao lar. O espaço público, relegado às mulheres, era tido como domínio do homem.

Desse modo, o discurso produzido para e sobre as mulheres tem a capacidade de construir uma identidade que se quer para a mulher, ao mesmo tempo em que revela sua identidade, reflexo de uma circunstância social e discursiva. A identidade da mulher pode ser constituída a partir de uma conjuntura social e discursiva que vem se resignificando, na medida em que o discurso construído sobre sua figura e a partir dela também se modifica.

Há uma inter-relação entre discurso e identidade, na medida em que o discurso, ao mesmo tempo em que constrói ou revela um ser social, também se constitui como porta voz da identidade de quem fala e de quem se fala. A identidade é erigida por meio das interações sociais e está ligada às representações que se fazem de um sujeito social; a linguagem é um dos modos pelos quais a identidade se manifesta. Desse modo, ela se modifica

---

[5] In: Bassanezi, 2002:624.

junto às práticas sociais, sendo constantemente construída e reconstruída permeada por relações discursivas.

A representação de uma identidade discursiva é entendida como um processo contextual, discursivo e cultural que pode estabelecer identidades individuais e coletivas.

No campo dos estudos discursivos, o processo da construção do sentido ou de identidades pode ser constituído por meio do contexto discursivo-social, no qual encontramos os elementos para a identificação de características e de particularidades de determinado interlocutor, impressas no discurso produzido por ele ou sobre ele.

Para Gregolin (2007:15) “os efeitos de sentido materializam-se nos textos que circulam em uma sociedade”, e, pensando na circulação dos discursos/textos de Dilma, há que se ressaltar a influência da mídia na compreensão acerca da construção de identidades, visto que não só o discurso político propriamente, mas também a mídia é concebida como produtora social de sentidos. É, ainda, Gregolin (2007:16) quem afirma:

> Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” (...) é ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

Se fossem estabelecidas categorias rígidas que pudessem ser preenchidas somente por uma característica definitiva e limitada, classificando os indivíduos em um único conjunto, perderíamos toda gama de sentidos que o discurso acerca de determinado interlocutor ganha ao se relacionar com cada interlocutor particular de seu discurso, tendo em vista suas crenças e vivências. Também se estabelece uma relação intrínseca entre a constituição de sentidos

e de identidades com a sociedade na qual o discurso é veiculado e na qual seus interlocutores estão inseridos, observando as diferentes culturas e contextos, que produzem diferentes e variadas identidades discursivas.

Como extensão do conceito, não no âmbito da Sociologia, mas sim no campo da Análise Crítica do Discurso, que compreende o uso da linguagem como prática social e como um "modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença" (RESENDE; RAMALHO, 2006:26), há a distinção de três aspectos dos efeitos constitutivos do discurso, ressaltando que ele contribui para a construção de identidades sociais e colabora para a construção das relações sociais entre as pessoas, estabelecendo, assim, os sistemas de conhecimento, de crença e de significação do mundo e de seus processos.

Ainda no que concerne à identidade social, T.T. Silva (2003:97) observa que:

> A identidade social não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Desse modo, a identidade é permeada pelas estruturas discursivas que a constituem, criando processos de representação de determinado grupo cuja referência se constrói na relação entre o grupo, o discurso e seus interlocutores.

Bauman (2005) defende que não é possível fundar identidades com base em um modelo preestabelecido; sua constituição deve ser vista como um

processo, assim como sua compreensão e análise, pois a identidade é construída e modificada por intermédio da interação do indivíduo/interlocutor com o contexto social; portanto, ela é ampla, incompleta, multifacetada e inconstante. Esse estudioso utiliza o quebra-cabeça como metáfora de identidade, pois são necessárias muitas peças para que ele seja montado; entretanto, esse quebra-cabeça está sempre incompleto, nunca será montado completamente e jamais saberemos quantas e quais peças faltam para sua montagem, tendo em vista a fluidez do conceito de identidade.

Para o pesquisador, a ideia de identidade está ligada à noção de pertencimento a um grupo. Na mesma linha, Ferreira (2012:74) defende que:

> o fato de um indivíduo pertencer a determinados grupos constitui sua *identidade social*[6]. Esta não se confunde com a identidade de um indivíduo, mas ao invés disso a integra. A identidade social consiste, em linhas gerais, na parte da imagem que um indivíduo faz de si que decorre do pertencimento a grupos sociais e do valor e significado emocional que se vinculam a eles.

No que diz respeito à mulher, em relação às questões identitárias, Woodward (2003:53) sugere que, do ponto de vista antropológico, há a tendência de se identificar as mulheres com a natureza e os homens com a cultura; acrescentando, ainda, que "as mulheres são identificadas com a arena privada da casa e das relações pessoais e os homens com a área pública do comércio, da produção e da política" proposição semelhante ao que encontramos em Perrot (1998:186) ao afirmar que “a política – a direção e a administração do Estado – constitui-se imediatamente como apanágio masculino”.

No que tange ao processo de representação relativo às mulheres, é

---

[6] Grifo do autor.

recorrente que se associe a figura da mulher às funções relacionadas à casa e à família, talvez tendo em vista seu percurso histórico e social. Pensando na figura da mulher e nas relações entre representação sociocultural e política, ao tratar de sua representação identitária, Gomes e Bárbara (2011:312-13) ressaltam:

> (...) o valor potencial da linguagem na manutenção, produção e transformação das representações. O modo de representar seres, coisas e entidades está na representação de aspectos do mundo físico ou mental, por meio de crenças, sentimentos, valores, realizados por meio de escolhas linguísticas instanciadas em variados contextos de situação.

Assim, a linguagem, o discurso em si é um dispositivo essencial para constituição de representações de objetos discursivos que buscam sua referência e correspondência em objetos concretos do mundo.

Podemos estender o conceito de identidade, entendendo a representação como um processo contextual, discursivo e cultural que pode estabelecer identidades individuais e coletivas. Observando a constituição da identidade discursiva coletiva da mulher brasileira, por meio do discurso político presidencial, traçamos um breve percurso do progresso da presença feminina no Brasil, buscando explicitar os passos que corroboram para a configuração do papel da mulher na sociedade brasileira, no século XXI.

## 1.2 A evolução do papel da mulher na sociedade brasileira

A temática direcionada à mulher, durante muitos anos, ocupou espaço secundário no âmbito das pesquisas relacionadas à presença feminina e seu papel na sociedade brasileira, tendo em vista o caráter de pouca representatividade e ausência dessa voz em nossa sociedade, conforme já

observamos. O estudo sobre a mulher foi se desenvolvendo de modo difuso no país, abrangendo áreas de pesquisa como História, Sociologia, Literatura, além de pesquisas ligadas às questões biológicas. Em um primeiro momento, observou-se a questão dos movimentos de organização das mulheres, como, por exemplo, o movimento das sufragistas, no início do século XX, ou o movimento feminista, das décadas de 1960 e 1970.

Podemos citar os trabalhos de Teles (2003) que apresenta, de modo breve, a história do movimento feminista no Brasil; de Del Priore (2002) que organiza um estudo de cunho histórico, acerca da mulher, conforme já o dissemos; Blay e Conceição (1991) que buscam realizar um levantamento de todas as disciplinas na Universidade de São Paulo que abordam a mulher, nas perspectivas linguística, biológica, econômica e social, procurando mostrar se há "a insuficiência dos estudos que ignoram metade da população" (1991:50); Costa, Barbosa e Sarti (1984:05) apresentam a dificuldade de circunscrever a área de estudos ligada à mulher, de modo a delimitá-la, devido à

> fluidez na demarcação de fronteiras, reivindicação de interdisciplinaridade, terreno de convergência possível entre diferentes disciplinas e terra de ninguém; pouca elaboração na construção do objeto; inexistência de espaço institucional próprio.

Scott (1995:86) estabelece o início das pesquisas ligadas às relações de gênero, constituindo um espaço de discussão para homens e mulheres. A pesquisadora afirma que "(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder". Conforme observamos no capítulo III deste trabalho, relações de poder são estabelecidas entre os detentores e não detentores do poder.

No que concerne à evolução do papel da mulher na sociedade, relações dicotômicas foram construídas, associando a figura do homem à cultura e a figura da mulher à natureza, de acordo com Woodward (2003). Nesse sentido, destacam-se os trabalhos de Perrot (1998), que apresenta como, ao homem, era reservado o espaço público, o espaço das decisões e o espaço da política; já o lugar da mulher era o espaço privado, pois a mulher pública era tida como motivo de vergonha.

Embora essas fronteiras venham, de algum modo, alterando-se, conforme já o destacamos, segundo estudiosos, ainda há a dificuldade no que diz respeito ao alcance da mulher, no âmbito do mercado de trabalho, econômico e político, conforme salienta Perrot ao indicar que a exclusão da figura feminina ocorreu de modo bastante recorrente, tendo em vista a dificuldade no acesso à informação e às posições de liderança, pois:

> quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. (...) o silêncio sobre a história das mulheres também advém de seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder. (PERROT, 2010:186)

No que diz respeito ao percurso histórico da mulher no Brasil, Del Priore (2002) apresenta a mulher brasileira desde o século XVI, buscando estabelecer qual foi, qual é e qual poderá ser o lugar das mulheres. Ela mostra o percurso da mulher no país desde a “Eva Tupinambá”, no período do Brasil Colonial, até chegar à mulher das décadas de 80 e 90, do século XX, que se organiza em prol da luta por direitos sociais e por representações inovadoras, saindo da simples “verificação das assimetrias”, em relação ao homem, para chegar “às reivindicações de igualdade de gênero” (GIULIANI, 2002:658).

Há que se considerar que, no período colonial, segundo Araújo (2002: 54), havia mulheres que “correspondiam sozinhas pela subsistência de seu lar” entretanto, eram submetidas a coerções sociais. Ainda em relação a esse período, Vainfas (2002:115) destaca que “o perfil das mulheres que habitavam o Brasil colonial manteve-se prisioneiro, por várias décadas, de um sem número de imagens, parte delas verossímil, outra parte estereotipada”.

Observando a constituição ou representação de uma identidade, podemos esbarrar em questões ligadas aos estereótipos, quando se pensa no período colonial, por exemplo, em que a representação identitária das mulheres que se vai constituindo, na maioria das vezes, não considera que a sociedade era composta por uma minoria de mulheres brancas, por índias e escravas. Assim, enquanto para parte das mulheres brancas cabia a submissão à “lei patriarcal”; havia mulheres que:

> em nada corroboram os estereótipos consagrados pelo senso comum ou pela opinião letrada tradicional. Descobrem-se, então, as mulheres de carne e osso, ganhando a vida como vendedoras de quitutes em Minas, agindo como chefes de família, sós, sem os maridos ou companheiros que saíam à cata de ouro e aventuras e não voltavam jamais. Mulheres que apesar de oprimidas e abandonadas, souberam construir sua identidade e *amansar*[7] os homens (...) mulheres que gerenciavam com conhecimento de causa, tudo o que dizia respeito à maternidade, desde os mistérios do parto até as práticas de contracepção. (VAINFAS, 2002: 116)

Contrariando estereótipos da mulher restrita ao âmbito do lar, da maternidade, ao espaço privado, constituída por anos de silêncio no que se refere à identidade da mulher, Figueiredo (2002: 142) aponta que era possível à mulher assumir papéis habitualmente ocupados por homens, como na panificação, na tecelagem e na alfaiataria; entretanto, a exclusividade da

---

[7] Grifo do autor.

participação feminina “como cozinheiras, lavadeiras ou criadas reproduziam no Brasil os papéis que tradicionalmente lhes eram reservados”. O comércio ambulante de doces, bolos, frutos, entre outras coisas era permitido à mulher, tendo em vista a influência portuguesa que pautava a divisão sexual dos papéis na sociedade e a influência africana, pois nessa sociedade era responsabilidade da mulher tarefas ligadas à alimentação e à distribuição de gêneros de primeira necessidade[8].

A despeito de a mulher poder desenvolver atividades e assumir um papel na sociedade, ainda que secundário, e apesar de ser permitido que ela possuísse terras, desde que cumprisse certos requisitos legais, assim como no caso do homem possuir terras, para elas era necessária, adicionalmente, uma autorização do pai ou do marido.

Embora pareça um dado apenas de nossa sociedade, também observamos o registro de submissão feminina em outras culturas. Clastres (1978:72), ao tratar da tribo indígena dos guaiaqui, afirma que há uma oposição muito clara que organiza e domina a vida deste grupo fortemente pautada pela divisão sexual das tarefas entre homens e mulheres, estabelecendo relações dicotômicas. Os homens caçam com seu arco, são os produtores e provedores da alimentação da tribo que, por ser nômade, não realiza atividades ligadas à agricultura, não havendo, portanto, a tarefa da coleta, destinada às mulheres na maioria das sociedades. Às mulheres resta a tarefa do transporte dos bens da tribo, da fabricação de cestos, potes, cordas para os arcos, além de cuidar das crianças, tornando-se consumidoras daquilo que o homem provê.

---

[8] No que concerne à questão dos estereótipos, destacamos que há um enfoque específico no item 1.3 deste trabalho: “Estereótipos: possíveis representações da mulher”.

O espaço do homem é o espaço da floresta, o espaço da mulher é o espaço do acampamento, no qual exercem a maternidade. Nessa sociedade, os meninos são preparados para serem caçadores e as mulheres são preparadas para serem mães e esposas. O menino aprende a fabricar seu próprio arco, a menina aprende a fabricar seu próprio cesto e apenas a morte fará com que o homem se separe de seu arco; é vergonhoso para eles carregar um cesto e é proibido para a mulher tocar o arco, o que causaria má sorte na caça.

Do mesmo modo que objetos como o arco ou o cesto adquirem uma não neutralidade tão evidente que designa o espaço de cada um, o discurso acerca da mulher também carrega consigo uma não neutralidade, pois, ao se relacionarem à prática social, as marcas do que é considerado feminino e o espaço da mulher estarão presentes no discurso. Na sociedade dos guaiaqui, se o homem não sabe manusear o arco, ele deve renunciar à sua masculinidade em virtude de não preencher sua função social; por outro lado, não há espaço para que a mulher questione ou tente modificar a visão de superioridade do homem ante a mulher.

Assim como o sentido não aprisiona o objeto imediatamente, sua manutenção será sempre necessária, como uma performance verbal que necessita ser repetida e contextualizada a todo instante. Podemos considerar o papel da linguagem na constituição das imagens “amplamente utilizadas” para distinguir determinado indivíduo ou grupo social.

Outro contraste presente na tribo reside no canto: as mulheres cantam como se estivessem chorando, cobrindo o rosto com as mãos, assumindo um canto sempre coletivo com temáticas ligadas ao lamento e à tristeza. O canto dos homens celebra os feitos do caçador, é sempre cantado em primeira

pessoa, em louvor próprio, por um único caçador, determinando, de acordo com Clastres (1978:79) “a oposição da qual partimos: único elemento realmente ‘produtivo’ da sociedade guaiaqui, o caçador tem no plano da linguagem uma liberdade de criação que a situação de ‘grupo consumidor’ proíbe às mulheres”.

A ausência de voz própria, marcada pelo canto coletivo da mulher, impossibilita que elas manifestem seus anseios e também determina o seu lugar na sociedade, tendo em vista que, na tribo, “os animais e as mulheres ocupam lugar equivalente” (CLASTRES, 1978:84), ambos “incapazes” de realizar qualquer espécie de resistência ou manifestação. Tanto o homem como a mulher estão presos a um esquema de organização social que lhe são impostos e a linguagem, por meio do canto, manifesta tais representações.

Na cultura não indígena, do Brasil Colônia, nas cidades, de acordo com Araújo (2002:51-52), para a maioria das mulheres da parcela mais abastada da população, caso não fosse educada em casa, havia espaços denominados “recolhimentos”, um ambiente de clausura, para as meninas que não fossem encaminhadas ao convento. O programa de estudos destinados às mulheres restringia-se “ao que interessava ao funcionamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar; (...) No conjunto, o projeto educacional destacava a realização das mulheres pelo casamento”, matrimônio arranjado pelo pai.

Nesse período, havia suma influência da igreja, que estimulava uma constituição identitária da mulher associada à imagem de Virgem Maria, contribuindo para que a mulher fosse vista como “a menina que tornava-se mãe, e mãe honrada, criada na casa dos pais, casada na igreja”, tendo em vista o fato de que “na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher” (ARAÚJO, 2002: 52).

No século XIX, a sociedade brasileira passou por grandes transformações, relacionadas à urbanização das cidades e à ascensão da burguesia, mas as mulheres mais abastadas mantinham-se desenvolvendo atividades ligadas ao espaço do lar. Às mulheres de elite, havia espaço para que adquirissem certo grau de instrução, porém, conforme Falci (2002: 251) afirma, essa mulher "estava restrita à esfera do espaço privado, pois a ela não se destina a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural. A mulher não era considerada cidadã política".

Pouco se modificou à imperceptível representatividade da mulher na sociedade burguesa do século XIX, em relação ao período do Brasil Colonial. De acordo com Pedro (2002:285), "o isolamento feminino nas atividades de esposa, mãe e dona de casa tornou-se forma de distinção".

Pedro (2002) afirma que, com o surgimento da imprensa no Brasil, havia a divulgação de modelos femininos a serem seguidos. Por exemplo, em 1888, o Jornal do Comércio apontava os "Dez mandamentos da mulher", a partir do quais percebemos a influência da igreja e a primazia do homem ante a mulher:

> 1° Amai a vosso marido sobre todas as coisas.
> 2° Não lhe jureis falso.
> 3° Preparai-lhe dias de festa.
> 4° Amai-o mais do que a vosso pai e vossa mãe.
> 5° Não o atormentai com exigências, caprichos e amuos.
> 6° Não o enganeis.
> 7° Não lhe subtraiais dinheiro, nem gasteis este com futilidades.
> 8° Não resmungueis, nem finjais ataques nervosos.
> 9° Não desejeis mais do que um próximo e que este seja seu marido.
> 10° Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines.
> Estes dez mandamentos devem ser lidos pelas mulheres doze vezes por dia, e depois ser bem guardados na caixinha do *toillete*.
>
> (Jornal do Comércio, 1888[9]).

[9] In: Pedro, 2002:285.

No século XIX, mulheres de classe média chegaram a fundar jornais ou periódicos voltados ao público feminino, trazendo campanhas e reivindicações em busca da educação da mulher, noticiando as conquistas das mulheres no exterior, sem, no entanto, se desprender totalmente do “reforço do papel de mãe, de boa esposa e de dona de casa” (TELLES, 2002:427) ou tocar na questão do voto da mulher.

No início do século XX, Giulani (2002: 664) retrata os movimentos das trabalhadoras na sociedade brasileira, ao afirmar que a mulher trabalhadora do século XX não aceita uma subordinação patriarcal e recusa “o papel social de dona de casa como sendo o único e prioritário”. Neste domínio, há a referência pela busca de novas concepções que possam identificar a mulher num âmbito mais amplo do que aquele atribuído à mulher dos séculos anteriores.

A conquista do voto feminino no Brasil, em 1932, é representativa, pois, ainda que tardiamente, este direito foi alcançado antes de países como Itália e França (2002:644), não representando, no entanto, novas configurações sociais que permitissem proporcionar oportunidades mais igualitárias entre homens e mulheres no campo do trabalho.

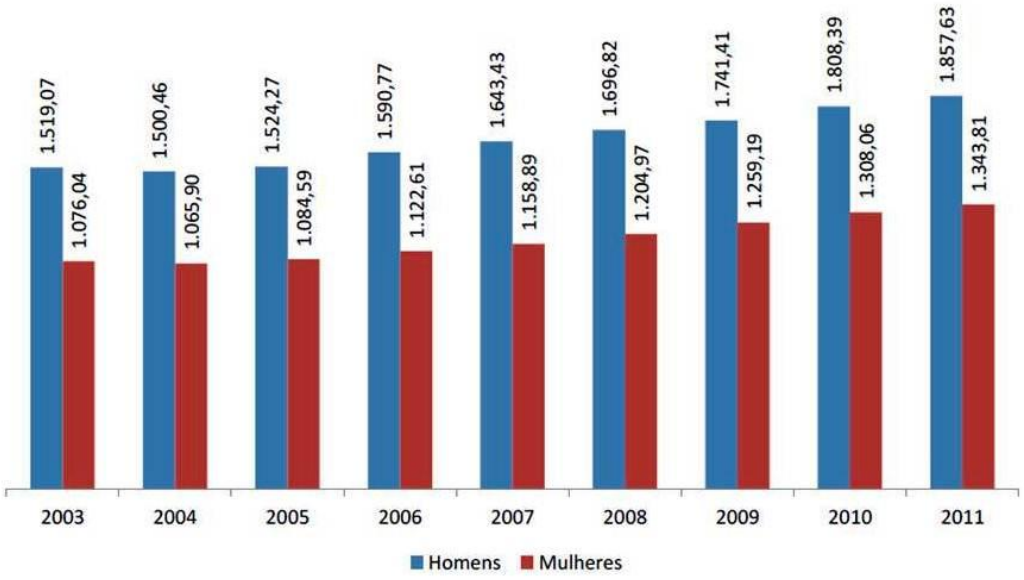
No século XX, a mulher, progressivamente, por meio de muitas lutas, vem conquistando novos espaços no âmbito do trabalho, da política, da economia e da influência social. Perrot (2010: 183) aponta que, no início do século XX, havia o “esboço ainda que tímido de uma inversão de papéis, pela “mulher emancipada” que reivindica a igualdade dos direitos civis e políticos, o acesso às profissões intelectuais e recusa, justamente, confinar-se à “vocação” materna”.

No que tange à presença da mulher no espaço do mercado de trabalho, segundo dados do estudo “Mulher e mercado de trabalho”, desenvolvido pelo

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, as mulheres representavam 53,7% da população, entretanto, representam a minoria da população economicamente ativa, com um percentual de ocupação de 45,4%. Em virtude do crescimento da escolaridade feminina, tem-se observado uma gradativa elevação na participação da mulher nos diversos setores da atividade econômica.

O rendimento salarial médio das mulheres, em 2011, foi de R$1.343,81 e o do homem, em média, foi de R$1.857,63. Observa-se que, de 2003 a 2011, período no qual a pesquisa vem sendo realizada, a mulher sempre obteve um rendimento salarial inferior ao do homem, conforme tabela a seguir:

**Rendimento médio real do trabalho das pessoas ocupadas, por sexo (em R$ a preços de dezembro de 2011) – 2003 - 2011***




FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.
*Média das estimativas mensais.

A pesquisa mostra, ainda, que foram estudados grupos de pessoas com a mesma escolaridade e pertencendo ao mesmo grupamento de atividade, a fim de evitar disparidade na comparação do rendimento médio, porém, tanto para pessoas com onze (11) anos ou mais de estudo como para pessoas com o nível

superior completo, o rendimento salarial do homem foi maior em todos os grupamentos de atividade: indústria, construção, comércio, serviços prestados à empresa, administração pública e serviços domésticos. Apenas no setor da construção, a mulher, com onze (11) anos ou mais de estudo, ganhava mais do que o homem.

Cacciamali e Tatei (2013: 55) corroboram essa constatação, ao alegarem, em relação às mulheres do Brasil e do México, que:

> A participação das mulheres cresce nos dois países, principalmente no Brasil e, em ambos os casos, o número de mulheres ocupadas com nível superior aumenta, entretanto, não há representatividade no setor privado da economia, não há um aumento significativo de mulheres em altos cargos hierárquicos ou cargos de decisão e tampouco se observam grandes mudanças na redução da desigualdade salarial[10].

A pesquisa do IBGE também mostra que a mulher brasileira está em desvantagem em relação ao homem no que concerne ao rendimento salarial, recebendo cerca de 70% do salário de um homem, exercendo a mesma função. O nível superior da mulher não aproximou seu rendimento ao do homem. Nos serviços domésticos, 94,8% dos indivíduos que exercem tal função é feminina, constatação que poderia retratar certas marcas de identificação da mulher com o âmbito privado.

No que concerne à área da pesquisa, as mulheres correspondem a praticamente metade dos pesquisadores registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entretanto, são maioria nas áreas menos valorizadas da pesquisa, pois áreas como física e engenharia

---

[10] Tradução livre de: *La participación femenina crece en los dos países, principalmente en Brasil y, en los dos casos, aumenta el número de mujeres ocupadas con nivel superior pero todavía no ejercen presión representativa en el sector privado de la economía, no hay aumento significativo de mujeres en posiciones jerárquicas altas ni en puestos de decisión como tampoco se observan grandes cambios en la reducción de la desigualdad salarial*.

ainda têm predominância masculina. Alguns pesquisadores defendem que, biologicamente, a mulher teria menos aptidão em áreas correlatas à matemática, contudo, estudos como o *Wy so few*[11], realizado pela *American Association of University Women*, no ano de 2010, mostram que o desempenho de meninos e meninas, em áreas ligadas ao raciocínio lógico, é semelhante.

Se a biologia desempenha algum papel, ela não é determinante para definir qual o caminho que a mulher estaria apta a seguir na ciência ou não, porém, estereótipos teriam a capacidade de "afastar" as mulheres de determinadas carreiras instituídas como masculinizadas.

Considerando os estudos de Perrot (2010) e pensando na representação de mulher que se pode construir, tanto o homem quanto a mulher seriam reprodutores de uma identidade discursiva cujos valores estariam direcionados ao jogo entre o público e o privado nos quais os espaços de pertencimento poderiam ser definidos a partir do gênero.

No que concerne ainda aos lugares tipicamente masculinos e femininos, Perrot (2010: 173) aponta que a relação entre as mulheres e a política é um "vasto campo de reflexão para esforços conjuntos", tendo em vista o rigor em se definir noções de identificação e pertencimento através de questões ligadas ao gênero sexual, já que, durante muito tempo, houve uma tendência de se considerar o poder político como "apanágio dos homens – e dos homens viris. Ademais, a ordem patriarcal deve reinar em tudo: na família e no Estado" (2010: 175).

---

[11] Disponível em: http://www.aauw.org/learn/research/whysofew.cfm.

Sem dúvida, é representativo o fato de termos uma mulher como Presidente do Brasil, mas também é representativo o fato de que, nos mais de 500 anos de história do país, apenas nos anos de 2010 é que foram criadas as condições para que uma mulher atingisse tal patamar na escala política e social.

O Fórum Mundial Econômico divulgou o *Global Gender Gap Report 2011*[12], relatório que distingue o grau mundial de igualdade de gênero entre os países do globo, baseado em critérios como participação econômica, educação, saúde e poder político; esse relatório indicou o Brasil como 82º colocado entre os 135 países analisados. No âmbito da política, o relatório indicava que o Brasil ocupava a 114ª posição no ranking de paridade política, considerando o percentual de mulheres no parlamento e nos ministérios e o espaço de tempo em que a mulher ocupou tais cargos.

No *Global Gender Gap Report 2012*[13], o Brasil aparece na 62ª posição, entre os mesmos 135 países analisados, no que concerne à paridade homem/mulher. A posse da Presidenta Dilma Rousseff e o percentual de mulheres ocupando cargos ministeriais, que subiu de 7% para 27%, somado à melhorias na educação fundamental possibilitaram a melhoria na classificação geral do país. No ranking de paridade política, o país ocupa a 72ª posição.

A tabela a seguir mostra as posições obtidas pelo Brasil desde 2006, início do desenvolvimento desse relatório:

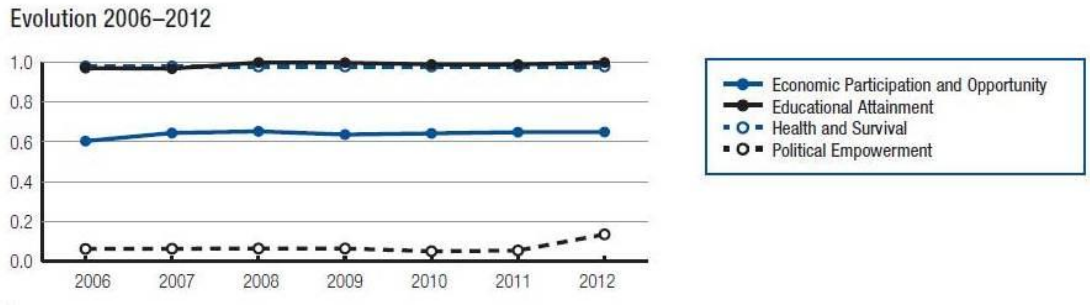
---

[12] Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GenderGap_Report_2011.pdf.
[13] Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GenderGap_Report_2012.pdf.

| | |
|---|---|
| **2006** | 67 |
| **2007** | 74 |
| **2008** | 73 |
| **2009** | 81 |
| **2010** | 85 |
| **2011** | 82 |
| **2012** | 62 |

Fonte: Global Gender Gap Report 2012.

Em uma escala de 0 a 1, na qual zero indica desigualdade e um igualdade, observa-se que, em relação à participação econômica e oportunidade (*Economic Participation and Opportunity*), o país está caminhando para igualdade entre homens e mulheres, o que já ocorre nas áreas da educação (*Educational Attainment*) e da saúde e sobrevivência (*Health and Survival*), tendo em vista que os índices estão próximos de um. Entretanto, no quesito de paridade política ou "emporaderamento" político (*Political Empowerment*), o país ainda tem um longo percurso rumo à igualdade, pois o índice, apesar de ter apresentado elevação, ainda está muito próximo de zero, conforme tabela a seguir:




Fonte: Global Gender Gap Report 2012, p.125.

Assim, há uma ruptura no que concerne a um modelo de estrutura social que observa o masculino de modo hegemônico, ao menos no que é relativo à educação e saúde, de acordo com os índices do *Global Gender Gap Report*; entretanto, ainda há um caminho a ser percorrido pela mulher. Nesse contexto, examinar o estudo das relações identitárias e das representações, permeadas pela questão discursiva, pode ser profícuo no sentido de observar se há, no discurso político presidencial de uma mulher, o esboço de uma identidade discursiva feminina que a apresente de modo emancipador, ocupando um lugar de poder e inserida em diferentes espaços.

A despeito de a mulher estar inserida em diversos ambientes, ao pensarmos no modo pelo qual ela é representada, há que se considerar a questão dos estereótipos, cuja influência interfere na constituição identitária que se propõe para a mulher. Nesse sentido, passamos ao estudo da estereotipia relacionada ao delineamento dos aspectos femininos.

## 1.3 Estereótipos: possíveis representações da mulher

A obra pioneira que fundamenta os estudos contemporâneos acerca do estereótipo, publicada em 1922, por Lippmann, é revisitada nos trabalhos de Tajfel (1981), Cabecinhas (2004) e Ferreira (2012).

Lippmann cunhou o uso do termo como “imagens” construídas na mente das pessoas, Cabecinhas (2004:04) acrescenta que, etimologicamente, “*stereo*“ significa “sólido, firme” e que, por analogia, Lipmann teria utilizado tal termo para salientar a “rigidez das imagens

mentais". Logo, o estereótipo pode apresentar atributos de ordem mais "fixa", diferentemente da fluidez característica da identidade.

Moreira *et al* (2004:121) apontam para o fato de que:

> a caracterização dos estereótipos exige que sejam feitas referências aos seus elementos descritivos e avaliativos, uma vez que eles têm sido amplamente utilizados, não apenas para descrever os comportamentos e os traços de um determinado grupo social, mas também para se referir a atributos positivos ou negativos de determinadas categorias sociais. Dessa forma, apesar de os estereótipos não poderem ser igualados aos preconceitos, pode-se dizer que eles carregam um forte componente avaliativo-atitudinal.

Assim, o estereótipo se relaciona à questão da atribuição de espécies de categorias aos grupos sociais, divisões que rotulam e agrupam os sujeitos. Ele é impreciso por se encontrar muito próximo aos processos de generalização, não refletindo necessariamente a realidade ao manifestar um "juízo" acerca de algo que não se conhece plenamente. Entretanto, como ele aparece cristalizado na sociedade, é um poderoso formador de opinião, na medida em que tem a capacidade de construir identidades por meio de processos de referenciação, quando pensamos nas relações que são estabelecidas entre o discurso, os estereótipos e a identidade.

O estereótipo pode ser considerado uma espécie de expectativa que se cria em relação ao interlocutor para o qual o discurso está sendo dirigido e em relação ao indivíduo construído no e pelo discurso. A reprodução de estereótipos é capaz de contribuir para a formação da imagem/ identidade que se constrói de um sujeito ou de um grupo social, podendo gerar o preconceito, em virtude de seu caráter avaliativo, num certo sentido. O discurso faz emergir um estereótipo, ressaltando que ele é diferente de preconceito, tal que a estereotipia pode gerar o preconceito, mas não se confunde com ele. Do

discurso estereotipado ou não estereotipado, podemos depreender uma identidade. Assim, estereótipo e identidade estão intrinsecamente relacionados, tendo em vista que a rigidez do primeiro contribui para o contorno do segundo, pois ambos são socialmente construídos e revelados pelo discurso.

Na mesma linha, pensando nos papéis sociais atribuídos às mulheres, Brunelli (2012: 114) ressalta que:

> os estereótipos refletem os papéis sociais da mulher, o que se espera que ela faça ou que continue fazendo. Nesse sentido, o estereótipo é efeito de uma distribuição social de papéis, o que supera a questão da verdade e põe no centro das reflexões o uso que se faz dos estereótipos. Não se trata, portanto, de comprovar ou não a exatidão dos esquemas coletivos cristalizados, mas de verificar como os estereótipos afetam a vida social e a interação entre os grupos.

O estereótipo pode ser considerado uma espécie de representação cognitiva, aceito socialmente, constituído e reforçado pelos indivíduos na sociedade. Nesse sentido, observar o modo como uma sociedade compartilha e reproduz os possíveis sentidos que o estereótipo traz à tona é ferramenta essencial para esboçar como a figura feminina é concebida e revelada pelo discurso.

Lippmann (1922) pontua que as pessoas não têm a oportunidade de conhecer uns aos outros em detalhe e, por essa razão, constroem imagens mentais dos grupos e dos indivíduos por meio de um de seus atributos. Um estereótipo frequente apresenta a mulher de acordo com um de seus atributos: a maternidade. Ferrarezi, Romão e Pacífico (2012: 251), em pesquisa sobre os dizeres acerca das mulheres em blogs, ressaltam que:

> a regularidade como o significante “mãe” aparece e retorna é um indício de como a condição de ser mulher está colada aos sentidos dominantes de maternidade, procriação e prole, tão repetidos sócio-historicamente quando a mulher cabia apenas no universo do lar.

Mulheres referenciadas como: o “sexo frágil”, as “mães”, as “donas-de-casa”, as “esposas” e as “emotivas”, são alguns dos estereótipos que tendem a reforçar e associar a figura da mulher ao âmbito privado e ligado à submissão, remetendo a uma ideia de inaptidão e de fragilidade que influencia a concepção identitária que a sociedade cria da mulher e que, de fato, materializa-se discursivamente, quer seja em propagandas nas revistas, jornais e televisão, quer seja no discurso da política. Também há um apelo para os atributos físicos da mulher jovem, em mais uma de suas possíveis representações estereotipadas.

Ainda, pensando nos estereótipos que o discurso acerca das mulheres pode produzir e reproduzir, Finamore e Carvalho (2006: 03) afirmam que:

> as escolhas feitas pelos indivíduos e pelos grupos sociais, com suas histórias peculiares e existências, são guiadas não apenas pela racionalidade pura ou pela absoluta emoção, mas também pela maneira pelas quais diferentes discursos os atravessa. O confronto entre eles armazena a tensão entre a razão e a afeição, as palavras e as imagens, e abrange as relações de poder, nem sempre tão manifestas, que os caracterizam[14].

Ao observarmos a influência dos estereótipos no mercado de trabalho, na mídia, nos variados campos de atuação feminina e nos discursos para e sobre as mulheres, há que se considerar que um estereótipo pode operar nos indivíduos, exercendo influência na formação de sua concepção identitária de determinado objeto real ou objeto do discurso.

---

[14] Tradução livre de: *The choices made by individuals and social groups with their peculiar histories and existences are thus guided, not only by pure rationality or by absolute emotion, but also by the manner that they are traversed by these different discourses. The confrontation between them stores the tension between reason and affection, words and images, and encompasses the nearly always hidden power relations that characterize them*.

Em relação aos estereótipos, sob o viés masculino, Nogueira e Saavedra (2007:26) ressaltam que:

> a força dos estereótipos mantém-se e continua a servir a ideologia masculina dominante. Os estereótipos parecem resistir a orientações políticas, a evidências provenientes quer de experiências pessoais quer de estudos de investigação. Apesar de a investigação deixar de estar centrada na questão de saber se há ou não diferenças e de ter passado a orientar-se para outras questões, não tem alterado o grande peso e consequência das pesquisas sobre os estereótipos. Estes mantêm-se. E, por isso, é importante perceber como estes ganharam força, perceber para que servem, de forma a compreender como devemos actuar para os desconstruir.

Assim, além de se considerar que as escolhas discursivas estabelecem possíveis identidades, temos que pensar se a identidade é ou não a retomada de estereótipos, funcionando como um mecanismo de manutenção de um discurso predominantemente masculino e patriarcal que atribui determinados espaços de pertencimento à mulher. Vieira (2005: 210) ressalta, em relação ao interlocutor, sujeito do discurso, ao tratar dos estereótipos:

> A ausência de um paradigma preponderante para defini-lo provoca o aparecimento de complexa rede de sentidos, mantida pelo discurso, cujo papel é constituir a identidade do sujeito contemporâneo. As diferentes ordens do discurso, responsáveis pelas mudanças do sujeito, constituem a identidade feminina e, por estarem submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitem a construção social da subjetividade da mulher.

Refletindo acerca dos paradigmas que podem estabelecer o que é considerado adequado aos homens e às mulheres e tomando o ambiente da política como espaço de não pertencimento da a figura feminina, passamos à discussão sobre a configuração do discurso político e o modo como Dilma Rousseff, enquanto mulher e representante da figura feminina, no referido espaço, posiciona-se nesse contexto.

# Capítulo II – A mulher na política e a relação entre o discurso político e a mídia

A discussão em torno do discurso de Dilma Rousseff requer que se proceda à abordagem acerca da concepção e configuração do discurso político, para que, conhecendo-se a história, possa-se voltar melhor atenção ao percurso da mulher na política brasileira e ao discurso político presidencial, além da relação entre o discurso político e a mídia. Esse é o encaminhamento dado ao presente capítulo.

## 2.1 O discurso político

### 2.1.1 A política na Antiguidade

Segundo Cazarin (2011:36), Aristóteles tomava a política como "a ciência da felicidade humana" e dizia que seu objetivo seria descobrir um modo para que os cidadãos, na *pólis,* encontrassem a felicidade. Na sociedade grega, o espaço da cidade tinha um valor fundamental para os cidadãos, pois ela se sobrepunha ao indivíduo, a despeito de ele ser o detentor da fala e da capacidade de raciocínio para conduzir aquele espaço público.

O discurso ganha uma dimensão política em determinado contexto, pois é por meio dele que na discussão "sobre as questões do mundo em comum que a ação assume caráter político específico, que se manifesta no espaço público (esfera pública)", de acordo com Cazarin (2011:38).

Na Retórica Antiga, o discurso político tinha uma significação diferente da concepção de discurso político que observamos nos dias atuais. Tal discurso, enquanto gênero do discurso retórico é aquele orientado para o bem comum da sociedade, a questão discutida por ele pode referir-se a algo útil ou nocivo à sociedade, sendo que o papel do orador seria dissuadir seu auditório do vício e persuadi-lo ao bom, honesto e justo. O tempo do discurso político é o tempo futuro, ainda no contexto retórico, pois o auditório, geralmente uma assembleia com o poder deliberativo, é quem precisa ser persuadido pelo orador. Tinha por finalidade decidir acerca das questões da sociedade e da cidade e era realizado no contexto de uma assembleia

Nos gêneros oratórios, há a preocupação com o que se diz e como se diz, diferentemente dos gêneros poéticos, cuja preocupação é apenas com o modo como se diz no que concerne à “forma” do discurso; já no gênero filosófico, a preocupação é centrada naquilo que é dito.

A Retórica Antiga corresponde à técnica oratória e discursiva que visava persuadir, utilizando argumentos adequados. Baseava-se no provável e no verossímil. Sua finalidade podia ser nobre, quando pretendia mover (movere), média, quando pretendia deleitar (delectare), ou simples, quando pretendia ensinar (ducere). O orador que dominava a técnica e fazia seu uso de modo justo e adequado liderava multidões.

Na Antiguidade, para que o orador conseguisse atingir seus objetivos persuasivos, era necessário que ele lançasse mão de mecanismos argumentativos e discursivos com intuito de garantir a efetividade de seu discurso. Aristóteles (2006) aponta que, por meio de provas, o orador pode

conseguir a adesão de seu auditório à sua causa e que tais provas podem ser extrínsecas ou intrínsecas.

O discurso, o modo como é proferido e os argumentos utilizados contribuem para constituição da imagem do orador/ interlocutor, além de colaborarem para a aceitação ou não do auditório/ interlocutor à proposição do discurso, especialmente no que concerne ao discurso político.

### 2.1.2 O discurso político nos dias atuais

No âmbito dos estudos da linguagem, nos dias atuais, ao tratarem do discurso político, há diferentes propostas dos pesquisadores, conforme passaremos à indicar. Charaudeau (2006) explora o discurso político na busca de encontrar um domínio que evidencie quais são as condições gerais e as estratégias necessárias para que tal discurso seja constituído.

Assim como no período retórico, a linguagem e o discurso são considerados como constitutivos, de certo modo, do discurso político, pois ele só pode ser estabelecido por meio da palavra, na medida em que há um interlocutor "sujeito político" incutido de um poder que lhe foi conferido, dirigindo-se ao "interlocutor sociedade". No tocante à relação entre o estudo do discurso político como processo de influência social, para Charaudeau (2006:39):

> O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de

> persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos. A ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso.

O autor apresenta os desafios de se trabalhar com o discurso político, ao afirmar que há diversos lugares nos quais se produz o pensamento político. A organização deste pensamento pode ser influenciada pela maneira como as pessoas interagem e constroem as imagens dos partícipes do discurso, visto que o discurso da política pode ser, enquanto sistema de pensamento:

> o resultado de uma atividade discursiva que procura fundar um ideal político em função de certos princípios que devem servir de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos. (CHARAUDEAU: 2006, 40).

Ainda de acordo com Charaudeau (2006:16), a “palavra política” se inscreve em uma prática social, circula em certo espaço público e tem algo a ver com as relações de poder que aí se instauram. Diante das relações de poder que o discurso pode instaurar, a linguagem é capaz de ser trabalhada de modo a construir e reconstruir crenças e identidades sociais, além de refutar ou reafirmar valores sociais.

Van Dijk (1997) procura apresentar o discurso político sob a perspectiva das relações de poder. Aquino (2010), por seu turno, analisa o discurso político pelo viés da argumentação e da análise do discurso, para tratar das relações de poder. Piovezani (2011) trabalha com a questão da voz e dos efeitos de sentido criados pelo discurso político, buscando evidenciar novas tendências de estudo. Silva (2011), por sua vez, analisa o discurso político em uma perspectiva sociológica, mas relacionada à análise do discurso.

Ao questionar “o que é o discurso político?”, Van Dijk (1997:12) afirma que “a resposta mais fácil, e não totalmente equivocada, é que o discurso

político é identificado por seus *atores* ou *autores*, *viz*., os políticos”[15]. Para ele, os políticos são entendidos como os componentes centrais desse tipo de discurso, sendo caracterizados como um grupo de pessoas remuneradas para exercer uma atividade política ou um grupo de pessoas eleitas para ocupar um lugar de poder.

Temos de considerar, entretanto, a possibilidade de que o discurso de qualquer cidadão de uma sociedade adquira um caráter político, se a situação de comunicação permitir; porém, por uma questão de delimitação, assumimos, neste trabalho, que o discurso político é aquele proferido por qualquer “ator político”, quer seja um Prefeito, Deputado, Governador ou Presidente.

Optamos por adotar a “definição” de discurso político como aquele proferido por um sujeito instituído, pelo povo, de um “poder político”, tendo em vista a complexidade que abrange os diversos atores envolvidos na definição do que efetivamente é o discurso político. Entendemos que é possível que o discurso de um simples cidadão também tenha um caráter político, entretanto, ele não dispõe do poder de definir os rumos da sociedade enquanto representante escolhido, eleito, para tal.

No discurso político, são utilizadas as mais diversas estratégias para atingir o maior número possível de pessoas e obter a adesão desses interlocutores. Para Charaudeau (2006: 186), o propósito do discurso político “concerne a tudo o que toca à organização da vida em sociedade e ao governo da coisa pública”, assim como para Aristóteles, o pesquisador francês propõe que a ação política busca o “bem soberano” para a sociedade.

---

[15] Tradução livre de: *“The easiest, and not altogether misguided, answer is that political discourse is identified by its actors or authors, viz., politicians”.*

Reyes (2011: 784) considera que o discurso político refere-se a um gênero que envolve atores políticos falando publicamente[16]; para ele:

> a configuração contextual valida a autoridade do político, e o poder permite que o político apresente seu discurso como verdade. Consequentemente, a autoridade institucional do discurso valida a verdade ou a credibilidade da mensagem política (que é a interpretação do ator político em relação aos eventos)[17].

Nesse sentido, Van Dijk (1997) lembra que podemos encontrar problemas quando tentamos estabelecer, dentre inúmeras possibilidades, as propriedades e o domínio de qualquer espécie de discurso, ressaltando que a especificidade do discurso político pode ser encontrada nas relações que se podem estabelecer entre estruturas discursivas e estruturas do próprio contexto político. O autor observa que "embora haja muitas maneiras de abordarmos os problemas da definição e delimitação, nós podemos, afinal, observar todo o *contexto* como decisivo para a classificação do discurso como 'político' ou não." (1997:14)[18].

Esse estudioso (2008) destaca que são muito complexas as relações entre as estruturas sociais e discursivas, pois, na língua, do ponto de vista gramatical, não faz diferença chamar uma pessoa de "terrorista" ou de "lutador pela liberdade" (2008:13) em uma sentença; entretanto, do ponto de vista das relações de poder que podem se estabelecer, há uma implicação em tal seleção, visto que o posicionamento e a ideologia que estão manifestados por

---

[16] Tradução livre de*: "Political discourse refers to a genre that involves political actors speaking publically".*

[17] Tradução livre de: "*The contextual setting validates the authority of the politician and that power allows the politician to present his speech as truth. Consequently, the institutional authority of the discourse validates the truth or credibility of the political message (which is the political actor's interpretation of the events)".*

[18] Tradução livre de: "*Although there are many more ways we may approach the problems of definition and delimitation, we may finally take the whole context as decisive for the categorization of discourse as 'political' or not".*

intermédio do discurso podem interferir na prática social, pois ganham novas significações.

No que se refere às instâncias que podem fazer parte do domínio do discurso político, van Dijk (1997) propõe que, do ponto de vista interacional:

> devemos incluir também os diferentes *destinatários* nos eventos comunicativos políticos, como o público, as pessoas, os cidadãos, as 'massas', e outros grupos ou categorias. Isto é, uma vez que nós situamos a política e os seus discursos na esfera pública, aparecem muito mais participantes no palco da comunicação política (van DIJK, 1997:13)[19]

Desse modo, há que se considerarem as diversas instâncias que perpassam o discurso político, desde um direcionamento a um cidadão até às massas populacionais. Nesse sentido, a mídia também representa influência significativa no âmbito do discurso político, sendo capaz de impulsionar ou enfraquecer um candidato em pesquisas de opinião, dependendo da arquitetura do discurso.

Assim, o discurso político além de estabelecer relação com os cidadãos, com a esfera pública em geral, também estabelece estreita relação com a mídia, adequando-se aos suportes e aportes que esta proporciona, conforme observamos no último item deste capítulo.

O discurso político é orientado, visto que apresenta um direcionamento para um público particular, e se desenvolve em um tempo e espaço determinados, posto que obedece a certas circunstâncias para ocorrer.

Podemos relacionar as proposições de Charaudeau e de van Dijk ao que Bourdieu (1996) chama de "representações sociais", no sentido de que, na

---

[19] Tradução livre de: *"we therefore should also include the various recipients in political communicative events, such as the public, the people, citizens, the `masses', and other groups or categories. That is, once we locate politics and its discourses in the public sphere, many more participants in political communication appear on the stage".*

medida em que o discurso pode construir identidades, ele também constrói representações sociais, pois:

> O que circula no mercado linguístico não é a "língua", mas discursos estilisticamente caracterizados, ao mesmo tempo do lado da produção, na medida em que cada locutor transforma a língua comum num idioleto, e do lado da recepção, na medida em que cada receptor contribui para *produzir* a mensagem que ele percebe e aprecia, importando para ela tudo o que constitui sua experiência singular e coletiva. (BOURDIEU, 1996:25)

A especificidade da análise do discurso no âmbito do discurso político surge na medida em que o discurso pode ser visto não apenas como uma parte do sistema da língua, mas sim enquanto um ato social que produz reflexos na sociedade. Assim, consideramos o discurso como atividade social, pois cada indivíduo só realiza sua língua coletivamente, tendo em vista o reflexo e influência que seu discurso poderá apresentar para o todo linguístico.

Para Rossi-Landi (1985:69) "é apenas devido ao fato de responder às necessidades da comunidade inteira que aquela responde às necessidades do indivíduo", visto que a linguagem, aqui tomada como sinônimo de discurso, ganha significação não apenas no momento de sua enunciação, mas sim no momento em que se considera todo o contexto comunicativo e os discursos e representações presentes no inconsciente coletivo.

Dessa forma, o modo como uma pessoa emprega a linguagem leva em conta o contexto social que a circunda e que a constrói, já que a significação do discurso, produto da linguagem, se dá no espaço "coletivo de onde foram retirados seus materiais e instrumentos" (ROSSI-LANDI, 1985: 71). Charaudeau (2008:53) corrobora essa ideia afirmando que "as significações do discurso político são fabricadas e mesmo refabricadas, simultaneamente, pelo dispositivo da situação de comunicação e por seus atores".

Prosseguindo com a discussão, buscamos em Piovezani (2011:167) a seguinte posição: “o discurso é objeto de desejo, de saber e de poder, mesmo nas sociedades mais democráticas, mesmo nas situações discursivas aparentemente igualitárias”, de modo que o político procura ser representado por um discurso que se propõe persuasivo, posto que busca atingir o maior número possível de pessoas.

O discurso político pressupõe, também, um auditório e a constituição da identidade discursiva de um governante, além da composição da projeção de uma identidade da população para a qual o discurso é dirigido, num certo sentido, pois ele pode estabelecer uma “identidade social do falante” que é capaz de “incidir sobre a produção de efeitos de verdade de um conjunto de enunciados, na medida em que estabelece imagens do enunciador e o inscreve em determinada posição num campo institucional” (PIOVEZANI, 2011:166).

Tomamos, pois o ator político “Presidenta” como representativo desta autoridade institucional e detentor de um lugar de poder que lhe confere um caráter “valorativo” ao seu discurso, assim, passamos a discutir, especificamente, questões atinentes ao discurso político presidencial.

## 2.2 O discurso político presidencial

Uma das especificidades do discurso presidencial reside no fato de ser ele atribuído à entidade detentora do lugar de poder “presidente da nação”. O próprio discurso por si só necessita de uma referência externa, não discursiva. Para ser tomado como tal, é necessário que os interlocutores, situados em um

contexto, tenham conhecimento de quem é a figura representativa nesse discurso.

O discurso proferido pelo líder de uma organização social também pode assumir um caráter político, entretanto, esse discurso em si não possui a “autoridade” que o discurso de um sujeito instituído como “sujeito político” pode carregar, digamos assim, na medida em que foi eleito pelos cidadãos de uma cidade ou nação, o que lhe confere, portanto, um lugar de poder, um lugar de autoridade para poder falar e agir.

O discurso político presidencial, além de ser uma representação, também é uma reconstrução, no sentido de que esse discurso é “arquitetado” com o objetivo de reconstruir uma opinião ou construir uma imagem e, simultaneamente, induzir a opinião do outro, atrelando a figura da mulher à determinadas proposições, quer seja por meio da emoção, quer seja por meio da razão.

Ressaltamos que o discurso se materializa em um lugar determinado, leva em conta o tempo, o espaço e seu destino. Além disso, o discurso é valorado socialmente, pois que só há linguagem quando há sujeitos sociais. Ele sempre pressupõe um potencial interlocutor com responsabilidade responsiva acerca do que foi dito – visto que não somos meros ouvintes, mas sim interlocutores ou colocutores do discurso de outrem – e pode provocar eco no discurso de seus interlocutores, de modo que construímos e somos construídos discursivamente em uma infinita inter-relação.

O discurso de um presidente não é uma simples e mera reprodução descritiva da realidade, posto que não a representa de modo integral, mas se

vincula diretamente à realidade, pois ele ganha significação por meio dela e é orientado, portanto, de modo coletivo à realidade, considerando que não podemos dissociar o discurso do contexto social no qual ele é produzido.

Baseando-nos em Charaudeau e Mangueneau (2004), tomamos dois planos diferentes e indissociáveis na análise do discurso presidencial:

1) Plano discursivo e

2) Plano da realidade discursiva

No plano discursivo, o locutor “presidente” constrói seu discurso que se justapõe ao plano da realidade discursiva, visto que é uma realidade construída pelo discurso, mas que interage com a realidade externa ao discurso.

Se compreendermos que o discurso pode se realizar em uma perspectiva dupla na qual interação e lugar social se colocam, ressaltamos que não podemos confundir o status social do locutor com o sujeito empírico, pois há diferença, conforme relembra Amossy (2011:122), há o ser do discurso e o ser do mundo.

Pesquisas acerca do discurso político presidencial foram realizadas por A. M. Silva (2010), cujo objetivo é trabalhar a questão do *ethos* de Getúlio Vargas; Aquino (2005) desenvolve trabalhos acerca deste tipo específico de discurso quando procede à investigação do discurso de Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil, na Organização das Nações Unidas, ou quando analisa o discurso dos presidenciáveis de 2002, em Aquino (2003), para discutir, especificamente, o discurso de Ciro Gomes.

Noronha (2008), por sua vez, observa a constituição de uma linguagem política “ideal” de presidente analisando os discursos de Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula da Silva; em Aquino (2010), apresenta-se uma

discussão acerca do discurso político presidencial e das relações de poder que podem ser estabelecidas por meio do discurso da mulher na política.

No que se relaciona ao discurso político presidencial e às mulheres no domínio da política, podemos citar Cestari (2011) que propõe uma discussão relacionada à constituição da mulher enquanto sujeito político no âmbito do feminismo no Brasil e na Argentina. Oliveira (2011), por sua vez, estuda a legitimação do discurso da mulher enquanto detentora de novo lugar de poder, no Brasil, analisando o discurso de Dilma Rosseff na ONU; já Verzola e Figueiredo (2011) e Verzola (2012), tratam do ethos retórico no discurso de presidentas.

Em virtude de termos por proposta observar o discurso de uma mulher no âmbito da política brasileira atual, apresentamos discussões sobre o papel da mulher no contexto político do país, observando o percurso instaurado, para melhor compreendermos o que se enuncia no próximo item deste Capítulo.

## 2.3 A mulher na política do Brasil

O acesso da mulher à política e ao poder político no Brasil foi marcado por resistências e dificuldades, posto que, tanto o direito de votar como o direito de se candidatar a qualquer cargo político era negado às mulheres. Entre o final do século XIX e início do século XX, foi principiada a luta da mulher por seu espaço no âmbito da política de modo mais evidente.

Na elaboração da primeira Constituição da República, no ano de 1890, o movimento pelo voto das mulheres deu seus primeiros passos com César Zama e outros políticos que defendiam o sufrágio universal. Em 1891, mesmo

não havendo nenhuma lei concreta que impedisse o direito de votar das mulheres e a despeito de alguns políticos se organizarem para que fosse possível a participação feminina na vida política do país, havia uma série de políticos contra tal proposição o que acabou por impedir a concretização do sufrágio.

Cerca de 40 anos decorridos desses primeiros movimentos e após lutas, tentativas frustradas de estabelecimento de emendas e de projetos de lei nos quais fosse permitido o voto às mulheres, somente em 1932, no governo de Getúlio Vargas, foi deliberado o voto "sem distinção de sexo"[20], mediante alistamento, embora sem a obrigatoriedade do voto para o sexo feminino.

Em 1933, na Assembleia Nacional Constituinte, pela primeira vez no país era possível à mulher votar e ser votada; assim, em 1934, Carlota Pereira de Queiróz foi a primeira deputada federal eleita e, no mesmo ano, Bertha Lutz também assumiu o cargo de deputada. A partir deste momento, algumas mulheres ocuparam cargos públicos até o golpe do Estado Novo em 1937.

Dez anos depois, em 1947, Maria Conceição da Costa Neves tornou-se deputada estadual, em São Paulo, reeleita por cinco mandatos até a cassação de seus direitos políticos pelo AI 5, em 1969. Ela foi a primeira mulher a assumir a presidência de uma Assembleia Legislativa no país. Em 1979, Eunice Michiles tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de senadora, após o falecimento do senador João Bosco de Lima.

---

[20] Decreto Lei nº21.076 de 24 de fevereiro de 1932.

Somente em 1990, Júnia Marise Azevedo Coutinho e Marluce Pinto puderam ser eleitas ao senado por voto direto. Em 1995, Roseana Sarnei foi a primeira mulher a assumir o cargo de governadora no Brasil.

Em 1989, houve a primeira candidatura feminina à presidência da República; a candidata foi Lívia Maria Pio de Abreu, que ficou em 17º lugar; em 1998, Thereza Tinajero Ruiz candidatou-se à presidência e obteve 0,25% da adesão popular. Nas eleições de 2002, não houve nenhuma candidata mulher. No ano de 2006, o processo eleitoral contou com a candidatura de Heloísa Helena e de Ana Maria Rangel, respectivamente com 6,85% e 0,13% dos votos.

Nas eleições de 2010, duas mulheres novamente se candidataram à presidência: Dilma Rousseff e Marina Silva. Dilma conseguiu 46,91% dos votos no primeiro turno, enquanto Marina obteve 19,33%, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral. Dilma Rousseff foi eleita no segundo turno, com um percentual de 56,05% dos votos em relação ao candidato José Serra.

Atualmente, a Lei nº 9.504, em vigor desde 1997, prevê que cada partido ou coligação deverá preencher no mínimo 30% e no máximo 70% das vagas à candidatura para cada sexo, o que corresponde à chamada “política de cotas”.

A despeito de a presidenta do país ser uma mulher, o espaço feminino na política brasileira é diminuto; das vinte e sete (27) unidades federativas do Brasil, apenas (duas) 2 são governadas por mulheres, e é evidente que o recente acesso da mulher à política responde por esta questão.

Com intuito de situar brevemente as posições de liderança no âmbito da política no mundo, ocupadas por mulheres, destacamos que, em 1960 que, no Sri Lanka, Sirimavo Bandaranaike tornou-se a primeira mulher a ocupar o

cargo de Primeira Ministra do mundo. Isabel Perón, na Argentina, em 1974, tornou-se a primeira mulher a ocupar a presidência do país; Margaret Thatcher, em 1979, por sua vez, ocupou o cargo de Primeira Ministra no Reino Unido.

Nos anos 2000, Angela Merkel, em 2005, foi a primeira Chanceler na Alemanha e, no ano de 2006, Michelle Bachelet foi a primeira mulher eleita presidenta, de fato, entre os países da América do Sul, visto que Isabel Perón, por ser vice-presidenta, não foi eleita, mas assumiu o cargo em virtude da morte de seu marido, na década de 70. Em 2007, Cristina Kirchner, foi eleita presidenta na Argentina. Observa-se, assim, o quadro restrito quanto à participação da mulher no Brasil e no mundo.

Eleita em 2010, no ano seguinte, Dilma Rousseff foi considerada a terceira mulher mais poderosa do mundo, antecedida por Angela Merkel, que ficou com o primeiro lugar, e por Hillary Clinton, secretária de Estado dos Estados Unidos, em segundo lugar, de acordo com o ranking das "100 mulheres mais poderosas do mundo", publicado pela revista norte-americana *Forbes*[21]. O ranking considera as múltiplas esferas de influência das mulheres que alcançaram o poder, no âmbito das grandes empresas, da tecnologia, da política, da mídia e do entretenimento.

Em agosto de 2012, data de publicação da edição mais recente do ranking da Revista *Forbes*, Dilma permanece a terceira mulher mais poderosa do mundo, novamente precedida por Angela Merkel e Hillary Clinton, respectivamente, na primeira e na segunda posições. Neste ano, além de continuar na lista, a Presidenta do Brasil, também ilustra sua capa com o

---

[21] Revista norte-americana, fundada em 1917, que publica anualmente, desde 1986, uma série de listas elencando desde as personalidades femininas mais poderosas do mundo (*The World's 100 Most Powerful Women)* até a lista dos melhores investidores em ciência e tecnologia (*Midas List).*

subtítulo: “Presidente Brasileira Dilma Rousseff - a ex-marxista que atiça a engrenagem empresarial” e “Da IBM ao Yahoo, da Alemanha ao Brasil, a liderança global tem uma nova cara”, conforme imagem a seguir:

Considerando que nosso *corpus* constitui-se de entrevistas da presidenta, via transmissão radiofônica, estamos, pois, frente à questão da política em consonância com a mídia; passamos, então, ao próximo item deste capítulo, em que se discute a forte relação estabelecida entre ambos, discurso político e discurso da mídia que têm como ponto em comum a configuração de identidades.

## 2.4 Discurso político e mídia

O discurso da mídia é capaz de tecer opiniões de modo a construir identidades diversas e influenciar pessoas. Quando não o faz por intermédio de

seus jornalistas, procede trazendo sujeitos que possam representar suas vozes.

Van Dijk (2008:24) afirma que “a política e a mídia, sem dúvida, se influenciam mutuamente e controlam uma à outra, ambas sendo por sua vez controladas por interesses comerciais fundamentais, o mercado e o que é financeiramente ‘viável’”.

A mídia, além de configurar o “ambiente social contemporâneo”, também “reforça a definição dominante sobre o que é política e quem participa do campo”, de acordo com Miguel e Biroli (2009:56). Os meios de comunicação funcionam, assim, como uma espécie de instância social que faz com que as informações circulem de modo a atingir o maior número possível de pessoas.

Para Charaudeau (2006:281) “toda sociedade tem a necessidade de uma mediação social, de um sistema de valores mais ou menos mitificado que, para desempenhar seu papel de cimento identitário, deve ser partilhado pelo conjunto de membros da sociedade”. A mídia funciona como esse sistema de valores que media as relações partilhadas, dando visibilidade aos diversos discursos por ela veiculados e, em especial, proporciona visibilidade ao discurso político.

Cada tipo de mídia apresenta uma peculiaridade no que tange à forma de veiculação de um conteúdo, ao alcance do público e ao suporte que utiliza. Segundo esse estudioso (2010), as mídias correspondem a um suporte organizacional para que a informação e a comunicação possam ser integradas em suas diversas lógicas.

O rádio, como suporte à veiculação do discurso presidencial, interesse específico de nosso trabalho, tem um alcance muito amplo, pois é possível

ouvi-lo não apenas nos domicílios ou no trabalho, mas também nos carros, nos celulares. Seu público constitui-se dos mais diversos sujeitos em cada uma das regiões do país, de distintas idades, camadas sociais, sexo e escolaridade, constituindo significante abrangência no que se relaciona ao seu poder de influência.

Nesse meio para comunicação de massa, a voz é o que se sobressai, “não acompanhada de nenhuma imagem, nenhuma representação figurada dos locutores, nem dos objetos que produzem essas vozes” (CHARAUDEAU, 2010:106) e que permite a observação da constituição de uma identidade discursiva.

Nesse sentido, Piovezani (2011:163) afirma que:

> A voz é um indicador privilegiado dos estados de alma dos interlocutores e das relações interpessoais numa interação. Em consonância com o verbo e o corpo, as modulações vocais expressam emoções, regulam o sistema de turnos de fala e produzem intimidade ou distanciamento, simetria ou dissimetria, consenso ou conflito entre os falantes. Por essa razão, além do estrito critério da pertinência no nível fonológico, constatamos facilmente a existência de relações variadas entre o som e o sentido na produção discursiva.

Desse modo, nosso suporte – o rádio – não só constitui um veículo de comunicação abrangente e democrático, mas também serve aos propósitos da criação de uma identidade discursiva, produzindo sentidos e criando efeitos de interlocução entre as vozes que ali circulam.

O político, em sua singularidade, fala para todos como portador de valores imprescindíveis, ele é a voz de todos na sua própria voz, ao mesmo tempo em que busca se dirigir a todos interlocutores possíveis, como se fosse apenas porta voz de um terceiro enunciador de um ideal social (CHARAUDEAU, 2006:50). Em vista disso, a voz do “eu” político, a voz do “tu”

interlocutor/eleitor e as vozes da sociedade como “eles" ou um “terceiro” acabam por se fundir em um corpo social abstrato, frequentemente expresso por um “nós” que desempenha um papel estratégico, um efeito discursivo que representa envolvimento por parte do político em relação aos seus interlocutores.

Partindo das proposições desse estudioso (2006: 53), pensando em um dispositivo de interação, o pesquisador destaca que a estrutura das circunstâncias de trocas linguísticas faz-se pelos “lugares ocupados pelos parceiros da troca, a natureza de sua identidade e as relações que se instauram entre eles em função de certa finalidade”.

Esse dispositivo é, para Charaudeau (2006), uma das partes que garante a significação do discurso político e apresenta-se em instâncias entendidas como os parceiros, as entidades humanas envolvidas no contrato comunicacional em função dos papéis atribuídos a cada um dos partícipes, representando-se por categorias abstratas divididas em: instância política, instância cidadã e instância midiática. Há ainda a instância adversária que se relaciona com as demais instâncias, porém, vincula-se de modo mais direto à instância política.

### 2.4.1 As instâncias de que trata Charaudeau

O pesquisador francês defende que as instâncias desse dispositivo de comunicação permitem que não se reduza a discussão do discurso político apenas à personalidade político-social dos atores da vida política e tampouco

se considerem apenas as ideias vinculadas pelo discurso, pois deve-se observar todo o contexto, onde os discursos são produzidos, as práticas sociais e as diferentes situações de comunicação, para que se compreenda a complexidade do discurso da política. No discurso político, as instâncias política, cidadã, midiática e adversária se entrecruzam na composição do todo discursivo.

Na instância política (CHARAUDEAU, 2006) estão localizados os indivíduos com o poder de realizar e tomar decisões, tendo em vista que essa instância é constituída pelos atores que ocupam o lugar de governança e de manipulação. Nessa instância, há a busca pela legitimação e manutenção do poder; o discurso é aquele que “propõe” programas e ideias, na ocasião eleitoral, com o objetivo de fazer o político ascender ao poder. Há, também, o discurso de crítica advindo dos políticos adversários e partindo daqueles que estão no poder, para justificar e legitimar suas decisões políticas, convocando o apoio do povo por meio da utilização de estratégias argumentativas e persuasivas.

A instância adversária também ocupa um lugar de governança, na medida em que é “movida pelas mesmas motivações” (CHARAUDEAU, 2006:57) que aquelas da instância política, estando, entretanto, despojada do poder. Ela possui as mesmas características da instância política, como a busca pela legitimidade, por se utilizar das mesmas estratégias para concretização de seus objetivos.

A instância cidadã é um lugar de julgamento das ações impostas pela instância política, ela tem o mesmo status de governança que a instância política, tendo em vista que ela pode instituir e destituir os atores com poder de

decisão; ambas estão relacionadas, pois é interesse primordial da instância política manter-se “aliada” à cidadã.

Nessa instância, são produzidos os discursos de *reivindicação*, *interpelação* e *sanção*, discursos que exercem influência na instância política. Charaudeau (2006: 58) indica que a instância cidadã é definida como “aquela que se encontra em um lugar em que a opinião se constrói fora do governo”, por ser despojada do poder, ela produz discursos de reivindicação quando a instância política não a atende.

A sociedade civil faz parte da instância cidadã e tem a consciência de que desempenha um papel efetivo, transformando o “espaço público em espaço de discussão que, por causa disso, influencia os governantes via mídias”, de acordo com Charaudeau (2006:60).

A instância midiática, voz pública, por sua vez, vale-se de diversos meios para atingir um alvo coletivo e difuso, observando um duplo dispositivo: exibição e espetáculo. A mídia pode caminhar por duas trajetórias, em uma delas segue o caminho da credibilidade, compromisso com a informação e exposição dos fatos de modo imparcial ou, em vez disso, pode apenas dramatizar os fatos, buscando a fidelidade de seu público, em ambos os casos, conforme Charaudeau (2006) aponta.

Para concluir, esse estudioso (2006: 63) propõe que “o dispositivo do contrato de comunicação política é, de certa forma, uma máquina de forjar discursos de legitimação que constroem imagens”. Assim, em todas as instâncias podem ser observados mecanismos de constituição de identidades, quer sejam elas apenas discursivas ou não. O pesquisador ressalta que o

dispositivo permanece o mesmo nos diversos regimes políticos, mas o poder de cada uma das instâncias varia.

### 2.4.2 Os lugares de produção do sentido no rádio e na mídia

No que diz respeito aos lugares de produção e de constituição de sentido da mídia, Charaudeau (2010:23) apresenta um quadro de referência, que se baseia no funcionamento do ato de comunicação, no qual são apresentados os “lugares” e as instâncias pelas quais o discurso perpassa.

Sob o viés da mídia, no caso de nosso *corpus*, o lugar das condições de produção é ocupado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), comissão que prepara os discursos de Dilma Rousseff. O lugar de construção do produto é ocupado pelo próprio discurso político, formulado em conjunto pela equipe da presidenta e pela voz de Dilma, enquanto ator político; por fim, o lugar das condições de interpretação, seria preenchido pelo “cidadão/ cidadã brasileiros”, “alvo” do discurso da política.

Parece-nos possível dizer que tais lugares e instâncias (política/ midiática/ cidadã) dialogam na composição de uma identidade que privilegie uma organização identitária feminina diversa, erigindo novas relações de poder, ao considerarmos o entrecruzamento dos discursos da política e da mídia.

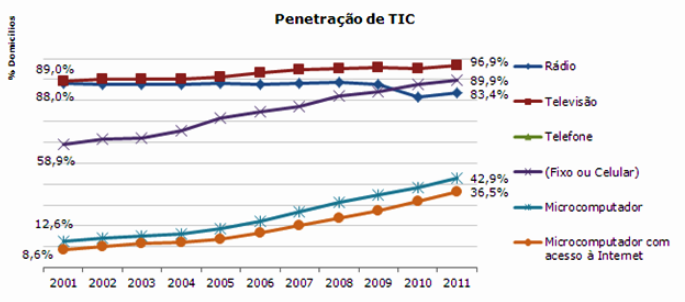
Gomes e Bárbara (2011:311-12), afirmam que:

> A mídia tem papel fundamental na produção, sustentação e transformação de representações das mais variadas realidades socioculturais e, quando se trata do tema política, isso incide nas ações dos políticos. Tais representações influenciam a formação da opinião pública em diferentes circunstâncias, mas também os próprios eventos e ações da esfera política, inclusive os processos eleitorais. Podemos, assim, dizer que a mídia

> participa ativamente desse complexo cenário, em que vários eleitores, políticos, instituições e/ou a própria mídia fazem escolhas textuais e linguísticas de forma a ajudarem na transformação, manutenção ou contestação de discursos.

Desse modo, observamos a correlação entre o poder de se criar uma representação identitária do ponto de vista discursivo e o poder de sustentação e transformação que a mídia favorece.

O alcance do rádio é bastante amplo no país, de acordo com os resultados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE, em 2011. A tabela e o gráfico a seguir mostram os dados relativos à presença de telefones fixos e celulares, internet, computadores, rádio e televisão, considerados como Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC[22]) nos lares brasileiros.




| - | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Rádio | 88,0% | 87,9% | 88,1% | 88,9% | 87,8% | 81,4% | 83,4% |
| Televisão | 91,4% | 93,0% | 94,5% | 95,1% | 95,6% | 95,0% | 96,9% |
| Telefone (Fixo ou Celular) | 71,6% | 74,5% | 77,0% | 82,1% | 84,1% | 87,9% | 89,9% |
| Microcomputador | 18,6% | 22,1% | 26,6% | 31,2% | 34,6% | 38,3% | 42,9% |
| Microcomputador com acesso à Internet | 13,7% | 16,9% | 20,2% | 23,8% | 27,3% | N.D. | 36,5% |
| Total de Domicílios (milhares) | 53.053 | 54.610 | 56.344 | 57.557 | 58.566 | 57.324 | 61.292 |

**Fonte:** Pesquisa IBGE - PNAD 2011[23].

Houve um ligeiro decréscimo na presença dos rádios nos lares brasileiros, fato que precisa ser analisado com cautela, pois não significa,

---

[22] Tecnologias da Informação e da Comunicação referem-se aos aparatos tecnológicos utilizados para comunicação de modo geral.

[23] Disponível em: http://www.teleco.com.br/pnad.asp.

necessariamente, que houve diminuição no alcance dessa mídia, tendo em vista que o rádio está presente nos celulares e na internet.

Ao refletirmos acerca do alcance do rádio e da abrangência que o discurso político de Dilma apresenta, é possível considerarmos que suas escolhas podem acarretar a transformação ou a manutenção, de modo representativo, no que se relaciona aos discursos acerca das mulheres, em termos da constituição de sua identidade ou da identidade de suas interlocutoras.

Tendo em vista a questão da mulher que vem tentando ocupar posições de destaque na sociedade mundial e brasileira, passamos a discutir as intricadas relações de poder estabelecidas em analogia às relações discursivas e aos processos de referenciação como mecanismos discursivos no estabelecimento de relações de poder.

# Capítulo III – Política, relações de poder e relações discursivas em articulação

Este capítulo divide-se em três partes; a primeira delas trata do conceito de poder e do modo como um discurso pode estabelecer relações de poder; a segunda observa os processos de referenciação e de nominalização e, por último, abordamos algumas das propriedades da língua falada, tendo em vista a modalidade da Língua Portuguesa do *corpus* selecionado para análise.

## 3.1 O conceito de poder

No que concerne ao conceito de poder, há uma série de posições, de acordo com a perspectiva adotada. O conceito de poder é muito complexo e não pode ser esgotado em uma definição simples. Van Dijk (2008) relata algumas características fundamentais do poder, em termos de análise discursiva, indicando que o poder social caracteriza-se pela relação entre grupos, classes e formações sociais, perspectiva muito próxima do ponto de vista da Sociologia.

Assim, o autor (2008:17) refere-se ao poder enquanto "poder social em termos de *controle*", controle de um grupo sobre outro grupo, controle sobre as ações do outro, dando especial enfoque para o abuso de poder. Van Dijk propõe que discurso e poder se relacionam na medida em que alguns mecanismos de controle envolvem processos comunicativos.

Stoppino (1998:933), do ponto de vista da Ciência Política, define poder como "a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos

naturais". Exercemos poder sobre um objeto, sobre a natureza ou sobre coisas inanimadas, em termos de posse e de usufruto, entretanto, quando se pensa no poder em relação à sociedade, em termos de "poder social", poder de influência na vida dos sujeitos, o conceito assume um caráter mais específico, pois o homem em sociedade é sujeito e ao mesmo tempo objeto do poder.

O pesquisador italiano critica, ainda, concepções que apontam o poder "entendido como algo que se possui" (1998:934), pois para ele:

> Não existe Poder, se não existe, ao lado do indivíduo ou grupo que o exerce, outro indivíduo ou grupo que é induzido a comportar-se tal como aquele deseja. Sem dúvida, como acabamos de mostrar, o Poder pode ser exercido por meio de instrumentos ou de coisas. Se tenho dinheiro, posso induzir alguém a adotar um certo comportamento que eu desejo, a troco de recompensa monetária. Mas, se me encontro só ou se o outro não está disposto a comportar-se dessa maneira por nenhuma soma de dinheiro, o meu Poder se desvanece. Isto demonstra que o meu Poder não reside numa coisa (no dinheiro, no caso), mas no fato de que existe um outro e de que este é levado por mim a comportar-se de acordo com os meus desejos. O Poder social não é uma coisa ou a sua posse: é uma relação entre pessoas.

O poder é considerado, de acordo com Stoppino (op. Cit.), uma relação entre o grupo que exerce e detém o poder, o grupo sujeito a tal poder e a "esfera de atividade" na qual as relações de poder estão inseridas. Há, portanto, o estabelecimento de uma tríade.

É fundamental pensarmos nas esferas de atividade, pois os sujeitos podem estar submetidos ao poder em várias dessas esferas. Na esfera da política, por exemplo, o Presidente exerce poder sobre um Ministério, o Ministério, por sua vez, submete uma Secretaria ao seu poder que, por conseguinte, sobrepuja a população ao seu poder; logo, a população estaria sujeita às diversas esferas de poder da política, como que em sucessivas cadeias de dominação.

A política estabelece uma forte relação com o poder, na medida em que envolve o papel exercido por uma minoria, contudo, uma minoria com poder legitimado, tendo em vista que a maioria da população coloca os políticos escolhidos no poder.

Quando pensamos no poder do discurso de um membro representativo da sociedade e de que forma ele interage com o restante da população, como no caso da Presidenta Dilma Rousseff, é necessário considerar que o estabelecimento de relações de poder ocorre na interação, visto que as “elites simbólicas” controlam a reprodução discursiva de dominação da sociedade, no discurso político, no discurso da mídia e nos demais discursos capazes de mobilizar pessoas para determinadas ações e comportamentos.

Van Dijk (2008) sinaliza que o acesso à informação, às notícias e à educação, por exemplo, também são formas de “controlar” o poder. Em termos de controle do poder, por intermédio do discurso, há que se pensar no “que” é dito, em “como” esse discurso é apresentado na interação (Op. Cit., 2008:19), e diríamos ainda, em “quem” profere o discurso, no sentido de apreender o potencial de influência que tal discurso poderia assumir na sociedade em que está sendo veiculado.

Destaca, esse estudioso, ainda, que quanto menos poder uma pessoa detiver menor será seu acesso à escrita e à fala, ou seja, a quem não tem poder, não é dado o “acesso” à voz, para manifestar suas crenças, valores, e até mesmo constituir sua identidade, havendo como resultado, o silenciamento daquele que não detém o poder, visto que:

> No fim das contas, os sem-poder “não têm nada para dizer”, literalmente não têm com quem falar ou precisam ficar em silêncio quando pessoas poderosas falam, como no caso das crianças,

> dos prisioneiros, dos réus e (em algumas culturas como a nossa) das mulheres" (van DIJK, 2008: 44)

Pensando no direcionamento e reforço à presença da figura da mulher nos discursos político presidencial, consideramos a afirmação de Bourdieu (1996:27), na medida em que há correspondência entre o que se apresenta no discurso político presidencial e o que aparece na estrutura social, já que:

> os discursos eruditos podem extrair sua eficácia da correspondência oculta entre estrutura do espaço social no qual são produzidos, campo político, campo religioso, campo artístico ou campo filosófico, e a estrutura do campo das classes sociais no qual os receptores estão situados e em relação ao qual eles interpretam a mensagem.

Desse modo, se for constatado na sociedade brasileira que a mulher vem assumindo lugares de poder e de destaque, o discurso de um presidente, tendo em vista o fato de ser direcionado para "convencer" o maior número possível de pessoas, também poderá refletir tal prática social e terá de tecer relações entre o que se afirma e o que o interlocutor deste discurso vivencia no espaço social de produção dos discursos.

A voz institucional da presidência da República, representada por uma mulher, pode subverter o silenciamento de séculos, ao qual a mulher foi submetida, tendo em vista o lugar de poder que ela detém e o domínio que exerce sobre o discurso dos demais. O próprio cargo de Presidente representa um poder de influência simbólica na sociedade, que é expresso nos discursos sob análise, pois que:

> Esse poder simbólico não se limita à articulação em si, mas também inclui o modo de influência: eles podem determinar a agenda da discussão pública, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a quantidade e o tipo de informação, especialmente quanto a quem deve ganhar destaque publicamente e de que forma. Eles são os fabricantes do conhecimento, dos padrões

> morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos (van DIJK, 2008:45)

Dessa forma, o discurso de Dilma, entre tantas outras possibilidades, pode fabricar novos e diversos padrões e valores no que diz respeito a uma constituição identitária da mulher permeada pelas relações de poder via relações discursivas.

Perrot (2010: 184) ressalta que “na história e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres”, entretanto, para pesquisadora (op. cit.:167):

> As relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. “Poder”, como muitos outros é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a “influências” difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela.

Independentemente de ser a intenção de Dilma Rousseff tomar um posicionamento, mais direto e não tão “periférico”, de emancipação em relação à mulher, não está em voga a discussão acerca de seu posicionamento pessoal acerca da identidade da mulher, mas sim a identidade constituída por meio de que seu cargo lhe confere, pois, dada a questão

> Indissociável da influência mútua que os parceiros desejam exercer uns sobre os outros, a apresentação de si é tributária dos papéis sociais e dos dados situacionais. Uma vez que é inerente a toda troca verbal e submetida a uma regulamentação sociocultural, ela supera largamente a intencionalidade do sujeito que fala e age (AMOSSY, 2011: 13)

Assim, a própria representação que se constitui de Dilma Rousseff como mulher é dependente, num certo sentido, do papel social que ela ocupa e do contexto social, político e discursivo. Dilma não é meramente um “sujeito que fala e age”, pois também está submetida às diversas esferas do poder.

Retomando a questão do poder e do modo como podemos relacioná-lo com a linguagem, van Dijk (2008:13) destaca que não há mudanças significativas quando pensamos na utilização de certas estruturas sintáticas oracionais da língua, que não variam em função do lugar de poder do falante, mas "há casos nos quais as estruturas de dominação influenciam não só as opções ou variações do uso linguístico ou do discurso, mas também os sistemas semióticos ou discursivos como um todo, os gêneros e outras práticas sociais."

Pensando nas relações entre discurso e sociedade e nas relações de poder que podem ser estabelecidas nos discursos, em geral, e, especialmente, no discurso político, destacamos o que Fairclough (2001:91) ressalta:

> O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Com essa proposição, é possível ter a compreensão de que, além de funcionar como mecanismo para que sejam constituídas identidades e representações, cerceadas pelas estruturas sociais, o discurso pode se configurar como ferramenta pela qual são constituídas relações de poder capazes, de algum modo, de transformar o discurso em práticas sociais, propriamente ditas, nesta mesma estrutura social na qual o discurso está sendo veiculado e inserido, em uma espécie de influência mútua e cíclica.

Para van Dijk (2008:18), os processos discursivos são uma das maneiras difusas de exercer controle na sociedade, pois:

> pessoas não são livres para falar ou escrever quando, onde, para quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parcial ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia ou uma empresa interessada na supressão da liberdade da escrita e da fala (tipicamente crítica).

Assim, o Estado também tem o poder de constituir uma representação de identidade que se propõe para mulher brasileira do século XXI, por meio dos discursos de Dilma, tendo em vista que não podemos saber em que medida Dilma "mulher" é livre para dizer o que deseja, nos diversos contextos políticos. Até mesmo quem detém um poder é submetido ao poder, retomando a questão do indivíduo ser, ao mesmo tempo, objeto e soberano do poder.

Assim sendo, passamos à questão das relações entre o discurso e o poder, o modo pelo qual tais relações podem ser estabelecidas, seus mecanismos e estratégias.

## 3.2 Processos de referenciação e nominalizações como mecanismos discursivos para constituição de relações identitárias de poder

Mondada e Dubois (2003:55) ao discorrerem acerca dos processos colaborativos de construção discursiva dos sujeitos insistem no processo de referenciação concebido como "uma construção colaborativa de objetos de discurso, quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas".

Para as pesquisadoras, a referenciação, tratada como um processo de "categorização" (MONDADA; DUBOIS: 2003:20) que reflete as práticas simbólicas da sociedade, precisa ser encarada como um elemento que faz a junção entre os processos de nomeação das coisas do mundo real e o modo

como esse “mundo real” é representado pelos diversos filtros e elementos que perpassam a constituição do discurso.

A referência como processo de construção do sujeito do discurso se mostra profícua por funcionar como mecanismo constitutivo para criação de identidades, visto que não apenas o discurso é constituído colaborativamente, mas também os objetos do discurso o são, por meio da referenciação que se faz deles.

Rodrigues (2007:80) defende que:

> a referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva em que o sujeito, numa situação de interação verbal, efetua escolhas sobre o dispositivo linguístico para representar estados de coisas, visando à concretização de sua proposta de sentido. É por isso que referir é uma atividade discursiva sujeita a variações de acordo com os atores sociais, as mudanças de percepção e de contexto. Diante disso é que se defende que o processamento do discurso, visto que executado por sujeitos sociais atuantes, é um processamento estratégico.

No processo de referenciação, os objetos do discurso são constituídos tomando como base a troca entre os interlocutores do mundo real e o modo como são representados, levando em consideração o contexto de comunicação e a intersubjetividade em uma “relação direta entre os discursos e o mundo (...) constituindo individualmente e socialmente as entidades” (Op. cit. 2003: 20).

Consideramos, ainda de acordo com as pesquisadoras, os “processos de referenciação em termos de construção de objetos do discurso e de negociação de modelos públicos para o mundo” (2003:48).

Pensando nos “modelos” e tendo em vista que é possível o estabelecimento de relações de poder expressas pelo discurso, Koch (1999), ao tratar do processo de referenciação, toma como pressuposto que ela se organiza enquanto “atividade discursiva”, em virtude de a referência se

relacionar às operações realizadas pelos sujeitos no momento em que o discurso se desenvolve.

Como não é possível descrever efetivamente, elencando de forma universal todas as características de um interlocutor, na tentativa de se estabelecer uma categoria fixa como um “rótulo”, algumas dessas características do indivíduo podem ser destacadas para distingui-lo. Desse modo, a referência pode adquirir um valor positivo ou negativo, dependendo do modo pelo qual o objeto do discurso é referenciado.

A recorrência na representação de um indivíduo ou objeto de modo positivo ou negativo será determinante para que se fixe na sociedade o “valor” que uma referência pode criar. Como exemplo, Mondada e Dubois (2003: 24) citam o caso do objeto discursivo “piano” que pode ser referido como um instrumento musical refinado, utilizado em um concerto ou, pelo contrário, pode ser referido como um objeto pesado e incomodo, no contexto de uma mudança. Assim, o contexto também tem o potencial de influenciar de modo diverso na constituição de um objeto por meio da referência.

Koch (1999:69), por sua vez, afirma que é o próprio discurso que “constrói os ‘objetos’ a que faz remissão, ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção”, desse modo, ao elaborarmos e proferirmos um discurso realizamos operações para que o objeto desse discurso seja observado de acordo com a imagem/ identidade que desejamos construir.

A autora (op. cit.) apresenta quatro tipos de estratégias de referenciação: descrição definida, nominalização, associação e pronominalização, além de observar, no escopo de seu trabalho, o uso de expressões nominais definidas e de denominação reportada.

Na estratégia da descrição definida, o locutor seleciona propriedades reais de um referente que podem ser determinadas pelo contexto ou atribuídas pelo locutor, por meio do uso de expressões nominais definidas, recategorizando lexicalmente o referente. Neste caso, é possível que ocorram dois processos: o de rotulação e o de avaliação.

Na rotulação, o referente é constituído com base no conhecimento partilhado dos interlocutores e é reativado por meio das escolhas discursivas do locutor, de acordo com as "características ou traços que o locutor procura ressaltar ou enfatizar" (1999:70). Na avaliação, a escolha dos termos empregados é capaz de determinar a "orientação argumentativa" em relação ao referente, podendo ser positiva ou negativa.

Na estratégia da nominalização, para Koch (1999:73), há a "sumarização da informação contida no contexto precedente, quer através do uso de núcleos nominais (substantivos) deverbais (...), quer por meio de outros 'substantivos-predicativos'". A nominalização pode ocorrer por meio de: nomes abstratos de ação, nomes genéricos, expressões reformuladoras de caráter metalinguístico ou metadiscursivo que, por sua vez, subdividem-se em nomes de atividades linguajeiras, nomes de processos mentais e nomes metalinguísticos.

Ainda em relação à nominalização, Zamponi (2003: 199) ressalta que:

> As nominalizações talvez constituam o fenômeno anafórico que mais deixa à mostra, no texto escrito, os bastidores da construção de objetos-de-discurso pela atividade referencial. Com efeito, quando um sintagma nominal transforma em referente o processo denotado por urna proposição, que, obviamente, não tinha esse estatuto anteriormente, testemunha-se claramente a operação discursiva da referenciação. Não é à toa que a própria denominação do processo - *nominalização* - indica... um processo.

Retomando e para finalizar a questão das estratégias, Koch apresenta a estratégia da expressão indefinida (1999: 75), na qual há o uso de “expressões nominais indefinidas, com função anafórica”, e, por último, na estratégia de denominação reportada, os termos escolhidos são colocados “à distância” do texto, por meio da utilização de aspas, “de modo que o locutor retira às palavras sua ‘evidência de adequação’”.

Tais estratégias de referenciação podem gerar funções cognitivas, coesivas e de organização textual. Cognitivamente, é possível que haja a reativação na memória, por meio dos diversos termos proferidos em um discurso, possibilitando a “locação” do referente na memória do interlocutor, podendo operar uma “recategorização” do referente, ainda de acordo com a autora. Ela indica, ainda, que “os referentes não são ‘coisas’ ou elementos do ‘mundo real’, mas representações cognitivas publicamente partilhadas pelos interlocutores, que constituem uma *memória discursiva*[24] estruturada” (1999: 76). A despeito de um referente não ser propriamente um “elemento do mundo real”, ele representa um elemento do mundo real, pois há um universo concreto ao qual o discurso se relaciona e faz referência.

Nesse sentido, Blumer (1980: 127) defende que os diversos “universos” acessíveis ao ser humano e seus grupos compõem-se de “objetos”, tal que esses objetos são constituídos por meio da “interação simbólica”, estabelecida por meio das relações sociais no mundo real.

Tendo em vista que todo objeto é “passível de ser indicado, evidenciado ou referido” e tal forma de referenciação pode apontar para um direcionamento

---

[24] Grifo da autora.

na constituição da identidade do objeto, ao qual o discurso faz referência, Blumer (1980:28) aponta que “o significado dos objetos para cada um é, basicamente, gerado a partir da maneira pela qual lhe é definido por outras pessoas com quem interage”.

Desse modo, a constituição de uma identidade discursiva, em analogia às noções de referenciação, expostas por Koch (1980:128), pode-se relacionar à proposição de que “os objetos surgem a partir de um processo de indicações recíprocas, objetos estes que possuem o mesmo significado para um dado conjunto de pessoas e por elas são considerados da mesma maneira”. Por meio dos processos de referenciação, os objetos do discurso podem ser criados e arquitetados.

Zamponi (2003:07) aponta que a questão da referência esteve voltada para a relação entre linguagem e mundo, assumindo que há dois polos que se contrapõem; em sua concepção, um deles observa a referência como um processo de correspondência entre as palavras e as coisas, representando os objetos por meio da linguagem; e, o segundo polo concebe a referência como o

> resultado de uma operação colaborativa dos parceiros da interação, que constroem os referentes **no** e **pelo** discurso, atividade linguística e sócio-cognitiva, ligada acima de tudo à interação e à intersubjetividade. Nesse quadro, as entidades referidas no discurso são antes objetos de discurso (e não objetos-do-mundo) e é mais apropriado falar em ‘referenciação’, que implica atividade, que em ‘referência’

Objetos do discurso e objetos do mundo são diferentes, mas estão intrinsecamente relacionados, pois não é possível construir discursivamente um objeto sem que se tenha uma referência externa e real que lhe dê sentido. Marcuschi e Koch (1998:5) postulam que não concebemos o mundo como um sistema de espelhamento, mas sim reelaboramos o mundo, na medida em que

o modo como observamos o “mundo real” passa pelo crivo de nossas experiências pessoais, contexto e vivência, sendo que:

> essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não se postula uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua.

Retomando o que se apresenta em Mondada e Dubois (2003:26-7) e refletindo sobre a “instabilidade das relações entre as palavras e as coisas”, na relação entre o objeto do mundo real e objeto do discurso, além das diversas “categorias” utilizadas para descrever e fazer referência ao mundo temos que:

> quer se trate de objetos sociais ou de objetos “naturais”, observa-se que o que é habitualmente considerado como ponto estável de referência para as categorias pode ser “decategorizado”, tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista. Nosso argumento consiste em dizer que a “estabilidade” resulta, de fato, de um ponto de vista realista que relaciona as categorias às propriedades do mundo – como se a objetividade do mundo produzisse a estabilidade das categorias – no lugar de relacioná-las aos discursos sócio-históricos e aos procedimentos culturalmente ancorados.

Assim, destacamos a existência de uma relação intrínseca entre o objeto do mundo e o objeto da referência no discurso. Ao pensarmos na constituição de uma identidade discursiva, tanto o objeto como as categorias que o constroem e o determinam podem passar por um processo de transformação, dependendo do contexto ao qual o referente pertence.

Possivelmente, a construção de identidade discursiva da mulher que se propõe nos discursos de Dilma Rousseff será diferente da constituição discursiva de identidade feminina em um país governado por um presidente homem, por exemplo. Cada contexto sócio-histórico tem influência na constituição de suas categorias para composição dos objetos e sujeitos discursivos.

Marcuschi e Koch (1998) apontam que:

> referir não é mais atividade de "etiquetar" um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não realidades independentes. Não quer isso dizer que tudo se transforma numa panacéia subjetivista, mas que a discretização do mundo pela linguagem é um fenômeno discursivo. Em outros termos, pode-se dizer que a realidade empírica, mais do que uma experiência estritamente sensorial especularmente refletida pela linguagem, é uma construção da relação do indivíduo com a realidade.

Desse modo, os referentes tornam-se objetos do discurso, relacionados a um contexto externo, entretanto, passam pelo “filtro” intersubjetivo, tendo em vista a constituição de identidades, por meio dos processos de referência, realizados pelos sujeitos da realidade empírica.

Em suma, a referência estabelece e, ao mesmo tempo, transforma e modifica as identidades discursivas, os estereótipos e o modo como determinado objeto, pessoa ou grupo de pessoas é constituído, quer seja por meio da manifestação da língua escrita, na qual a nominalização aparece com mais frequência, quer seja por meio da manifestação de língua falada.

Em virtude de o *corpus* desta pesquisa constituir-se de língua falada, parece indispensável a abordagem de algumas das características dessa modalidade da Língua Portuguesa.

## 3.3 O discurso presidencial e as dimensões da língua falada

Como o *corpus* deste trabalho constitui-se de discursos de língua falada, é necessário ressaltar algumas das categorias da Análise da Conversação para instrumentalizar nossa análise, a ser realizada no próximo capítulo, a despeito de não ser nosso intuito discuti-las de modo exaustivo. A primeira das

categorias é o tópico, ele se refere ao assunto que está sendo tratado em determinado segmento de fala. Jubran (2006: 35) afirma que:

> o tópico discursivo, enquanto categoria analítica, tem como primeira propriedade definidora a centração, que abrange:
>
> a) a concernência – relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de seqüenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal;
>
> b) a relevância – proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;
>
> c) a pontualização – localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais.

Para Fávero (2003:45), o tópico é “antes de tudo uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional”. Assim como os processos de referenciação, o tópico desenvolve-se colaborativamente na interação entre os interlocutores.

Destacamos duas propriedades do tópico: a centração e a organicidade. Na centração, os limites do tópico discursivo são bem definidos e ela funciona como um “norteador” do tópico tratado. Nos discursos do Café com a Presidenta, os tópicos são, em geral, bastante centrados, pois o tempo para veiculação dos discursos é curto, logo não se abre a possibilidade de inserção de tópicos diversos daqueles indicados na proposta de cada edição do programa.

Por meio da organicidade do tópico são estabelecidos o supertópico, o tópico principal, digamos assim, e os subtópicos, estabelecendo uma relação de interdependência manifestada nos planos linear e vertical, conforme aponta

Fávero (2003:53). O supertópico e seus subtópicos se articulam linearmente no que diz respeito à proximidade dos elementos enunciados em uma linha sucessiva e temporal, dando espaço para a continuidade ou descontinuidade na sequência dos tópicos abordados. A verticalidade, por sua vez, é estabelecida na divisão em níveis ou em “camadas”, partindo de um “constituinte mínimo” (op. cit. 2003: 54).

Se os segmentos da língua falada são compostos por tópicos, nos comunicamos por meio da alternância na exposição de nossos tópicos. Tal alternância na fala dos interlocutores é chamada de “turno conversacional” (GALEMBECK, 2003:65), cada interlocutor tem sua vez de falar e os papeis de falantes e de ouvintes alternam-se.

No discurso político presidencial selecionado para análise, o jornalista inicia o tópico por meio de suas perguntas e Dilma Rousseff, por sua vez, o desenvolve, enunciando-se por meio de turnos assimétricos, posto que ocupa muito mais tempo do turno conversacional do que Luciano Seixas. O jornalista aparece quase como um ouvinte, ocupando, entretanto, de certo modo, o papel de porta voz da população, pois suas perguntas podem possibilitar o esclarecimento de questões atinentes ao interesse do eleitorado.

A língua falada e a língua escrita possuem características próprias de seu modo de realização e condições de produção, constituindo duas modalidades da língua portuguesa que utilizam o mesmo sistema linguístico. Não é possível conceber tais modalidades como dois polos dicotômicos da língua, pois cada uma delas apresenta particularidades e propriedades definidas.

As características predominantemente mencionadas na fala, de acordo com Koch (2012:80), se reportam à questão de que o texto falado é um

processo que se vai realizando na medida em que as palavras vão sendo enunciadas, a fala é, pois, um processo dinâmico. A escrita, por sua vez, revela o resultado de um processo, parecendo, pois, estática até que seja colocada em funcionamento pelo(s) interlocutor(es) – leitor(es).

Em relação às condições de produção, uma das características que difere a língua falada da língua escrita é o planejamento prévio. Na interação, no texto falado, Urbano (1999:133) afirma que a "verbalização é praticamente sobreposta à ativação de ideias". Nos discursos do café, a prosódia de Dilma e a ausência de hesitações e truncamentos podem ser indicativos de que houve um planejamento anterior à enunciação de seu discurso.

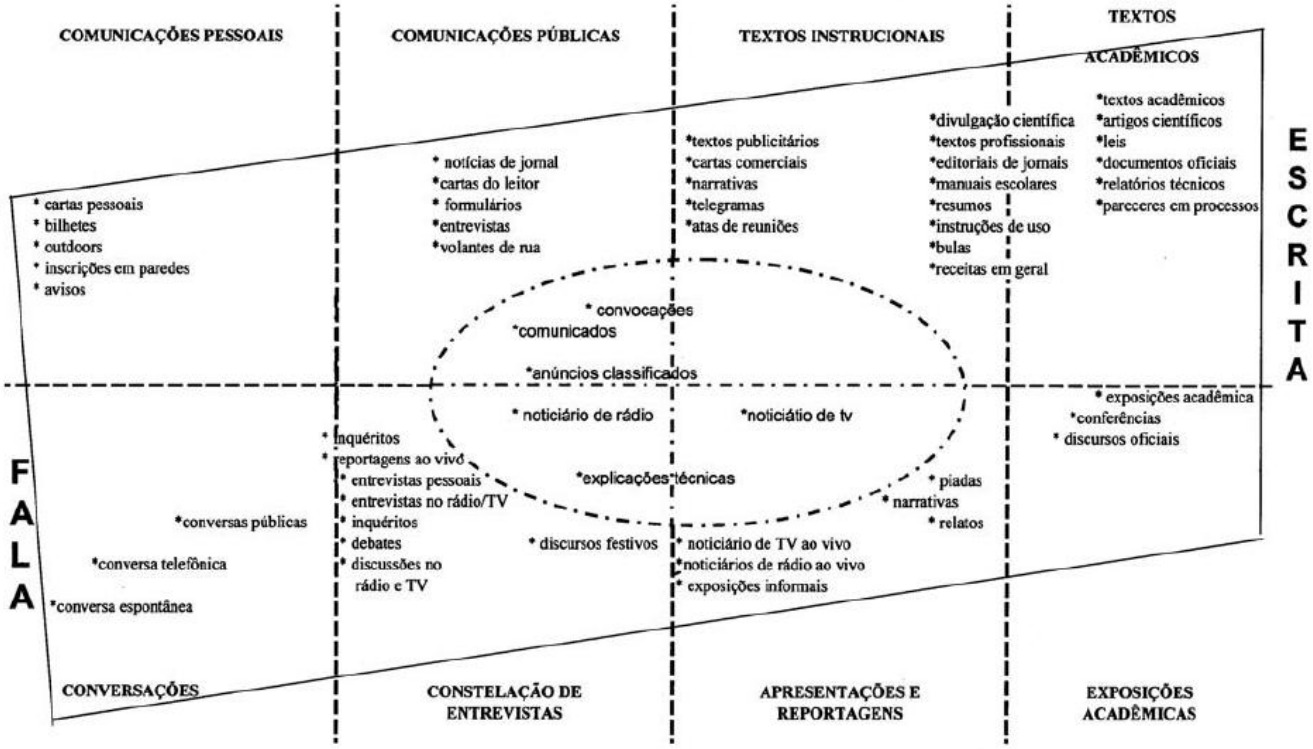
Uma das razões pelas quais não podemos considerar o texto falado e o texto escrito como duas coisas opostas, deve-se ao fato de que os discursos, de modo geral, são apresentados em um continuum, conforme Marcuschi (2001), que parte do grau mais formal para menos formal, da maior proximidade à utilização da norma culta para norma mais popular, variando de acordo com o gênero, e do modo mais próximo à fala para o modo mais próximo à escrita[25].

Marcuschi (2001:41), refletindo sobre os gêneros textuais da fala e da escrita, constrói o seguinte quadro de referência, partindo dos gêneros mais próximos à fala e chegando aos gêneros mais próximos da escrita:

---

[25] Ressaltamos que discurso e texto foram tomados sumariamente como sinônimos, tendo em vista que, neste momento, não será profícuo discutir sua diferenciação.

Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita




Assim, manifestações de língua falada que apresentam características de língua escrita e vice e versa são possíveis de ocorrer, de modo que o gênero do texto ou o gênero do discurso em questão influenciam na maior ou menor proximidade de cada uma das modalidades da Língua Portuguesa.

Urbano (1999: 132) aponta como característica do texto falado o “continuum do material sonoro”, responsável pelas seguintes propriedades: “entonação, ritmo, intensidade, dinâmica e qualidade da voz, que são reproduzidas na escrita, direta ou indiretamente, pelas letras, pontuação sinais diacríticos  e por descrições linguísticas específicas”.

Todos os conceitos citados no decorrer deste capítulo constituem elementos significativos na composição dos processos de referência que, por sua vez, contribuem para constituição de identidades discursivas e estabelecimento de relações de poder. Buscando identificar de que modo tais

representações ocorrem no discurso de Dilma, no que concerne à figura da mulher, passamos à análise de nosso *corpus*.

Procederemos à análise dos elementos discursivos efetivamente enunciados, buscando evidenciar, por meio da materialidade linguística, a identidade que o discurso da política propõe para a mulher nos dias de hoje. Para tanto, os processos de referenciação e as nominalizações foram selecionados como categorias de análise, tendo em vista que tais elementos da língua portuguesa podem marcar a constituição do objeto do discurso, produzindo relações de poder diversas e retomando estereótipos.

# Capítulo IV – Análises: Identidade discursiva e relações de poder reveladas pela linguagem

## 4 Sobre os discursos e seus temas

Dos quinze (15) discursos selecionados para análise, realizamos novo recorte, retirando trinta e um (31) segmentos significativos para responder às questões propostas no início deste trabalho. No que concerne à estruturação dos discursos, não há variação expressiva no formato de cada entrevista, o padrão obedecido é sempre o mesmo. O programa de entrevistas Café com a Presidenta é iniciado e finalizado por uma vinheta; há um tópico específico a ser discutido, selecionado previamente pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) em conjunto com a Presidenta; todos os programas começam pela saudação do jornalista Luciano Seixas ao público e à Dilma Rousseff, e a entrevista sempre é iniciada e encerrada pelo turno do jornalista.

Em relação ao gênero, as entrevistas do programa de rádio apresentam estrutura composicional semelhante, delimitada pela característica estrutural do gênero, os temas discutidos são diversos, porém a estrutura discursiva é análoga. Seu objetivo é estabelecer contato com o povo brasileiro e informá-lo acerca de assuntos em voga no período de veiculação da entrevista ou que sejam de interesse do governo, como a divulgação de programas e de medidas institucionais. Dilma e Luciano Seixas obedecem à dinâmica do gênero entrevista de acordo com o que é esperado para um discurso desse gênero.

O papel do jornalista consiste em “formular” as perguntas dos pares adjacentes que promovem o desenvolvimento do tópico, além de apoiar a Presidenta no desenvolvimento desse tópico, porém de modo bem pontual. Há que se dizer que ele não cumpre seu papel de questionar para informar a população, pois não há espaço para que Luciano Seixas de fato discuta os temas propostos com Dilma, o que ocorre é a apresentação do que deve ser discutido por meio de uma pergunta aberta do jornalista e o desenvolvimento fica a cargo de Dilma, caracterizando um diálogo assimétrico.

O jornalista não é o interlocutor exclusivo da Presidenta, mas sim todos os radiouvintes sintonizados, no momento da veiculação da entrevista, e aqueles que escutam o áudio gravado, posteriormente, na internet. Há uma interação entre Dilma Rousseff e Luciano Seixas, entretanto, a interação fundamental, ainda que passiva, de certo modo, é aquela que se estabelece entre o discurso político presidencial e os eleitores, a mídia e a sociedade. Conforme afirma Farneda (2007:04):

> na entrevista radiofônica, o papel dos participantes e as trocas aí implicadas pressupõem a presença de um terceiro, o público, a quem se pretende comunicar. Nesse caso, tudo é fundado em perguntas e respostas organizadas por um certo número de mecanismos que organizam a sequência dos turnos conversacionais.

Por parte da Presidenta e de Luciano, há momentos de hesitação praticamente nulos, tendo em vista que o jornalista faz a pergunta e ela já tem a resposta de imediato, o que nos leva a crer que tanto as perguntas como suas respostas sejam arquitetadas, pré-planejadas, buscando a constituição de uma identidade que se propõe para Dilma, para o Governo e para constituição de valores e crenças sob a ótica do governo, direcionadas à população brasileira e/ou à mulher. Para ilustrar, apresentamos o segmento veiculado em

11 de abril de 2011, que mostra o modo como o discurso, em geral, está organizado, a seguir:

> J: o projeto que a senhora enviou ao congresso nacional criando a secretaria da MIcro e pequena empresa tem a ver com isso?
> P: na verdade Luciano... não é uma secretaria... é um Ministério -- propriamente dito -- nós queremos cuidar das micro e das pequenas empresas e sabemos que o problema delas é diferente do problema das grandes empresas... e:: você sabia uma coisa Luciano elas são a GRANde maioria das empresas brasileiras... essas empresas Luciano ajudam o brasil a reduzir a pobreza porque geram renda emPREgam pessoas e fazem a economia crescer.... esse ministério vai promover a inovação para que as empresas possam se desenvolver... vai diminuir a burocracia... vai buscar a redução de impostos e vai estimular as exportações...
> J: falando em exportações neste momento em que a nossa conversa está sendo transmitida a senhora está na China principal parceira comercial do Brasil... o que podemos esperar dessa visita?
> P: o nosso grande objetivo é ampliar ainda mais a parceria comercial com a China... queremos aumentar a exportação de bens e serviços de valor agregado... produtos industrializados mais elabora::dos... tamBÉM vamos assinar acordos na área de ciência e tecnologia... esta viagem à China tem tudo para ser MUIto proveitosa TANto para nós como para eles... na semana que vem eu conto para você e para os nossos ouvintes como foi... (linhas 53 a 73)

A presença de nominalizações, mais frequentes na língua escrita, pode ser um indicativo desse planejamento. Outro indício desse planejamento prévio deve-se ao fato de que não há truncamentos nas transcrições, não há superposição de vozes ou interrupções. A troca de turnos entre Dilma Rousseff e o jornalista Luciano Seixas é bastante organizada e cadenciada, é possível crer, pela prosódia de Dilma, que ela esteja lendo os discursos iniciais do ano de 2011. Com o passar do tempo, a prosódia da Presidenta vai ficando, aparentemente, menos atrelada à escrita.

Refletindo sobre a tabela de representação do continuum textual na fala e na escrita de Marcuschi (2001), conforme capítulo III, página 94 deste trabalho, observamos que as entrevistas no rádio e na TV ficam mais próximas

da fala, quando estão no quadrante das comunicações públicas, já quando o discurso da entrevista está no quadrante dos textos institucionais, o discurso estará mais próximo da língua escrita. Como a proposta do Café é apresentar um canal de comunicação menos formal entre a presidência da República e a população, mas trata-se de um programa institucional do governo, ao observarmos atributos da modalidade falada e da modalidade escrita da Língua Portuguesa, consideramos que as entrevistas do Café com a Presidenta apresentam características híbridas, por mesclarem propriedades de ambos os tipos de composição.

A utilização da flexão “Presidenta” não caiu no uso da população, no entanto, o título do programa permanece inalterado e sempre que o jornalista Luciano Seixas se refere à Dilma Rousseff ele a chama de “presidenta”, utilizando a flexão indicativa do gênero feminino.

A presença feminina é evidenciada, nos discursos do Café, por meio das nominalizações e dos processos de referenciação, nos mais variados tópicos abordados por Dilma nas entrevistas. O primeiro programa analisado tem por tópico a questão da economia e do Bolsa família; o segundo apresenta as novidades do governo às mulheres;  o terceiro trata do combate ao câncer de colo de útero e do câncer de mama; o quarto aborda a assistência do governo às mulheres grávidas; o quinto fala dos empreendedores e do mercado formal; o sexto apresenta as temática das creches e do acesso à educação; o sétimo, por sua vez, fala sobre geração de renda à população pobre; o oitavo trata do programa Minha Casa Minha Vida; o nono discute o oferecimento de crédito ao empreendedor, por meio do programa Crescer; o décimo aborda o acesso á educação infantil; já o décimo primeiro programa debate as ações conjuntas

dos países para enfrentar crises; o décimo segundo programa aborda o enfrentamento em relação às drogas; o décimo terceiro discute a luta contra a discriminação da mulher, o décimo quarto fala da escola em tempo integral e, por fim, o décimo quinto discurso tem como tópico o programa Bolsa Atleta.

Observamos que, nos mais variados tópicos, a figura feminina aparece nos discursos da presidenta do país – Dilma Rousseff – assim; para mostrar como as questões de nossa pesquisa se articulam nos discursos selecionados, para fins de análise, enfatizamos, em negrito, os elementos significativos em relação à proposta do trabalho. Efetuamos as análises de cada um dos programas Café com a Presidenta, indicando o tópico abordado, para contextualização.

### 4.1 Bolsa Família distribui renda e faz a roda da economia girar

Essa entrevista, veiculada em 07 de março de 2011, tem início com o jornalista saudando a Presidenta. Ele não faz uma pergunta em relação ao projeto do governo, mas a chefe de Estado é quem fala, dando início ao tópico que pretende desenvolver, a respeito do dia internacional da mulher, conforme se apresenta no segmento abaixo (linhas 1 a 20). Observamos que o elemento "não é presidenta?" é a deixa do jornalista para que Dilma possa expor o que deseja:

(1)

> J: oi gente eu sou o Luciano Seixas... hoje é seGUNda-feira de carnaval muita gente está de folga... MAS não podíamos faltar ao nosso encontro de toda seGUN:nda com a presidenta Dilma Rousseff não é presidenta?
> P: é sim Luciano... até porque **nes:sa semana nós lançamos o re:ajuste do Bolsa Família...** sabe Luciano... no dia oito de

> março... **amanhã... é o dia internacional da mulher...** e como nesse ano caiu na terça-feira de carnaval... nós resolvemos comemorar TOdo o mês como sendo o mês da mulher... o auMENto do Bolsa Família... Luciano... abre uma dessas comemorações porque é um programa -- **o Bolsa Família -- feito para as mulheres... para a sua família e seus filhos...**
> J: pois é... a senhora escolheu abrir o **MÊS da mulher** anunciando **para as MÃES** o aumento no valor do Bolsa Família e liberando mais recursos?
> P: o:: Bolsa Família... Luciano... foi criado para reduzir a pobreza e:: está reduzindo... viu... Luciano? mas **SEM a participação ativa DAS mães das mulheres...** isso não estaria acontecendo... dos quase treze milhões de benefícios que NÓS distribuímos atualmente noVENta e três por cento -- ou seja -- **quase tudo é RESponsabilidade das mães de família... a mulher pega** o dinheiro do Bolsa Família e **vai** comprar o alimento... **mantém** os filhos na escola e **CUIda** da saúde deles... essa mulher Luciano... **está ajudando a construir** o futuro dos seus filhos e também o futuro do Brasil...
> (linhas 1 a 20)

O discurso de Dilma começa a traçar o perfil identitário que se constitui para mulher, de modo constante nas entrevistas, quando faz referência à mulher, atribuindo a ela características ligadas à questão da família e da maternidade. Quando há um projeto governamental direcionado às mulheres, quase como consequência, tal projeto é destinado aos filhos e à família, conforme observamos no decorrer das análises.

Há a utilização da estratégia da descrição definida na qual se estabelece o processo de rotulação, descrito por Koch (1999:70), à página 86 deste trabalho, que contribui para que as características socialmente partilhadas de um indivíduo sejam ressaltadas, além do reforço na ligação entre os sintagmas nominais **mulher** e **mãe**, que aparecem quase sempre relacionados em diversos dos segmentos sob análise, podendo estabelecer o estereótipo da mulher-mãe.

No segmento (1), às linhas 9-10, linhas 12-13, linhas 14-15, linha 17 e linhas 19-20, respectivamente, observa-se o processo de rotulação, no qual a característica materna é ressaltada:

| |
|---|
| o Bolsa Família -- **feito para as mulheres... para a sua família e seus filhos...** |
| |
| a senhora escolheu abrir o **MÊS da mulher** anunciando **para as MÃES** o aumento no valor do Bolsa Família |
| |
| SEM **a participação ativa DAS mães das mulheres...** |
| |
| quase tudo **é RESponsabilidade das mães de família...** |
| |
| **essa mulher** Luciano... **está ajudando a construir o futuro dos seus filhos** e também o futuro do Brasil... |

Chama atenção o segmento em que Dilma trata do aumento do Bolsa Família, dizendo que abre, com isto, as comemorações pelo dia da mulher, pois, em vez de se oferecer um programa direcionado à mulher e somente a ela, o que é oferecido é um programa que beneficia mais diretamente a família. Tal questão merece destaque, tendo em vista que, sob uma perspectiva mais tradicional, ela é composta pelo homem, pela mulher e pelos filhos, no entanto, há um apagamento da figura masculina, de modo geral. Retomando o segmento (1), linhas 15-17, temos:

> dos quase treze milhões de benefícios que **NÓS** distribuímos atualmente **noVENta e três por cento** -- ou seja -- **quase tudo é RESponsabilidade das mães de família...**

A mulher aparece como responsável por administrar os recursos da família, desse modo seu lugar de pertencimento vai sendo constituído.

Observamos a nominalização presente, ainda, no segmento (1), linhas 14-15:

> "o:: Bolsa Família... Luciano... foi criado para reduzir a pobreza e:: está reduzindo... viu... Luciano? mas SEM a **participação** ativa DAS mães das mulheres..."

A presença da nominalização “participação” acaba por contribuir para a criação de uma identidade feminina participativa, entretanto, é como se a participação das “mães” viesse antes da participação das “mulheres” até pela ordem dos elementos no texto. A participação dela é ativa, sobretudo, no âmbito privado da família e da criação dos filhos. Como a referência à mulher é feita em primeiro lugar, por meio do elemento “mãe”, isso poderia reforçar o estereótipo da mulher-mãe, conforme já o dissemos.

No segmento (1), “mulher” é agente em relação aos verbos: ela pega o dinheiro, compra alimento, mantém os filhos na escola, cuida e ajuda a construir o futuro dos filhos e do país. Notemos que as ações da mulher ajudam a construir o futuro do país, mas, essencialmente, ajudam a construir o futuro dos filhos, como se a função da maternidade se sobrepusesse a qualquer outra atribuição feminina. As ideias de cuidado e de assistência aos filhos e a noção da maternidade permanecem mais adiante, pois é a mãe quem cuida dos filhos, que compra o alimento e que acompanha o crescimento dos filhos, fortalecendo o fato de as ações da mulher estarem ligadas ao lar e à família.

No decorrer da entrevista, temos, no segmento (2), linhas 36 a 45:

(2)

> P: olha Luciano... o Bolsa Família ele foi criado em dois mil e quatro... LOgo no início do priMEIro governo do presidente Lula era um comproMIsso... que o presidente Lula assumiu... de que no Brasil... nós não queríamos que as pessoas passassem fome... ELE é um programa de transferência e de distribuição de renda com esse dinheiro... a família... **a MÃE de família**... vai e compra alimento... compra os produtos de higiene... e compra TOdos os produtos de primeira necessidade... inclusive material escolar... e aí gera renda também para o dono do mercadinho... da lojinha... da farmácia... faZENdo então Luciano... a roda da economia girar gerando emprego e aumentando a riqueza de to:dos...

Ao explicar a função do programa Bolsa Família, novamente a mulher é referenciada como “MÃE de família”, à linha 40, a partir da ênfase na fala de Dilma. A mulher contribui para a “roda da economia girar”, temática tratada por esta edição do programa. Apesar de ser atribuído um papel ativo à mulher o que se destaca é a sua presença no escopo da família, pois sua atividade de manter sua família é que faz a “roda da economia girar”, à linha 44, e não sua presença no mercado de trabalho, por exemplo.

De acordo com Perrot (2010:178), pensando nas divisões socialmente aceitas de papéis femininos e masculinos, no século XIX: “cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes” e administração do orçamento da casa, já no século XX, representa a mulher como uma “espécie de engenheira, comandando as máquinas de uma cozinha fábrica” (PERROT, 2010:179), concepção que aparece no discurso político presidencial, de uma mulher, no século XXI, quando afirma que o que faz a roda da economia se movimentar é a compra dos produtos de primeira necessidade, conforme se observa às linhas 40-45, ainda no segmento (2):

> ... **a MÃE de família**... vai e compra alimento... compra os produtos de higiene... e compra TOdos os produtos de primeira necessidade... inclusive material escolar... e aí gera renda também para o dono do mercadinho... da lojinha... da farmácia... faZENdo então Luciano... a roda da economia girar gerando emprego e aumentando a riqueza de to:dos...

Dilma aproveita a referência da mulher estereotipada como mãe e aproxima a imagem que constrói de si à identidade que vem sendo construída da brasileira. A Presidenta se reconhece como mãe, à linha 60 (eu sou mãe...), corroborando a identidade que seu discurso constitui para mulher, no segmento (3), às linhas 58 a 61:

(3)

> J: começando pela saúde quais são as melhorias?
> P: olha... a coisa MAIS importante é que caiu MUIto a desnutrição infantil... **eu sou mãe**... e imagino **COmo é difícil para uma mãe** ouvir um filho pedir comida e não ter para dar... ISto talvez seja o maior benefício do Bolsa Família...

Já no final do discurso, no segmento (4), à linha 71, o sintagma nominal "força" surge como um elemento novo que atribui mais uma característica à mulher: ela é mãe e forte, àquele sintagma junte-se "coragem" que são motivos de homenagem à mulher por aquela que está ocupando o cargo máximo na condução do país. Observamos que todas as nominalizações que atribuem uma qualidade às mulheres são valoradas positivamente:

(4)

> P: e encerramos homenageando **as mulheres que SEMpre tiveram que lutar MUIto mais mas muito mais MESmo... para serem reconhecidas...** lembrando que amanhã é o dia internacional da mulher... este ano -- como eu disse no início -- nós faremos um mês inteirinho de comemorações enCErro o programa Luciano... com uma **homenagem à força e à coragem da mulher brasileira...**

(linhas 68 a 75)

Nesse programa, há a referência à mulher muito marcada pelo sintagma nominal "mãe", que contribui para rotulação feminina, estabelecendo o estereótipo da mulher-mãe. Há um reforço à questão da presença ativa da mulher no âmbito privado do lar e o poder que ela detém é aquele para administrar os recursos da família.

Koch (2001:83), ao tratar da seleção discursivo-lexical constitutiva do processo de referenciação, aponta que "a escolha do nome-núcleo e/ou de seus modificadores vai ser o responsável pela orientação argumentativa do texto", nesse sentido, a utilização recorrente do sintagma "mãe", como modificador/ caracterizador de "mulher" pode ser responsável por distinguir a

mulher de modo a promover o estabelecimento de um vínculo com o ambiente privado, rotulando-a.

## 4.2 Dilma antecipa novidade do governo para mulheres

Observamos que, já de início, na entrevista veiculada em 14 de março de 2011, há um direcionamento ligado à figura da mulher, observando a seleção temática a ser tratada por essa edição do programa. A entrevista é iniciada por meio de pergunta do jornalista acerca do anúncio de programas direcionados à mulher, de acordo com o segmento (5), às linhas 4 a 9, apresentadas a seguir:

(5)

> J: estamos no **mês de março dedicado à mulher**... nós sabemos que o governo vai nesse mês lançar programas importantes... a presidenta não podia antecipar alguns dos anúncios para NÓS?
> P: eu posso antecipar sim... para você... em primeiro lugar... vamos tratar daquele que é um dos **momentos MAIS marcantes da vida de toda mulher a maternidade...**

No segmento (5), observamos o destaque dado ao “mês de março dedicado à mulher”, à linha 4. Esta nominalização poderia apontar tanto para o realce da realização de um mês inteiro do programa de rádio voltado à mulher, como também poderia representar a ênfase, por parte do governo liderado por uma mulher, em salientar que o mês de março é dedicado às mulheres.

No início da entrevista, os elementos discursivos utilizados para fazer referência à mulher são aqueles ligados ao universo da maternidade, tendo em

vista a apresentação do programa do governo “Rede Cegonha”, direcionado às mulheres grávidas.

Em resposta à pergunta do jornalista, Dilma ressalta a importância dada ao momento da maternidade marcada pelas nominalizações: “momentos MAIS marcantes da vida”, à linha 8, não apenas da vida de uma ou outra mulher, mas sim da “vida de **toda** mulher”, configurando a questão da maternidade como inerente a toda mulher, reproduzindo os valores de uma sociedade patriarcal, conforme afirma Perrot (2010: 169) “a figura da Mãe[26] tende a absorver todas as outras”, assim, também no discurso de Dilma Rousseff, a maternidade tende a absorver outras possíveis representações femininas.

Nesse momento, delineia-se a construção da identidade da mulher brasileira vinculada ao fato de ela poder ser mãe, e ainda a referência de que esse momento é dos mais importantes da vida da mulher, expresso pelas nominalizações “momentos mais marcantes” e “maternidade”, às linhas 9 e 10, respectivamente.

Woodward (2003: 34), ao tratar da identidade e dos processos de representação feminina, afirma que:

> Por exemplo, tomando como base a identidade e as qualidades singulares das mulheres, alguns grupos feministas têm argumentado em favor de um separatismo relativamente aos homens. Existem, obviamente, diferentes formas de compreender e definir essa ‘singularidade’. Ela pode envolver apelos a características biologicamente dadas da identidade como, por exemplo, a afirmação de que o papel biológico das mulheres como mães as torna inerentemente mais altruístas e pacíficas.

Tais sintagmas poderiam figurar como elementos constitutivos de uma identidade feminina relacionada ao âmbito privado, num certo sentido. Perrot

---

[26] A autora grafa “mãe” com letra maiúscula.

(2010:186), ao pensar na mulher do século XIX, afirma que “o lugar das mulheres: a Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro”, percepção que está manifesta, de algum modo, nos discursos ainda hoje.

Mais adiante, às linhas 14-15, o jornalista pergunta sobre a dificuldade que tem a mulher de conciliar o cuidado com os filhos e o trabalho: “J: Presidenta... e depois... mais para frente? um dos grandes problemas das mães é CONciliar o trabalho e o cuidado com os filhos...”.

A Presidenta, por sua vez, responde:

(6)

> P: é sim Luciano... **nenhuma mulher trabalha tranquila se seus filhos não estiverem protegidos e bem cuidados** por isso Luciano nós vamos iniciar um programa de creches cuja a meta é construir seis mil creches e pré-escolas em TOdo o Brasil até dois mil e catorze... **as CREches e pré-esCOlas... elas são muito importantes na administração do tempo das mulheres...** MAS são SObretudo... Luciano... importanTÍssimas para a educação das crianças e para atacar a raiz das desigualdades sociais...
>
> (linhas 15-23)

Para que se compreenda tal segmento, é preciso reportarmo-nos ao início da entrevista, momento em que se delineia a construção de uma mulher vinculada à maternidade, pois permanece a preocupação em relação à “mulher mãe”, mas acrescida de outra faceta feminina: a “mulher trabalhadora”.

No decorrer da entrevista, segmento (6), à linha 15, surge o tópico do trabalho em relação às mulheres, entretanto, “trabalho” aparece associado a problema, pois “um dos grandes **problemas** das mães é CONciliar **o trabalho** e **o cuidado** com os filhos”, ainda, a tranquilidade da mulher no trabalho estaria associada à proteção dos filhos e não a um bom salário e condições de trabalho favoráveis entre homens e mulheres, dentre tantas outras

possibilidades, pois “**nenhuma** mulher **trabalha tranquila** se seus filhos não estiverem **protegidos** e **bem cuidados**”, às linha 16-17.

Nesse sentido, Woodward (2003: 32) ao tratar da identidade e dos processos de representação, refletindo acerca da tensão que pode surgir entre as expectativas e as normas sociais, em relação à mulher, afirma “espera-se que as mães sejam heterossexuais. Identidades diferentes podem ser construídas como "estranhas" ou desviantes", logo, constituir discursivamente uma mulher mãe que se importe somente com o trabalho, relegando os filhos, não seria aceito do ponto de vista do que é esperado do discurso politico presidencial, formador de opinião, enunciado por uma mulher.

O segmento (6) pode ter sido utilizado como mote para o desenvolvimento de um tópico direcionado às ações que o governo pretende realizar, mas também pode ser analisado como elemento que situa a figura da mulher que administra seu tempo, exercendo suas tarefas no trabalho, em função da proteção e amparo aos filhos.

Desse modo, vai-se desenhando o contorno identitário da mulher brasileira, para a qual a Presidenta se dirige, construída discursivamente: em primeiro lugar ela é mãe, em segundo lugar, é trabalhadora, mas uma trabalhadora preocupada em atender as exigências do âmbito familiar.

Chama a atenção o fato de que seja apresentado para a mulher, por uma mulher, detentora de um poder, como realização do governo, no mês dedicado às mulheres, a criação de creches. Em contrapartida ao destaque que a mulher recebe, o homem não aparece, é como se não assumisse a paternidade como própria de sua caracterização, como se o homem “não existisse” nem no âmbito do trabalho, nem no âmbito da família, tanto é que a

creche vem cumprir uma função de apoio à mulher, para que ela possa trabalhar.

Emidio e Hashimoto (2008: 28), propõem que:

> O papel da mulher e da mãe, por muito tempo em nossa sociedade, esteve ligado a categorias secundárias de pertencimentos e lugares. Esta posição pode ser percebida por meio dos discursos políticos e/ou religiosos que a colocavam em um lugar de submissão em que sempre devia obediência ao marido e tinha um lugar subalterno no quadro familiar. Este lugar de submissão ocupado pelas mulheres nos falava de impotência e insignificância.

Nos discursos de Dilma, a mulher é representada, sobretudo, como mãe. Apesar de haver um posicionamento emancipatório, a mulher produzida pelo discurso, ao ser constituída como mãe, pode reproduzir o estereótipo da mulher dona de casa, carregando consigo toda uma herança de subordinação em relação ao homem e ao mercado de trabalho.

Voltando ao *corpus*, no segmento (7), linhas 27-31, Dilma é questionada acerca do modo como avalia a situação das brasileiras no país: “J: Presidenta como a senhora avalia **a situação das brasileiras**?”, linha 27, e responde:

(7)

> P: olha Luciano as mulheres **ajuDAram e aJUdam a construir o nosso país... saem de seus lares vão para o mundo do trabalho... para as empresas... para as escolas... às universidades para a vida social e FAzem a diferença**... SAbe Luciano... se as mulheres não tivessem crescido em **seu papel na sociedade brasileira... eu não conseguiria ter sido eleita presidenta**

No segmento (7) está presente um movimento de transformação direcionado à construção de uma identidade atrelada à concepção de uma mulher que não se restringe à esfera da casa e dos cuidados com o lar, expressa pelos sintagmas verbais “ajudaram e ajudam”, “saem”, “vão”, “fazem”, entretanto, as mulheres saem dos lares como se esse fosse seu lugar, mas

estando em um processo de ascensão. Destacamos, ainda, que as mulheres são agentes de todos esses verbos.

De acordo com Koch (2001: 87):

> O discurso, à medida que alimenta a memória discursiva, fornece uma representação de seus estágios sucessivos, particularmente "formatando" as expressões referenciais, que, nesse sentido, operam como "chaves" (clues). Tal representação, no entanto, pode ser ela mesma manipulada e as expressões referenciais são precisamente um dos lugares onde a manipulação é não só possível, como visível.
> Em outras palavras: a função das expressões referenciais não é apenas a de referir. Pelo contrário, como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente, recategorizando os objetos presentes na memória discursiva.

Assim, retomando os estudos de Koch (2001) e observando a alimentação da memória discursiva do interlocutor "povo brasileiro", Dilma, em sua constituição discursiva da mulher, ressalta sua presença no mercado de trabalho, reforça o fato de que ela atinge graus mais elevados de escolaridade, fazendo referência às universidades e reafirma o crescimento da atuação feminina na sociedade. Trata-se da construção da identidade de uma mulher que tem poder de decisão na vida política do país, fato que se inscreve na eleição de uma mulher – Dilma Roussef – para ocupar o cargo de maior representatividade política no país, fixando, de certo modo, aquilo que se espera de seu discurso.

Do ponto de vista discursivo, podemos observar que existe a busca em firmar a posição de mulher enquanto detentora de um novo espaço, pois as mulheres "vão para a vida social e fazem diferença", estão nas empresas e puderam eleger também uma mulher, configurando uma mudança social e

politica, e novas relações de poder, tendo em vista que seu poder pode se ampliar para além da casa e da família.

Em relação à questão do poder e os novos espaços pelos quais circula a mulher, Perrot (2010:167) ressalta que:

> As relações da mulher com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. “Poder”, como muitos outros, é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a “influências” difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela.

Com o intuito de ilustrar tal modificação, Dilma conta a história de Vitória, uma “pequena mulher”, à linha 34, ainda, no desenvolvimento do tópico estabelecido pela pergunta do jornalista, acerca da avaliação de Dilma ante a mulher. Observamos a ocorrência de um exemplo, e podemos dizer que sua utilização é valiosa na constituição de identidades e de relações de poder:

(8)

> P: **eu gostaria de contar para você um fato** que aconteceu comigo e **que ilustra MUIto bem como as mulheres estão sempre mudando**... FAlo de uma **pequena mulher chamada Vitória uma meniNInha** que eu conheci num aeroporto do nosso país eu estava lá e a mãe dessa menininha aproximou com ela e me disse... a minha filha quer te fazer uma pergunta... **ela quer saber se mulher pode e eu perguntei POde o quê? Ela disse olha... a Vitória quer saber se mulher pode ser presidente** e:: foi isso que eu respondi para ela... **Vitória, mulher pode sim** enTÃO... Luciano... eu tenho **certeza que as mulheres cada vez mais sabem percebem e vivem essa realidade -- elas podem** – MAS... Luciano... **ainda falta muito para as mulheres poderem tudo**
>
> (linhas 32-43)

Para Van Dijk (2008:18), “poucas pessoas têm uma liberdade total para dizer e escrever o que querem, onde e quando querem e para quem querem”, no caso do Presidente da República, não é diferente. A figura representativa do poder de uma nação não pode, simplesmente, dizer o que quer, como quer e

na hora em que julga apropriado sem considerar as restrições sociais que a cerca e o contexto social que a circunda. Desse modo, seu discurso é de certo modo “controlado” e controlador, posto que é formulado tendo em vista um tipo especifico de interlocutor: a população do país.

Assim, ainda de acordo com Van Dijk (2008:18):

> O controle se aplica não só ao discurso como prática social, mas também às mentes daqueles que estão sendo controlados, isto é, aos seus conhecimentos, opiniões, atitudes, ideologias, como também às outras representações pessoais ou sociais. Em geral, o controle da mente é indireto, uma intencional, mas apenas possível ou provável consequência do discurso. E uma vez que as ações de pessoas são controladas por suas mentes (conhecimento, atitudes, ideologias, normas, valores), o controle da mente também significa controle indireto da ação. Essa ação controlada pode de novo ser discursiva, de modo que o discurso poderoso possa, indiretamente, influenciar outros discursos que sejam compatíveis com o interesse daqueles que detêm o poder.

Se tomarmos como proposição que o discurso de Dilma pretende constituir uma identidade para a mulher, não nos parece ser por acaso que, no segmento (8), a menina se chame Vitória, e nem por acaso que também seja uma mulher que figure para exemplificar e funcionar como argumento para embasar a afirmação de Dilma. “Vitória” poderia constituir a personificação do que a presidenta espera em relação ao espaço que ela quer para a mulher. Menos evidente do que nos discursos anteriores, o sintagma “mãe” aparece de modo oportuno, pois figura somente para designar a mãe de Vitória, a filha.

Observamos a insistência em relação ao uso do sintagma verbal “poder” e suas flexões. Nesse pequeno segmento, Dilma o utiliza seis vezes, o que poderia representar a constituição de uma mulher que busca perceber e viver a realidade de poder tudo. A mulher que “pode tudo” está relacionada, de algum modo, à constituição de uma imagem de força atribuída à mulher, entretanto,

força e fragilidade aparecem justapostos nesse discurso, pois, de acordo com o segmento (9), logo, às linhas 43-46 em seguida:

(9)

> J: **o que é que a senhora acha que está faltando?** o que MAis te preocupa?
> P: **uma das minhas maiores preocupações é a violência contra a mulher.**.. ainda muito presente... **inclusive dentro de casa**... uma situação que sobre TOdos os aspectos é inaceiTÁvel para uma sociedade como a brasileira...

Assim, Dilma apresenta indicativos explícitos que representam uma de suas preocupações maiores “a violência contra a mulher”, à linha 44. A própria nominalização “preocupações” é indicativa do modo como a mulher, representante do poder, se relaciona com as demais mulheres no país. Ela se mostra incomodada com a violência que ocorre contra a mulher, buscando ajudá-la.

A fragilidade da mulher que sofre violência doméstica, retomando a questão da mulher no âmbito privado do lar, sofrendo “inclusive dentro de casa”. A voz do discurso político delineia um quadro em que pesa à figura feminina toda incumbência: mãe, trabalhadora, esposa. A presidenta coloca-se ao lado da mulher, ressaltando ser uma situação inaceitável.

A todo o momento há um jogo na caracterização discursiva da mulher, entre o espaço privado, quando as referências discursivas giram em torno do lar e da maternidade e o espaço público, quando a referência que se faz é ligada ao trabalho e ao papel do governo, papel este que tende a apresentar-se de modo a relacionar-se com as questões de ordem pública, exaltando a mulher, protegendo-a inclusive, ajudando-a. Ao ressaltar a figura da mulher, Dilma fortalece a imagem, do governo que se atrela à família.

Observemos às linhas 66 a 70 do segmento (10):

(10)

> **as mulheres... Luciano... são hoje um pouco Mais da metade da população**... **mas o RESto da população -- a outra metade -- são os nossos filhos**... por isso... quando a gente **CUIda da mulher nós estamos tratando toda a sociedade** estamos com tudo dentro de casa...

O fato de Dilma afirmar que “quando a gente cuida da mulher nós estamos tratando toda sociedade estamos com tudo dentro de casa” (linha 70), pode constituir uma referência à mulher no âmbito privado, contribuindo para a constituição identitária feminina ligada ao lar. Nesse momento, ao observarmos os sintagmas verbais, temos que as mulheres, enquanto agentes dos verbos, constituem a população toda, pois que só há referência às mulheres, numericamente “um pouco mais da metade da população...” (linha 67), e a seus filhos: “o RESto da população -- a outra metade -- são os nossos filhos...”(linha 68), havendo o apagamento da figura masculina.

Quando mulher é paciente do verbo em “a gente cuida da mulher”, é como se a mulher fosse agente e paciente ao mesmo tempo, visto que a representante do governo é uma mulher, pois, a Presidenta cuida e trata da mulher e da sociedade, sendo mulher e pertencendo à sociedade.

O significativo é que o espaço ressaltado é o espaço da “casa”, cabendo dizer que o uso de léxico ligado ao privado e à maternidade, nesse discurso da presidenta, é recorrente. Inferimos que isso ocorre em virtude de possibilitar uma aproximação com seu público, pois cada interlocutor ou é mãe, ou tem uma mãe, o que poderia facilitar a identificação do público com o discurso da mulher que ocupa o mais alto cargo na política brasileira. Neste sentido, Perrot (2010:183) ressalta que:

> a mãe é o ponto geométrico desses cultos diversos que acabam por criar uma saturação insuportável, e alimentam o velho medo que os homens sentem pelas mulheres, e particularmente pela potência materna.

Seria criado, discursivamente, um posicionamento de potência e de liderança, mas também de acalento e brandura e ressaltando a força da mulher sem negligenciar, entretanto, de questões relacionadas ao ato de cuidar.

Ao final desta entrevista, no segmento (11) há um momento em que Dilma se despede do radiouvinte, deixando “meu **aBRAço especial** para você... minha amiga mulher brasileira” (linha 74), o que denota a tentativa de aproximação com o público feminino.

(11)

> J: certo presidenta uma BOA semana para a senhora e para todos e todas e que nos ouvem agora... até a próxima segunda...
> P: obriGAdo... Luciano... uma bo::a semana para você ouvinte e o meu **aBRAço especiAL** para você... **minha amiga mulher brasileira** tchau
>
> (linhas 71-74)

O afeto é representado não simplesmente por meio do sintagma nominal “abraço”, mas “abraço especial” que se associa à “minha amiga mulher brasileira”. Desse modo, neste segmento é intenso o apelo à nominalização.

### 4.3 Dilma lança amanhã programa de combate ao câncer de mama e ao câncer do colo de útero

O tópico proposto nessa edição do programa, veiculada em 21 de março de 2011, está relacionado à mulher, pelo fato de tratar do câncer do colo de útero e do câncer de mama. Nesse discurso, Dilma busca aproximar a mulher brasileira de si, estabelecendo um paralelo entre sua figura e figura da

brasileira, ao afirmar que não só ela, mas seu governo trabalha para garantir a prevenção e a saúde para as mulheres, representado pelo pronome “nós”:

(12)

> J: Presidenta a senhora vai estar em Manaus amanhã... para lançar o Programa de Prevenção ao Câncer de Mama e ao Câncer de Colo do Útero... **por que essa mobilização tão forte?**
> P: Luciano... **nós estamos TOdos mobiliza:dos e muito animados... NÓS... as pessoas DO governo...** federal... estadual e das entidades... **que trabalham ou são solidá::rias** com os projetos **em favor da saúde da mulher**
>
> (linhas 5 a 10)

No segmento (12), o governo liderado por uma mulher se mobiliza por projetos que beneficiam a saúde da mulher. O pronome **nós,** inclusivo e com ênfase, a explicitação de que “todos” do governo aí se incluem, evidencia a preocupação governamental com a mulher, com a saúde da mulher. Nesse discurso, não fica muito evidente à constituição de uma identidade da mulher brasileira, porém, evidencia-se o reforço de que o governo está voltado às questões relativas às mulheres. A mobilização do governo de uma mulher em prol da saúde da mulher constitui uma relação de poder na qual a mulher da sociedade brasileira pode ser beneficiada.

A pergunta do jornalista fortalece o apelo em expor a preocupação do governo quanto à saúde da mulher, no mês das mulheres, isso se faz por meio da nominalização presente à linha 07: “por que essa **mobilização** tão forte?”. Ele questiona a presidenta para dar a deixa necessária para o desenvolvimento do tópico no qual a mulher (Dilma), detentora do poder, apresenta-se de modo prestar auxílio às mulheres. A mobilização aparece de modo solidário e com apoio das diversas instâncias do governo.

## 4.4 Mulheres vão receber assistência integral da gestação aos primeiros anos de vida do bebê

Nessa entrevista, última do mês de março de 2011, veiculada em 28 de março, que faz parte dos programas veiculados em homenagem ao dia internacional da mulher, o tópico tratado relaciona-se à gestação e à maternidade.

Um dos objetivos do Café com a Presidenta é mostrar e apresentar as propostas e programas do governo, entretanto, quando observamos que os programas destinados à mulher são, em geral, ligados à família, é possível acreditar que são constituídas relações de poder que privilegiam a constituição de uma identidade feminina mais ligada ao espaço do lar, da família e da maternidade, como se esse fosse seu lugar natural de pertencimento. Nesse contexto, Dilma apresenta às mulheres o programa “Rede Cegonha”, conforme segmento (13):

(13)

> J: a senhora está indo hoje a BElo Horizonte... lançar... o programa **Rede Cegonha mais uma novidade dirigida às mulheres...** a senhora já falou do Rede Cegonha aqui rapidamente... mas gostaríamos de saber mais pode ser?
> P: pode sim Luciano você sabe que **uma das grandes preocupações do meu governo é assistência à mulher e ao bebê**... um país só po::de ser medido pela atenção que dá às suas mães e às suas crianças... o Rede Cegonha é um programa que vai dar **atendimento à mulher** do iNÍcio da gravidez até o segundo ano de vida do bebê vamos agir bem cedo... sabe por quê? porque o fuTUro de uma criança começa muito antes do nascimento dela... começa na qualidade de vida da mãe... nas condições da gravidez e nas condições do parto... VAmos investir NOve BIlhões de reais até dois mil e catorze para garantir um atendimento integral...
> J: em que esse dinheiro vai ser aplicado?
> P: nós vamos construir uma REde para as mulheres -- a Rede Cegonha -- ligada ao Sistema Único de Saúde... trabalhando em conjunto com os estados e os municípios... a ideia é a seguinte... no momento em que uma mulher chegar a uma unida:de de saúde... informando que está grávida ou:: que susPEIta de

> gravidez... ela vai entrar imediatamente numa corre:nte de cuidados especiais... primeira coisa... a gestação vai ser confirmada ali mesmo sem demora.. a mulher vai fazer um teste rápido aque:le que dá o resultado na hora...
>
> (linhas 5 a 25)

Ao dizer “mais uma novidade dirigida às mulheres” (linha 6), o jornalista já salienta os vários benefícios dada à preocupação com a mulher. As nominalizações “preocupação”, “assistência” e “atendimento” destacam o modo pelo qual o governo direciona seus esforços em prol das mulheres. A rede construída para elas é algo relacionado indiretamente à família e à “assistência à mulher e ao bebê” (linha 8), pode funcionar como um mecanismo de manutenção que provoca a constituição de uma identidade feminina como mãe, reforçando o estereótipo de mulher-mãe. Em relação aos estereótipos, Nogueira e Saavedra (2007:13) apontam que:

> Os estereótipos servem, de uma forma geral, para fazer ilações acerca de grupos baseados na idade, nacionalidade, etnicidade, raça, género, classe social, profissão, estatura física, orientação sexual, entre outras. O primeiro objetivo dos estereótipos é o de simplificar e organizar um meio social complexo, tornando-o menos ambíguo. Mas eles servem também para justificar a discriminação de grupos e gerar preconceitos.

O segmento (14), apresentado a seguir, mostra, novamente, o apagamento da figura masculina, pois quando a Presidenta fala do parto e da importância da mulher se sentir segura nesse momento, em vez de se destacar o acompanhamento do pai, pensando na constituição tradicional da família, o que é enunciado é:

(14)

> mas o fato é que **a mulher precisa sentir SEgurança para chegar CONfiante ao parto normal**... então... além de um BOM pré-natal vamos criar um ambiente favorável que respeite a individualidade da mulher... POR exemplo... se quiser... a mulher poderá ter o acompanhamento de **uma pessoa de confiança**...
>
> (linhas 68 a 71)

A omissão da figura do homem no discurso de Dilma pode ter a função de constituir a identidade de uma mulher que não depende de uma figura masculina. Assim, de acordo com Emidio e Hashimoto (2008: 32):

> O poder feminino e o poder materno fazem parte também de uma conquista social das mulheres em seu caminho percorrido historicamente. A constituição social do papel da mãe como anteriormente relatado, a revolução do papel da mulher na sociedade, a revolução sexual e todas as conquistas femininas contribuíram para a atribuição de certo poder a essas mulheres.(...) O poder masculino como provedor do lar, conectado com a segurança econômica por ele possibilitado, também sofreu transformações.

Tanto homens como mulheres passam por um processo de transformação, nos dias atuais, e o discurso político presidencial, por sua vez, corrobora essa proposição.

### 4.5 Mais de um milhão de empreendedores conquistam o mercado formal

Ressaltamos que este programa não faz parte dos discursos veiculados no mês de março, nos quais é possível pressupor que haja um reforço ainda maior às questões ligadas às mulheres, pelo fato de Dilma ter afirmado que o mês inteiro seria dedicado às mulheres, em comemoração ao seu dia, no ano de 2011.

Na edição do programa, veiculada em 11 de abril de 2011, o tópico proposto não está diretamente relacionado à família ou à saúde da mulher, mas ao empreendedorismo e ao mercado de trabalho. Ao falar das vantagens que o empreendedor individual obtém ao formalizar o seu negócio, mais uma vez, a ilustração se faz pelo perfil de uma mulher:

(15)

> vou até te contar uma história Luciano... que mostra bem isso... em Sergipe tem uma **pipoqueira... a dona Selma** ganhando um bom dinheiro... ela vende pipoca para a Petrobrás uma empresa

> pública... ESSA pipoca é jogada no mar para ver se há VAzamento de óleo... se a pipoca fica escura tem óleo na água... e o melhor de tudo é que a pipoca... NÃO polui o meio ambien::te...
>
> (linhas 29 a 34)

Assim como no discurso veiculado em 14 de março de 2011, cujo tópico é “Dilma antecipa novidades do governo para as mulheres”, no qual a Presidenta utiliza “Vitória” como exemplo, na entrevista de 11 de abril “dona Selma” é o personagem. Apesar de a mulher ser representada como uma empreendedora e trabalhadora, ela não assume uma posição de liderança, tendo em vista que a profissão do pipoqueiro como não ocupa um lugar de destaque na sociedade.

Caracterizar o referente feminino “dona Selma” como “pipoqueira”, ocupante de uma posição pouco valorizada, pode contribuir à constituição de uma identidade mais ligada ao âmbito do trabalho, desconectada do estereótipo mulher-mãe, entretanto, se considerarmos que os elementos empregados na caracterização do referente podem determinar a orientação argumentativa do texto, no processo de avaliação, estabelecido pela descrição definida “pipoqueira“, há que se observar uma posição de menor destaque sendo ressaltada. Nesse discurso, observa-se um reforço à presença da mulher no âmbito público do mercado de trabalho, porém, um trabalho que exige pouca especialização por parte de quem o realiza.

Perrot (2010:186) ressalta que a participação feminina no trabalho assalariado é cadenciada pelas necessidades da família, comandada por ela. Além disso, a mulher é “remunerada com um salário de trocados, confinada às tarefas ditas não-qualificadas, subordinadas e tecnicamente específicas”.

Trazer “dona Selma - pipoqueira” para a discussão proposta pelo programa pode ter o propósito de ressaltar que o governo liderado por uma mulher também se preocupa com a mulher pertencente à camada mais humilde da sociedade brasileira, o que é positivo para a instância midiática, da qual trata Charaudeau (2006), conforme salientamos no capítulo II, página 73. Além disso, pode haver a busca por estabelecer que a mulher esteja presente, de algum modo, no mercado de trabalho, constituindo-se uma mulher “empreendedora”, reportando-nos ao tópico da entrevista.

No que concerne às relações de poder, geradas entre Dilma e a mulher brasileira, Charaudeau (2009[27]) destaca:

> Com efeito, o sujeito político se encontra numa dupla posição: ser o portador e o garantidor de valores fundadores de uma certa “idealidade social”, e, ao mesmo tempo, promover a adesão do maior número de cidadãos a estes valores. O homem político está colocado, pois, entre “o político”, sede de um pensamento a respeito de como viver em sociedade, e “a política”, que concerne à gestão do poder.

Desse modo, Dilma Rousseff, representante do poder político, contribui para fundar uma identidade feminina atrelada a um posicionamento no âmbito público dos negócios, conforme se observa no segmento (15).

## 4.6 Novas creches facilitam acesso à educação

O tópico tratado nesse discurso, veiculado em 30 de maio de 2011, relaciona a criação de creches à possibilidade de a mulher trabalhar. Assim como no discurso veiculado em 14 de março de 2011, também há a referência

---

[27] Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html.

às creches como fundamentais para garantir a “tranquilidade” para a mãe que precisa trabalhar.

No segmento (16), temos:

(16)

> J: é e isso também significa **mais tranquilidade para a mãe que precisa trabalhar**... não é mesmo?
> P: claro **aumentar as vagas em creches** significa combater as desigualdades no Brasil por DUas frentes: primeiro... é uma **oportunidade para a mulher trabalhar** enquanto os seus filhos estão ali tranQUIlos na creche...
>
> (linhas 16 a 20)

A nominalização presente em “tranquilidade para a mãe que precisa trabalhar” (linhas 16-17) mostra que a mulher trabalhadora, antes de qualquer coisa, é referenciada como mãe, assim, a condição de a mulher ser mãe se sobrepõe ao trabalho ou ao estudo, conforme já observamos. Há uma ênfase na constituição de uma identidade maternal da mulher brasileira em correlação à Dilma Rousseff, talvez para causar um efeito de aproximação entre a presidenta e seu eleitorado.

Koch (2012:40) aponta que é possível “inferir, por exemplo, o todo a partir de uma ou de algumas partes; um conjunto a partir de uma ou mais subconjuntos; enfim, conhecimentos que fazem parte um mesmo ‘frame’ ou ‘script’, a partir de um ou vários de seus elementos explícitos na superfície textual”. Logo, o referente “mãe” é reativado pelo elemento “mulher”, assumindo a caracterização da identidade feminina de modo generalizado, tomando uma parcela (mãe), pelo todo (mulher), quase que metonimicamente.

Sabemos que a maternidade é inerente à mulher, entretanto, há diversas outras facetas que compõem sua identidade. A mulher é mãe, mas não somente, ela trabalha, estuda e pode ocupar espaços de liderança, pode optar

por não tornar-se mãe, havendo, entretanto, um reforço excessivo à questão da maternidade. Em grande parte dos discursos analisados, tal condição feminina se sobrepõe a qualquer outra atividade da mulher. Há, portanto, o reforço do estereótipo de mulher-mãe no que concerne à identidade constituída pelo discurso político presidencial em relação à mulher.

## 4.7 Brasil sem miséria vai gerar emprego e renda para população pobre

Nesse discurso, veiculado em 13 de junho de 2011, o segmento que nos interessa para análise, aparece praticamente no meio da entrevista e nos chamou a atenção por ser representativo o fato de Dilma referir-se à mulher, mais uma vez, para apresentar feitos de seu governo. Quando a Presidenta apresenta uma mulher como referente, essa mulher constitui algo valorado positivamente em relação ao assunto tratado nas entrevistas.

A narrativa da presidenta serve como argumento para a constituição de uma mulher que, apesar de ter baixa renda, foi possível que ela saísse dessa condição e conquistasse seu espaço. Dilma convida a mulher à ação, mostrando que o governo possibilita a transformação de um estado de pobreza, caminhando para um posicionamento privilegiado.

Discorrendo acerca do plano “Brasil sem Miséria” e, explicando a criação de condições para que os brasileiros saiam da extrema pobreza, Dilma conta a história de dona Marize Rodrigues:

(17)

> J: é já está provado que é possível sair da pobreza e levar uma vida DIGna não é presidenta?

> P: é verdade Luciano... e o Brasil sem miséria vai mostrar que é possível sair da pobreza com ações concretas... empréstimos CURsos de capacitação formação de cooperativas... **eu vou contar uma história** que mostra isso... a da dona Mari::ze Rodrigues que esteve aqui conosco no DIA do lançamento do Brasil sem miséria... **a DOna Marize era dona de casa** lá em Osasco em São Paulo e receBIA o bolsa família para sustentar... **os quatro filhos**... aí Luciano ela teve oportunidade.. de participar de cursos de capacitação oferecidos pelo bolsa família... no município de Osasco... e acaBOU formando uma cooperativa de costura junto com caTORze mulheres... **hoje Luciano ela preside a cooperativa de costura de Osasco** e pediu o desligamento do bolsa família porque NÃO precisa mais do benefício... SAbe o que acabou de acontecer? uma rede de supermerca::dos está negociando com a cooperativa... que ela preside... os serVIços da::s costuREIras para produzir sacolas ecológicas... **essa história da dona Marize... Luciano... pode se repetir com muitas e muitas mulheres pelo país afora**... é ISSO que nós queremos... se ofereCERmos oportunidades de capacitação e apoiarmos a procura de emprego abertura do próprio negócio estas brasileiras e estes brasileiros terão oportuniDAde de mudar sua vida de sair da pobreza...
> (linhas 38-57)

O segmento (17) possui estrutura composicional semelhante à estrutura dos segmentos (7) e (15), nos quais a Presidenta, respectivamente “conta um fato”, afirma “vou até te contar uma história Luciano... que mostra bem isso...”. e diz “eu vou contar uma história”, o que aponta para a narrativa como elemento presente para se aproximar da mulher de baixa renda e persuadi-la à ação.

No segmento (17), a Presidenta conta a história de dona Marize é referida como dona de casa, mãe de quatro filhos e costureira. Tal caracterização, relacionada à mulher brasileira nos dias de hoje, poderia ser atribuída à mulher brasileira do início do século XX, por exemplo, já que o espaço destinado à mulher, neste período, ligava-se ao lar e à realização de tarefas pouco prestigiadas pela sociedade. Pedro (2002: 281-2), refletindo

sobre a constituição da imagem da mulher do sul brasileiro, ressalta, no que concerne à representação da mulher:

> Os jornais do final do século XIX e início do século XX não criaram os ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais.
> Embora os jornais sulistas reproduzissem estereótipos existentes há séculos (...) Nas imagens dos jornais das cidades do sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.

À linha 44, do segmento (17): “Dona Marize era dona de casa”, a utilização do sintagma verbal “ser”, flexionado no passado, poderia subverter a constituição de uma identidade pouco valorada, abrindo caminho para a ocupação de um lugar de poder e de liderança, visto que dona Marize, que era dona de casa, costureira e mãe de quatro filhos, hoje “preside a cooperativa de costura de Osasco” (linha 48-9), corroborando a proposta de conceber uma mulher empreendedora.

Tais elementos poderiam configurar um movimento de buscar construir personificações do que a mulher poderia alcançar na sociedade, pois há o reforço de que não apenas dona Marize, mas outras muitas mulheres poderiam alcançar o mesmo, por meio do uso da repetição “muitas e muitas”. A repetição, característica da língua falada, para Fávero, Andrade e Aquino (2005:61) contribui para “organização do discurso e a manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de sequências mais compreensíveis”.

As mulheres que o discurso político de Dilma constrói são referidas e caracterizadas de modo semelhante, elas têm nome, uma profissão, moram em

um lugar determinado e partem de uma situação de inferioridade para uma condição de superação.

### 4.8 Minha Casa Minha Vida vai construir mais 2 milhões de moradias

Para contextualizar, nessa entrevista, veiculada em 20 de junho de 2011, ao falar do Minha Casa Minha Vida, programa de construção de casas subsidiadas pelo governo, com aquecimento solar, o jornalista inicia o tópico por meio de uma pergunta, retomando a questão do aquecimento solar e inserindo a mulher na conjuntura da construção das casas:

(18)

> J: essa é uma notícia que agrada a toda **dona de casa**... por falar nisso qual foi **a muDANça no financiamento da casa própria para mulheres?**
> P: ah Luciano foi uma mudança muito importante... **agora a mulher que quer comprar sua casa pode fazer o contrato e receber a escritura... do imóvel sem precisar da assinatura do marido... acabou esse tipo de dependência...**
> (linhas 54 a 58)

A mulher é referenciada como “dona de casa” (linha 54) e a nominalização presente no segmento “mudança no financiamento da casa própria para mulheres” evidencia um movimento de transformação que mostra estar a mulher percorrendo uma trajetória de dependência, de miséria e de pobreza, para a independência.

Em relação ao homem, a dependência também acabou, tendo em vista que ela compra sua casa “sem precisar da assinatura do marido... acabou esse tipo de dependência...” (linha 58). É como se a mulher se desprendesse da instituição do casamento e do vínculo obrigatório com o marido, para que fosse

possível ter uma casa própria, a despeito de essa dependência existir em pleno século XXI, tendo em vista que a mulher, até esse momento, não detinha o poder para, sozinha, receber a escritura de sua casa.

No segmento (18), a mulher não é referenciada como mãe, mas o sintagma nominal “dona de casa” pode indicar o direcionamento argumentativo que se pretende para mulher. Ela não depende do homem para ter sua casa, mas, ainda assim, é caracterizada como dona de casa, estabelecendo relações de poder que retomam os valores da sociedade patriarcal, ainda que ela seja representada como chefe de família em outros segmentos analisados.

## 4.9 Programa Crescer facilita crédito para quem deseja ter seu próprio negócio

Nessa entrevista, veiculada em 29 de agosto de 2011, Dilma apresenta as facilidades do Programa Crescer, que oferece crédito para pequenos empreendedores, e explica que quem solicitar o benefício receberá um tipo de orientação do banco que oferece o financiamento, conforme se observa no segmento (19), a seguir:

(19)

> J: que tipo de orientação Presidenta?
> P: essa orientação é para ajudar o empreendedor a planejar seus INvestimentos o crédito não pode ser um pe::so tem que ser uma alaVANca para impulsionar os pequenos negócios... na semana passada no dia do lançamento do programa crescer... **eu estive com a dona Izabel Cândido uma cearense GUErreira que é um exemplo de como o crédito orientado pode dar um gran::de impulso à vida de uma pessoa**... ela contou que em dois mil e cinco tirou um empréstimo de duzentos e cinquenta reais:: do Banco do Nordeste... para começar um pequeno negócio de vendas de cosméticos... com a orientação do pessoal do BANco foi ampliando o negócio... **hoje a dona Izabel tem uma loja..** com estoque avaliado em vinte e cinco mil

> reais... ISSO quer dizer que ela mul:tiplicou por cem aquele primeiro empréstimo de duzentos e cinquenta reias e CONquistou Luciano a estabilidade FInanceira que ela sempre sonhou...
>
> (linhas 32 a 45)

Dilma utiliza, mais uma vez, as nominalizações: dona Izabel Cândido é uma empreendedora de sucesso e dona de um pequeno negócio, às linhas 36-45:

> **a dona Izabel Cândido uma cearense GUErreira que é um exemplo de como o crédito orientado pode dar um gran::de impulso à vida de uma pessoa**... ela contou que em dois mil e cinco tirou um empréstimo de duzentos e cinquenta reais:: do Banco do Nordeste... para começar um pequeno negócio de vendas de cosméticos... com a orientação do pessoal do BANco foi ampliando o negócio... **hoje a dona Izabel tem uma loja..** com estoque avaliado em vinte e cinco mil reais... ISSO quer dizer que ela mul:tiplicou por cem aquele primeiro empréstimo de duzentos e cinquenta reias e CONquistou Luciano a estabilidade FInanceira que ela sempre sonhou...

Nesse momento, a mulher não aparece nem como dona de casa, nem como mãe, pela primeira vez, nos discursos do programa, no período analisado. É a imagem da mulher guerreira que vai à luta e vence: ela conquista a estabilidade e concretiza seus sonhos, contribuindo para a constituição de uma identidade feminina forte e ativa.

Mais adiante, o segmento (20) destaca que as mulheres são a maioria na população brasileira e estão inseridas nos projetos do governo liderado por uma mulher, porém, elas são o foco desse projeto específico, porque sua renda é baixa:

(20)

> J: **é verdade que as mulheres são maioria entre as pessoas que tomaram empréstimo pelo microcrédito?**
> P: é sim Luciano **o sucesso da dona Izabel não é único o microcrédito tem sido muito usado pelas mulheres DESde que foi criado no governo do presidente Lula... seis em cada**

> **dez pessoas que pegaram o microcrédito são mulheres...**
> J: considerando que **muitos lares são sustentados por mulheres** faz diferença não é Presidenta?
> P: ah Luciano faz diferença sim**... na vida das mulhe::res e na vida das famílias mais pobres... o crédito simplificado** sem exigência de muita papelada barato e orientado **pode ajudar a elevar o padrão de vida da população de baixa renda...**
>
> (linhas 53 a 63)

Nesse segmento (20), é possível depreender a busca por se apresentar a mulher como a parte maior da sociedade, havendo um apagamento da figura masculina, e outra questão corresponde à busca por apresentar a mulher como chefe de família, corroborando o apagamento da figura do homem.

A mulher aparece como maioria que solicita o microcrédito, constituindo um perfil identitário atrelado à família e aos filhos, pois o direcionamento do crédito que o governo oferece é justamente para a parcela mais pobre da população, logo, como a mulher é maioria na solicitação do crédito, significa que ela também é maioria na população desprovida financeiramente.

## 4.10 Café com a Presidenta especial tem 3 edições: acesso à educação infantil

Nessa entrevista, veiculada em 19 de setembro de 2011, apresentam-se algumas das construções recorrentes do discurso de Dilma Rousseff: a tranquilidade das mães para trabalhar é decorrente do oferecimento de creches por parte do governo. Mais uma vez, o estereótipo da mulher-mãe aparece, em sobreposição à questão da mulher que trabalha:

(21)

> J: é um direito das crianças e uma **tranquilidade para as mães não é Presidenta**?
> P: sem dúvida... **TOda a mãe sonha com um bom futuro para seus filhos...** na creche e na pré-escola elas vão ter acesso a jo:gos brinquedos e aos primeiros livros... ESTE acompanhamento no início da vida faz toda a diferença no desenvolvimento da criança... por isso estamos fazendo esse esforço para que as crianças MAIS pobres tenham acesso à educação infantil...
>
> (linhas 35 a 41)

Assim como ocorre no segmento (5), no discurso veiculado em 14 de março de 2011, há o enunciado “nenhuma mulher trabalha tranquila se seus filhos não estiverem bem protegidos e bem cuidados”. No segmento (20), é o jornalista quem contribui para constituição feminina ligada à maternidade. A presidenta, por sua vez, traz à tona a questão do sentimento, pois “TOda a mãe sonha com um bom futuro para seus filhos”.

Mais adiante, nessa mesma entrevista, no segmento (22), o jornalista inicia um novo tópico, referente à última pergunta do programa naquela manhã, ao falar da abertura da Assembleia Geral da ONU, pela primeira vez, por uma mulher:

(22)

> J: Presidenta uma última pergunta... a senhora já está em Nova York para a trigésima terceira assembleia geral das nações unidas... **já é tradição o Brasil abrir a reunião da ONU mas é a primeira vez que esse discurso será feito por uma mulher... como a senhora encara esse desafio?**
> P: sabe Luciano... **eu tenho muito orgulho de ser a priMEIra mulher... uma mulher brasileira abrir a Assembleia Geral da ONU...** vou falar em nome do Brasil para chefes de esTAdo dos cento e noventa e três países que vão participar dessa Assembleia Geral... **vamos discutir temas importantes como o papel da mulher no mundo**
>
> (linhas 59 a 67)

A Assembleia Geral das Nações Unidas ocorre desde 1947, e a tradição é que haja um orador brasileiro em sua abertura e, em geral, quem abre o

evento é o Presidente do país. Como Dilma foi a primeira Presidenta eleita no Brasil, ela foi a primeira mulher a abrir o evento o que não significa que a ONU buscou trazer uma mulher para abertura de seu evento, conforme o discurso parece indicar.

No segmento (22), a mulher Dilma Rousseff é construída discursivamente como uma mulher que encara desafios e que age. Ela figura como a personificação da mulher pública e de poderio, orgulhosa por ser a primeira mulher a discursar na ONU. Nesse sentido, a presidenta brasileira subverte estereótipos e representações tradicionais, pois:

> aceder a postos de alto nível é muito mais fácil para os homens do que para as mulheres, mesmo quando eles estão menos bem preparados do que elas. O fosso entre a proporção de mulheres com treino e formação profissional adequados e aquelas que atingem posições de proeminência nas organizações é elevado. Todos os dados indicam que o número de mulheres decresce progressivamente conforme se ascende aos mais altos níveis da hierarquia. E, mesmo quando as mulheres chegam a ocupar postos de liderança é frequente que seja em setores de atividade econômica tradicionalmente femininos. (NOGUEIRA, 2006: 58)

Dilma aparece como porta voz da mulher no país e no mundo, na medida em que julga o papel da mulher, no nosso país e no mundo, uma temática importante, criando uma identidade social valorada para mulher. De acordo com Charaudeau (2009: n.p):

> Essa identidade social desempenha um duplo papel: por um lado, fornece instruções ao sujeito obrigando-o a construir, através de seu discurso, um “nós” enunciador que reúne o Eu-instância política, o Tu-instância cidadã e um Ele-voz de um Terceiro de referência que fundamenta os valores sobre os quais se apóia ; por outro lado, a identidade social constitui a base sobre a qual o sujeito político poderá tentar construir uma credibilidade, seja *rejeitando* os valores aos quais se opõe, seja *reforçando* os valores que defende, seja ainda *justificando* os valores e ações que cumpriu e que são questionados.

Observaremos os desdobramentos do discurso de Dilma na ONU na próxima entrevista analisada.

### 4.11 Governo defende ação conjunta entre os países para enfrentar crise

Nesse discurso, veiculado em 26 de setembro de 2011, no início da entrevista, é ressaltado o fato histórico da Assembleia Geral da ONU ser aberta por uma mulher, conforme já se enunciou na entrevista de 19 de setembro, na semana, anterior. Observamos o segmento (23), e a retomada do tópico que faz Dilma Rousseff, no segmento (24).

(23)

> J: Presidenta na semana passada a senhora participou de um momento hisTÓrico em Nova Iorque na abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas... no seu discurso a senhora enfatizou a necessidade de se buscar uma saída para a CRIse econômica internacional... como a senhora avalia esse momento?
> P: olha Luciano para mim **foi uma honra... abrir a Assembleia Geral da ONU. Além de ser a primeira mulher a discursar na abertura** eu estava representando ali o Brasil...
> (linhas 5 a 13)

No segmento (24), há a retomada desse tópico em relação às mulheres. Há a referência à Michelle Bachelet, talvez em uma busca por representar que a mulher está ocupando cargos de liderança e de poderio, mas ainda é necessário que haja um órgão externo para ampará-la.

(24)

> J: Presidenta a senhora foi a priMEIra mulher a abrir a Assembleia Geral da ONU e também discursou numa reunião da ONU Mulheres sobre a participação política das mulheres é preciso aumentar o espaço das mulheres nas decisões mundiais?
> P: é preciso sim Luciano... **os caminhos de participação da mulher estão hoje cada vez mais abertos no mundo inteiro MAS há muito o que avançar...** a ONU Mulheres liderada pela ex-Presidenta do Chile Michelle Bachelet é um passo IMportante

> para coordenar as ações e políticas de apoio às mulheres em todo o mundo...
> J: e o Brasil tem muito a contribuir nessa questão não é?
> P: sem dúvida Luciano... **eu contei lá na ONU Mulheres que aqui as mulheres e as crianças são PRIoridade em programas sociais como o Bolsa Família e que as mulheres receBIam a maioria das bolsas... noventa e três por cento**... então com esses benefícios sociais Luciano... esTAmos ajudando a tirar milhões de famílias da miséria... senti muito orgulho de mostrar ao mundo que no nosso Brasil as NOSsas políticas já elevaram quaRENta milhões de brasileiros e brasileiras às classes médias...
>
> (linhas 45 a 61)

A nominalização presente em “os caminhos de participação da mulher estão hoje cada vez mais abertos no mundo inteiro mas há muito o que avançar”, mostra que a mulher é participativa, mas ainda há muito para ser conquistado, pois a mulher é a maioria entre aqueles que recebem os benefícios também por fazer parte daqueles que são desprivilegiados. Apresentar a mulher como uma das “prioridades” do governo, marca a importância que a mulher assume ante a liderança do país, buscando apresentar à população um governo que ampara as mulheres.

Ao tratar do poder, tende-se a associá-lo a figuras masculinas; entretanto, Dilma e Michele Bachelet aparecem ocupando cargos de liderança e representativos na política. Para van Dijk (2008:72), essa reprodução discursiva e esse controle do poder simbólico podem ser apreendidos como controle do discurso público, no qual é relevante observar “(a) as relações entre as crenças partilhadas (representações políticas), por um lado, e as crenças pessoais (modelos) pelo outro; e (b) as relações dessas representações sociais e pessoais com as estruturas discursivas”.

Assim, é representativa a presença de uma mulher, pela primeira vez no discurso de abertura da ONU, em mais de uma entrevista no Café com a Presidenta.

### 4.12 Governo lança plano de R$4 bi para enfrentar o crack e outras drogas

Nessa edição do Café, veiculada em 12 de dezembro de 2011, o que nos chama a atenção é o fato de Dilma aproximar sua imagem de mãe às mães com filhos viciados em drogas. Essa aproximação pode provocar o estabelecimento de relações de poder na medida em que Dilma se mostra "imensamente comovida", pelo enunciado no discurso. Ela constitui uma imagem de si de apoio às mulheres nessa situação, possibilitando a apreensão de que, na condição de Presidenta do país, de mãe e de mulher, dá apoio às outras mães.

(25)

> J: a família também tem um papel importante na prevenção e no tratamento dos dependentes químicos não é Presidenta?
> P: ah Luciano tem sim o sofrimento das famílias dos dependentes é sem dúvida enorme **tenho ouvido relatos de mães que chegam até a acorrentar os filhos no quarto para evitar que eles usem drogas... também sou mãe e esses relatos Luciano me comovem imensamente...** como presidenta farei tudo para que as mães que chegam a atitudes desesperadas... como essa... encontre no poder público o apoio e o tratamento adequado para seus filhos...
>
> (linhas 63 a 70)

A família que a presidenta ressalta no segmento (25) refere-se ao papel da mulher-mãe e ao papel do governo liderado por uma mulher que lhe dará auxílio, não apenas como governante, mas também como alguém mais "próximo", tendo em vista que Dilma "tem ouvido relatos das mães" e se "comove" com tais relatos.

Assim como na entrevista veiculada em 07 de março de 2011, segmento (3) deste trabalho, a presidenta enuncia “eu sou mãe”, aproximando-se da mulher e, por consequência, dos filhos, da família e da população.

## 4.13 Luta contra a discriminação da mulher é tarefa de homens e mulheres

No discurso veiculado em 05 de março de 2012, com cerca de um ano de intervalo em relação à veiculação do primeiro discurso selecionado para análise, o tópico a ser tratado na edição do programa é “Luta contra discriminação da mulher é tarefa de homens e mulheres”. O homem aparece na temática do programa, porém, associado à discriminação. Em 2011, todo mês de março foi dedicado à mulher, fato que não ocorre nem em 2012, nem em 2013.

No início da entrevista, quando o jornalista pergunta sobre a política de atenção à saúde da mulher, Dilma responde fazendo referência à mortalidade materna e destacando seu papel enquanto mãe e avó:

(26)

> J: Presidenta nesta semana comemoramos **o DIA Internacional da Mulher** vamos aproveitar para falar sobre a política de atenção à saÚde da mulher?
> P: vamos sim Luciano eu tenho boas notícias para contar uma delas é que a **mortalidade materna** vem caindo... por eXEMplo em relação a dois mil e dez... no primeiro semestre do ano passado... a mortalidade caiu dezeNOve por cento... é um avanço importante**... como mãe e avó eu sei o QUANto a maternidade é o momento especial da vida da mulher e a preocupação do meu governo é que esse seja um momento tranQUIlo e seguro para TOdas as brasileiras**... criamos a Rede Cegonha no ano passado justaMENte para fazer isso... para dar um trataMENto humaniZAdo às mães e aos beBÊS
> (linhas 4 a 13)

Assim como no discurso veiculado em 14 de março de 2011, no segmento (4), há uma primeira referência ao dia Internacional da Mulher, dando um direcionamento para o desenvolvimento do tópico.

No segmento (26), há a retomada da questão da maternidade como “caracterizadora” da mulher, por meio das nominalizações “materna” (linha 7), “mãe” e “avó” (linha 9), “maternidade” e “momento especial da vida da mulher” (linha 10), além do paralelismo entre a figura da presidenta e a figura da mãe que pode se configurar como mecanismo para promover maior identificação entre a Presidenta e seu eleitorado, tal fato pode ser indicativo de um mecanismo oportuno em se apropriar de que Dilma também é uma mulher.

Mondada e Dubois (2003:25), refletindo sobre a linguagem e o processo de referenciação no contexto linguístico, modalidade escrita da língua portuguesa, que também se aplica para a língua falada, apontam:

> Este domínio pode ser abordado considerando os recursos linguísticos que servem para tematizar uma entidade, para sublinhar a saliência de um aspecto específico ou de uma propriedade de um objeto, para atrair a atenção do leitor para uma entidade particular.

As nominalizações ligadas aos termos caracterizadores da maternidade podem ter a função de não masculinizar a figura feminina em posição de poder, ressaltando, por essa razão, os atributos biológicos intrínsecos às mulheres.

Outro evento que nos chama a atenção, novamente, é a ocorrência da utilização da referência à mulher para dizer do cuidado que o governo, liderado por uma mulher, tem com seu eleitorado.

Dilma faz referência à figura de outra mulher, para delinear sua presença na sociedade e as propostas ou os feitos de seu governo. No discurso de 2012, temos:

(27)

> P: veja o caso da Midian de Barros -- que mora lá em Recife -- e está no SÉtimo mês de gravidez QUANdo ela estava no terceiro mês... descobriu então que estava com a:: diabetes gestacional...
>
> (linhas 19-21)

Fazer referência à mulher pelo nome, saber onde vive e observar seu histórico médico, poderia produzir um efeito discursivo de aproximação, como se a presidenta conhecesse “de perto” seu eleitorado e se preocupasse com ele.

Nesse sentido, Mondada e Dubois (2003:48) consideram sob uma perspectiva linguística interacionista e discursiva, “os processos de referenciação em termos de construção de objetos de discurso e de negociação de modelos públicos para o mundo”. Assim, pode-se inferir, por meio do discurso político presidencial, qual modelo público de mulher pretende-se criar.

Ao prosseguir a entrevista, observa-se que o jornalista pergunta sobre a valorização da mulher, por meio dos vários programas do governo, e Dilma responde:

(28)

> J: o governo também tem **valorizado o papel da mulher** em vários programas não é presidenta?
> P: ah... tem sim... reconhecemos Luciano **o papel imprescindível e crescente das mulheres na sociedade... como CHEfes de família como TRAbalhadoras como provedoras dos lares como RESponsáveis pela formação e educação de milhões de crianças e jovens**... **o caminho para a conquista DOS direitos das mulheres** Luciano é lo::ngo e NÃO podemos ignorar a TRISte realidade da violência a que AINda são submetidas MUItas brasileiras... mas já demos passos importantes **na proteção da mulher**... (...) vamos continuar fortalecendo **políticas de valorização da mulher de aFIRmação da mulher** políticas que aumentem as oportuniDAdes de acesso ao emprego com melhor capacitação profissional busCANdo SUperar uma GRANde desigualdade que existe em nosso país que é o fato da mulher trabalhar o MESmo

> trabalho que o homem e ganhar menos... eu tenho convicção Luciano que **o século vinte e um é o século das mulheres NÃO para as mulheres serem -- de uma certa forma -- CONtra os homens mas para as mulheres terem uma participação na vida sociAL política econômica e cultural do país ao LAdo dos homens... tendo o resPEIto dos homens um país que resPEIta suas mulheres constrói uma nação desenvolvida** por isso Luciano é muito importante... é uma tarefa de HOmens e mulheres a luta contra a discriminação da mulher (...)
>
> (linhas 48 a 73)

No segmento (28), a mulher é representada por meio das nominalizações “chefe de família” e “trabalhadora”, à linha 51, “provedora”, “responsável pela educação de milhares de jovens e crianças” (linhas 52-53), subvertendo a questão do homem como provedor da casa e da família.

É ressaltado o longo caminho que a mulher precisa percorrer na luta pela conquista de seu espaço e na defesa da violência contra ela, o que poderia evidenciar um caráter frágil da mulher em termos de força física em relação ao homem, precisando de Leis que a defendam e protejam.

A referência feita à mulher, por meio das nominalizações nesse segmento, cria um objeto de discurso relacionado ao âmbito do trabalho e de liderança, tendo em vista o fato de que é representada como responsável, provedora, imprescindível e com papel crescente na sociedade (linhas 50-51).

A questão do lar e do trabalho e a contraposição entre o espaço público e o privado permeiam os discursos de Dilma, na medida em que os elementos linguísticos por ela utilizados ora remetem ao espaço do lar, como em “consolidar o combate à violência que as mulheres sofrem, inclusive nos seus lares”, ora remetem ao espaço do trabalho como em “políticas de valorização da mulher de aFIRmação da mulher políticas que aumentem as oportuniDAdes de acesso ao emprego com melhor capacitação profissional busCANdo

SUperar uma GRANde desigualdade que existe em nosso país que é o fato da mulher trabalhar o MESmo trabalho que o homem e ganhar menos...”.

Tais seleções implicam um posicionamento, por parte da Presidenta, que veicula seu discurso na mídia, fazendo interlocuções com diversos canais de comunicação e constituindo uma identidade discursiva da mulher de quem/ para quem se fala.

Conforme referiu-se, Dilma apresenta as desigualdades entre os homens e as mulheres, dizendo do acesso ao trabalho e das discrepâncias neste campo. São fatos comprovados pela pesquisa do IBGE, conforme indicamos à página 43 e seguintes deste trabalho. Desse modo, pode-se dizer que o discurso de Dilma pode refletir a sociedade na qual está inserido.

A mulher que se constrói por meio desse discurso presidencial é aquela que ainda precisa lutar para ter o “respeito dos homens”, participando da vida do país. A questão do preconceito em relação à mulher aparece, sendo possível identificá-la com minorias[28] que podem sofrer discriminação, mesmo com as mulheres correspondendo a mais de metade da população e mesmo sendo ela a detentora do maior cargo do poder executivo no país.

### 4.14 Mais educação: 30 mil escolas terão aulas em tempo integral neste ano

[28] Minoria, aqui, não se refere a número, quantidade, mas a grupos que sofrem algum tipo de discriminação social. Para discussão aprofundada, confira: FERREIRA, Filipe Mantovani. Estereótipos e Discurso: a (re)construção da imagem de minorias em revistas de nicho, 2012. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

Nessa entrevista, veiculada em 12 de março de 2012, no segmento (29), uma garota surge como referência para outras crianças, mais uma vez, a referência à uma mulher específica ocorre para evidenciar algo positivo.

(29)

> foi exatamente isso que aconteceu com **a Pietra que mora lá em Esteio no Rio Grande do Sul...** ela começou a fazer judô na escola com o Mais Educação... e: aprendeu a gostar e a se dedicar ao esporte... que exige Luciano... MUIta disciplina... no ano passado **a Pietra ganhou um campeonato gaúcho de judô na sua categoria...** neste ano ela mudou de escola porque foi para o Ensino Médio MAS **se tornou um exemplo... uma referência incentivando outras crianças...**
>
> (linhas 38 a 44)

Pietra é caracterizada como uma menina disciplinada e dedicada ao esporte. No final da entrevista, o jornalista pede que a Presidenta explique uma mudança no programa Minha Casa Minha Vida, e Dilma, por sua vez, responde, constituindo uma identidade feminina como chefe de família, por meio da nominalização “reconhecimento do papel” que a mulher desempenha como chefe de família. Observa-se que há uma percepção do papel que a mulher desempenha na família e a busca pela valorização desse papel.

(30)

> J: antes de terminar o programa de hoje Presidenta eu queria pedir que a senhora explicasse para os nossos ouvintes... a mudança no programa Minha
> Casa Minha Vida que a senhora anunciou no DIA Internacional da Mulher.
> P: ah Luciano essa mudança... **é um reconhecimento do papel que a mulher brasileira desempenha como chefe de família...** a partir de agora... as moradias do Minha Casa Minha Vida... adquiridas pelas famílias com renda até mil e seiscentos reais vão ser registradas sempre no nome das mulheres... **elas serão DOnas do imóvel... mesmo em caso de separação ou divórcio... é uma garantia Luciano... MUIto importante para as mulheres e para as suas famílias pois a gente sabe que nessas horas... a maior responsabilidade pela educação e sustento... dos filhos acaba ficando mesmo é com as mulheres... o pai só terá direito à propriedade quando tiver a guarda exclusiva dos filhos...** essa é uma mudança importante porque... valoriza as mulheres... protege as crianças... garante um futuro melhor para todos os brasileirinhos e as brasileirinhas...

(linhas 60 a 73)

O homem aparece no discurso como “figurante”, desempenhando um papel secundário, já que ele só tem um direito em função da guarda dos filhos.

**4.15 Bolsa atleta cresce mais de 30% e alcança 4.243 esportistas neste ano.**

Por fim, na entrevista veiculada em 19 de março de 2012, no segmento (31), aparecem mais duas mulheres: Ana Sátila e Terezinha Guilhermina, nesse caso, especificamente, as duas atletas de fato existem e compõem a delegação brasileira em diversas competições. As características positivas de ambas são ressaltas no discurso de Dilma e a construção discursiva de tais mulheres, referenciadas de modo positivo, pode contribuir para a atribuição de papeis de destaque às mulheres, de algum modo.

(31)

> J: e nós teremos bolsistas nos Jogos Olímpicos de Londres este ano?
> P: teremos sim Luciano... até agora temos TRINta bolsistas entre... as cento e sessenta e uma vagas que o Brasil já garantiu para os Jogos... de Londres... **uma dessas bolsistas que estarão em Londres é a canoísta Ana Sátila uma das mais jovens atletas... da delegação brasileira... e uma das proMESsas para o futuro de nosso esporte... a Ana tem apenas dezesseis anos... ela está comeÇANdo a receber a bolsa agora** mas temos outros atletas que estão no programa DESde o seu início em dois mil e cinco... um deles era o Hugo Parisi... dos saltos ornamentais que agora vai para a sua terceira Olimpíada...
> J: Presidenta a bolsa contribui para a profissionalização dos atletas?
> P: ah:: contribui sim... em muitos casos aJUda o atleta a dar o salto do esporte... amador para o esporte profissional foi o caso da **Terezinha Guilhermina nossaVElocista que é REcordista mundial nos cem metros para cegos... a Terezinha foi bolsista em dois mil e cinco depois... ficou fora do programa porque conseguiu patrocínio...** neste ano Luciano ela voltou a contar com o apoio do Bolsa Atleta... a Terezinha esteve comigo

> Luciano lá no Palácio do Planalto quando nossos atletas voltaram dos Jogos... Parapan-Americanos no ano passado... ela conta Luciano que o Bolsa Atleta fez com que ela deixasse de ser aPEnas uma pessoa que corria para se tornar uma GRANde campeã mundial...
>
> (linhas 38 a 57)

Nesse segmento, observamos a mulher “extra-muros” ela faz parte do âmbito público, Ana Sátila representa a promessa do que a mulher brasileira pode vir a se tornar no futuro e Terezinha Guilhermina já é recordista e campeã. Esse último discurso é representativo de um momento mais claro de transição, no qual a mulher assume um espaço fora do espaço lar-maternidade-família.

## 4.16 Considerações acerca das análises

Tendo em vista as categorias de análise selecionadas, é possível indicar que as facetas femininas efetivamente ressaltadas por meio das nominalizações e dos processos de referenciação privilegiam a constituição identitária de uma mulher ligada ao âmbito do lar, da família, e, sobretudo, ligada à esfera da maternidade.

No que concerne à constituição da identidade discursiva de Dilma, mulher, como governante, há a projeção de uma identidade que tem o potencial de induzir a população a crer na figura da presidenta como próxima aos problemas de seu eleitorado, mãe, assim como muitas mulheres da sociedade brasileira, interagindo com a realidade externa ao discurso. A identificação da mulher com a figura materna é muito presente nos discursos

analisados, sobretudo quando se trata de criar um efeito de identificação entre a figura de Dilma Rousseff e seu eleitorado.

Dos quinze discursos selecionados para análise, cinco deles fazem parte de discursos veiculados no mês de março – quatro, em março de 2011, ou seja, o mês todo dedicado à mulher, e um, em março de 2012, observando-se que, em 2012, o mês de março não foi dedicado à mulher, por completo. Em 2013, também, no mês de março, apenas um dos discursos foi dedicado exclusivamente à mulher.

Passamos agora, à finalização deste trabalho, na qual apresentamos nossas conclusões.

# Conclusão

Esta pesquisa teve por hipótese a afirmação de que a constituição identitária da mulher está passando por uma nova fase, na qual sua identificação com a esfera pública se dá de modo mais efetivo, considerando o espaço que ela ocupa em outras instâncias, como no trabalho e na família. Tal proposição confirma-se em parte, pois a mulher que o discurso político presidencial de Dilma Rousseff concebe associa-se, de modo recorrente, ao espaço privado do lar e da família. A identificação da mulher com a esfera pública existe, porém, estabelecendo uma relação intrínseca com a maternidade, relacionada à esfera privada. A instância da família e do cuidado com os filhos se sobrepõe ao espaço do trabalho e a transição entre a identificação da mulher no campo público ainda precisa ser evidenciada de modo mais nítido e representativo.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, em relação à identificação de possíveis identidades em referência à mulher, no que concerne às escolhas discursivas da presidenta, observamos que representações antigas e recorrentes voltadas ao poder exercido pela figura maternal prevaleceram nos discursos sob análise. Essencialmente, a mulher que figura no discurso político presidencial, da primeira presidenta do país, não ocupa lugares de poderio e predominantemente masculinos. A única mulher que se encaixaria nesse contexto é Dilma Rousseff que, no entanto, reforça questões ligadas à maternidade tanto quando se refere às mulheres, de modo geral, quando se refere a si mesma.

Assim, os resultados da análise permitem observar que, mesmo com uma mulher ocupando um lugar de poder, a mulher discursiva que a Presidenta constitui está atrelada à sua função de mãe, na família e no lar. Quando ela ocupa um lugar de destaque, é caracterizada como “chefe”, chefe de família. A identidade discursiva de Dilma, por sua vez, também se mostra bastante ligada ao estereótipo da mulher mãe na busca por uma aproximação com seu eleitorado.

Observamos que não é de hoje que se associa a representação e o papel da mulher aos espaços privados e ligados ao lar; durante, praticamente, toda história da mulher na sociedade brasileira associou-se sua figura a tais questões, conforme as pesquisas que nos serviram de base e foram discutidas no capítulo I.

O discurso político presidencial, veiculado pela mídia, pode delinear uma criação discursiva em termos da identidade da mulher brasileira no século XXI, na medida em que as escolhas discursivas de Dilma Rousseff privilegiam e destacam possíveis representações femininas.

Dentre as várias facetas femininas passíveis de serem ressaltadas, há uma tendência de se evidenciar apenas o lado maternal da mulher, nesse sentido, a identidade erigida destaca, justamente, uma característica intrínseca à mulher, evidenciando que uma diferença biológica não pode determinar e atribuir papeis sociais adequados ao gênero sexual de um indivíduo.

Em relação aos estereótipos predominantemente recorrentes, considerados como uma espécie de expectativa que se cria em relação ao interlocutor para o qual o discurso está sendo dirigido e em relação ao indivíduo construído no e pelo discurso, pudemos identificar o estereótipo da

mulher-mãe, pois tal faceta é ressaltada quase que independentemente do tópico abordado em cada um dos programas, esse estereótipo é o mais evidente nos discursos analisados. Estereótipos relacionados à erotização da mulher ou que tendem a apresentá-la de modo pouco qualificado não aparecem nos discursos selecionados.

No que concerne aos processos simbólicos que contribuem para a constituição de identidades e definem quem é incluído ou excluído, observamos que Dilma inclui as mulheres nas mais diversas experiências e tópicos retratados nos discursos do Café com a Presidenta. Suas escolhas discursivas buscam estabelecer uma identidade maternal e de liderança em relação à família. Para ilustrar que a mulher está inserida nos diversos espaços da sociedade, a presidenta, em suas narrativas, utiliza-se de Vitória, no segmento (7), dona Selma no segmento (15), dona Marize, no segmento (17) e dona Izabel Cândido no segmento (19), Midian de Barros, no segmento (27), nos discursos de 2011. Em 2012, as mulheres são Pietra, no segmento (29) e, por fim, Ana Sátila e Terezinha Guilhermina, no segmento (31). Embora não houvesse uma preocupação em tratar da narrativa, ela se mostrou presente no decorrer deste trabalho, sendo significativa e merecendo uma investigação mais apurada em futuras pesquisas.

Há referência a oito (8) mulheres nos trinta e um (31) segmentos analisados, todas elas aparecem identificadas pelo nome, por sua profissão e por suas características ligadas ao lar, na maior parte dos segmentos selecionados. Dilma representa a imagem do que a mulher biologicamente pode ser e o que profissionalmente pode alcançar, pois ela chegou ao cargo máximo de representatividade de um país. A presidenta representa alento,

determinação e poder a ser seguida pelas mulheres, segundo seu discurso. No entanto, o perfil identitário dessa mulher discursiva é diferente daquele constituído em relação à mulher Dilma Rousseff.

O discurso político presidencial concebe uma mulher independente, de algum modo, mas carente de cuidados do governo, caracterizado de modo maternal, constituindo relações de poder diversas.

As nominalizações e os processos de referenciação utilizados na formulação do discurso político presidencial ocupam papel de destaque, pois criam referências que podem se configurar como mecanismos propulsores, para que sejam constituídas configurações sociais e relações de identificação permeadas pelas relações discursivas. A aproximação dos conceitos de identidade, advindos da Sociologia, e de relações de poder mostra-se útil no sentido de poderem abarcar especificidades de pesquisa da área de linguagem.

Quando o homem e a mulher são contrapostos, no discurso de Dilma, ressaltam-se as qualidades positivas da mulher e as negativas do homem. De algum modo, há uma tendência de se associar a figura do poder a figuras masculinas e não femininas, e o reforço à questão da maternidade talvez seja proposital, para firmar a questão de que a mulher, mãe e chefe de família está no percurso para ocupar novos lugares de poder.

Concluímos, então, que há um movimento de constituição identitária da mulher no discurso da presidenta, pois ela retoma valores de uma sociedade que a observa pela faceta da maternidade, mas que caminha, no entanto, para afirmar que seu papel não se restringe apenas a esse campo. Ainda assim, a maternidade tende a se sobrepor aos outros possíveis âmbitos de atuação

feminina. O discurso de Dilma Rousseff aponta para o fato de que a mulher pode conquistar seu espaço na sociedade, ainda que haja um percurso a ser realizado e lutas a serem travadas contra a violência, a discriminação e em relação à paridade no campo do trabalho. Por meio de seu discurso político presidencial, é possível considerar que se atribuam papéis ativos à mulher enquanto atriz social, estando em um período de transição entre a manutenção de um discurso predominantemente masculino e patriarcal e novos espaços de pertencimento à mulher.

# Referências


ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de género sobre uma dicotomia moderna. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2012, vol.20, n.1, pp. 95-117.

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

ARISTÓTELES. *Retórica*. 3.ed. Trad. Manuel Alexandre Júnior *et alli*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 45-77.

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Discurso político presidencial* - Mulher, Espaço Social e Relações de Poder. Anais IX ENIL, 2010.

_____. O léxico no discurso político. In: PRETI, Dino (org). *O léxico na língua oral e na língua escrita*. São Paulo: Humanitas, p. 195-210, 2003.

_____. Reflexões sobre argumentação no discurso político. In: Silva, Luiz Antônio da. *A língua que falamos* - Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, p. 105-119, 2005.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 606-639.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BLAY, Eva Alterman; CONCEIÇÃO, Rosana R. da. A mulher como tema nas disciplinas das USP. *Cad. Pesq. São Paulo* (76), pp. 50-56, 1991.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. David. *Teoria da comunicação*: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

BRASIL. *Café com a Presidenta*. Disponível em <http://cafe.ebc.com.br>. Acesso em: 2011, 2012 e 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

BRUNELLI, Ana Flora. Estereótipos da mulher no discurso de autoajuda. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 13 (2), 2012. pp102-116.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria; MERCADO, Cristiano Miglioranza; RICOLDI, Ricoldi. Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. In: BARSTED, Leila Linhares; Pitanguy, Jacqueline (org.). *O Progresso das*

*Mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011. 436p.

CABECINHAS, Rosa. Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais. *Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação*, 2004.

CACCIAMALI, Maria Cristina; TATEI, Fábio. Gender and salaries of qualified workforce in Brazil and Mexico. *Problemas del Desarrollo*, v. 44, p. 53-79, 2013.

CAZARIN, Ercília Ana. *A análise do discurso nos estudos da linguagem e sua dimensão política*. Revista da Abralin, v. Eletrônico, n. Especial, p. 33-46, 2ª parte, 2011.

CESTARI, Mariana Jafet. *A constituição do discurso feminista no Brasil e na Argentina nos anos 1970*. 2011. 173 f. Dissertação - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: < http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>. Acesso em: 17 de abril de 2013.

CLASTRES. Pierre. O arco e o cesto. In: CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado* - Pesquisas de Antropologia Política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmen; SARTI, Cynthia. Pesquisa sobre mulher no Brasil – do limbo ao gueto? *Cad. Pesq. São Paulo* (54), pp. 5-15, 1985.

DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

EMÍDIO, Thassia Souza; HASHIMOTO, Francisco. Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade. Colloquium Humanarum, v. 5, p.27-36, 2008. Disponível em: <http://www.fio.edu.br/psicologia/publicacoes/artigos/poder_feminino.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

FALCI, Miridian Knox Falci. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 241-277.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FARNEDA. Eliete Sampaio. Perguntas e respostas na entrevista radiofônica. *Revista Letra Magna. Ano. 04, n. 6, 2007.*

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico Discursivo. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas, 2003. v.1.

FERRAREZ, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. Dizeres sobre o feminino em blogs da rede eletrônica**.** *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n.54 (2), Campinas, Jul./Dez. 2012. Pp. 245-260. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/download/1907/3061>.

FERREIRA, Filipe Mantovani. *Estereótipos e Discurso*: a (re)construção da imagem de minorias em revistas de nicho, 2012. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas minas gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 141-188.

FINAMORE, Claudia Maria; CARVALHO, João Eduardo Coin de. Women candidates: the relationships between gender, media and discourse. *Estud. fem.*, Florianópolis, v. 2, 2006.
Disponível em: < http://socialsciences.scielo.org/pdf/s_ref/v2nse/scs_a03.pdf >.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas, 2003. v.1.

GIULANI, Paula Capellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp.640-667.

GLOBAL GENDER REPORT 2011. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_GenderGap_Report_2011.pdf>. Acesso em: 24 de janeiro de 2012.

GLOBAL GENDER REPORT 2012. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_GenderGap_Report_2012.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.

GOMES, Maria Carmen Aires; BARBARA, Leila. Mulheres, política e mídia: algumas incursões em torno da representação sociocultural de Dilma Rousseff. *DELTA* [online]. 2011, vol.27, n.2, pp. 311-335.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso e mídia*: a (re)produção de identidades. Comunicação, mídia e consumo. v. 4, n. 11, p. 11- 25, 2007.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf>. Acesso em: maio de 2012.

JUBRAN. Clélia Cândida Abreu Spinardi. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cad.Est.Ling.*, Campinas, 48(1), 2006. Pp.33-41.

KOCH, Ingedore Villaça. A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional". In: *Produção Textual:* interação, processamento, variação. Barros, K.S. (org.), Natal: EDUFURN, pp. 69-80,1999.

_____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e Interacional. *Cad.Est.Ling*., Campinas, (41):75-89, Jul./Dez. 2001.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSHI, Luiz Antônio. Processos de Referenciação Na Produção Discursiva. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. spe, 1998.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012&lng=pt&nrm=iso>.

LIPPMANN, Walter. *Public Opinion.* New York : Macmillan, 1922.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada In ABAURRE, M.B. (org.) *Gramática do português falado,* v. VIII. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP. 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. Mídia e Representação Política Feminina: hipóteses de pesquisa. In: *Opinião Pública*, Campinas, vol. 15, Junho de 2009, p. 55-81.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônca Magalhães et ali. *Referenciação*. São Paulo: Contexto,2003.

MOREIRA, Eduardo Figueiredo; COSTA, Joselí Bastos da; RAYMUNDO, Jorge da Silva; ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de. Estereótipos sociais de universitários em relação aos ambientalistas. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2004, vol.21, n.2, pp. 117-127.

NOGUEIRA, Conceição; SAAVEDRA, Luísa. Estereótipos de género: conhecer para os transformar. In: AAVV. *A Dimensão de Género nos Produtos Educativos.* Lisboa: DGIDC, 2007. pp. 11-30.

NORONHA, Raquel. *Discurso de presidente*: a construção de uma imagem de língua política ideal. 2008. 96 f. Dissertação - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

OLIVEIRA, Sandi Michele de. *Promoting Brazil at the UN*: Dilma Rousseff's legitimation strategies of authority and morality. Language & Society, RC 25 of the International Sociological Association, V. 1, Number 1, p. 139- 168, December 2011.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 278-321.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

PIOVEZANI, Carlos. *Usos e sentidos da voz no discurso político eleitoral brasileiro*. Revista Alfa. (UNESP), v. 55, p. 163-176, 2011.

PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas, 2003. v.1.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

REYES, Antônio. Strategies of legitimization in political discourse: From words to actions. *Discourse Society*. Nov. 2011, vol. 22, n. 6, pp. 781-807.
RIBEIRO, Antônio Sérgio. *A mulher e o voto*. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher_voto.htm>. Acesso em jan, 2012.

RODRIGUES. Maria Anunciada Nery. O processo da referenciação na atividade discursiva. *Letras & Letras*, Uberlândia 23 (1) 75-85, jan./jun. 2007. Pp. 75-85.

ROSSI-LANDI, Francisco. *A linguagem como trabalho e como mercado:* uma teoria da produção e alienação linguística. São Paulo: Difel, 1985.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. São Paulo: *Educação e Realidade*. v. 16 (2), 1995.

SILVA, Alexandre Marques. *A imagem por trás do mito:* estratégias discursivas e construção do ethos no discurso político presidencial. 2010. 215 f. Dissertação - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2010.

SILVA, José Otacílio da. *As contribuições de Pierre Bourdieu para a análise do discurso político*. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin, 2011.

SILVA, Tomás Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomás Tadeu da (org). *Identidade e Diferença*. Vozes, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

STOPINNO, Mário. Poder. In:BOBBIO, Norberto; PASQUINO, Gianfranco; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de Política*. 11.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, n.54, p. 281-300, 2007.

TAJFEL, Henri. *Grupos Humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 401-442.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. < http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/eleicoes-2010-1 >. Acesso em: jan, 2012.

SQUIDOO. <http://www.squidoo.com/women-presidents-women-prime-ministers>. Acesso em: Out, 2011.

van DIJK, Teun *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. What is political discourse analysis? In: BLOMMAERT. Jan; BULCAEN, Chris. *Political linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, p. 11-57, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o santo ofício. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 115-140.

VERZOLA, Marina Gláucia. *Mulheres no poder: a constituição do ethos retórico em discursos de presidentas*. 2012. Franca. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Franca, UNIFRAN.

VERZOLA, Marina Gláucia; FIGUEIREDO, Maria Flávia. M*ulheres no poder:* a constituição do ethos retórico no primeiro discurso de Dilma Rousseff como presidente do brasil. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em:
< http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1785.pdf>. Acesso em: mai, 2012.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *DELTA* [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp. 207-238.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomáz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p.7-72, 2003.

ZAMPONI. Graziela. *Processos de referenciação*: anáforas associativas e nominalizações. 2003. Campinas. Tese. (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

# Anexos

**Anexo 1**

DISCURSO veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 07/03/2011.

Jornalista Luciano Seixas: J

Dilma Rousseff: P

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: oi gente eu sou o Luciano Seixas... hoje é seGUNda-feira de carnaval muita gente está de folga... MAS não podíamos faltar ao nosso encontro de toda seGUN:nda com a presidenta Dilma Rousseff não é presidenta?
P: é sim Luciano... até porque nes:sa semana nós lançamos o re:ajuste do Bolsa Família... sabe Luciano... no dia oito de março... amanhã... é o dia internacional da mulher... e como nesse ano caiu na terça-feira de carnaval... nós resolvemos comemorar TOdo o mês como sendo o mês da mulher... o auMENto do Bolsa Família... Luciano... abre uma dessas comemorações porque é um programa -- o Bolsa Família -- feito para as mulheres... para a sua família e seus filhos...
J: pois é... a senhora escolheu abrir o MÊS da mulher anunciando para as MÃES o aumento no valor do Bolsa Família e liberando mais recursos?
P: o:: Bolsa Família... Luciano... foi criado para reduzir a pobreza e:: está reduzindo... viu... Luciano? mas SEM a participação ativa DAS mães das mulheres... isso não estaria acontecendo... dos quase treze milhões de benefícios que NÓS distribuímos atualmente noVENta e três por cento -- ou seja -- quase tudo é RESponsabilidade das mães de família... a mulher pega o dinheiro do Bolsa Família e vai comprar o alimento... mantém os filhos na escola e CUIda da saúde deles... essa mulher Luciano... está ajudando a construir o futuro dos seus filhos e também o futuro do Brasil...
J: então, o aumento médio foi de dezenove por cento... mas para crianças e adolescentes de zero a quinze anos... foi maior... quaren:ta e cinco e meio por cento... explica para gente essa diferença?
P: olha... Luciano... as crianças e os adolescentes são a parte MAIS frágil da família... por isso eles precisam de mais atenção... eles estão em fase de crescimento precisando se alimentar melhor...você que tem uma criança em ca:sa sabe muito bem é nessa fase que a mãe tem que gastar mais dinheiro com os filhos... comprando comi:da acompanhando o peso acompanhando o crescimento... e nós sabemos também Luciano... que as famílias mais pobres são aquelas que têm mais crianças e portanto as que mais precisam... o auMENto do Bolsa Família... foi também um passo... Luciano... que nós estamos dan:do para começar a implantação do nosso Programa pa::ra a Erradicação da Miséria...
J: agora presidenta muita gente pergunta ainda para que SERve o Bolsa Família a gente podia aproveitar para explicar...
P: olha Luciano... o Bolsa Família ele foi criado em dois mil e quatro... LOgo no início do priMEIro governo do presidente Lula era um comproMIsso... que o presidente Lula assumiu... de que no Brasil... nós não queríamos que as pessoas passassem fome... ELE é um programa de transferência e de

distribuição de renda com esse dinheiro... a família... a MÃE de família... vai e compra alimento... compra os produtos de higiene... e compra TOdos os produtos de primeira necessidade... inclusive material escolar... e aí gera renda também para o dono do mercadinho... da lojinha... da farmácia... faZENdo então Luciano... a roda da economia girar gerando emprego e aumentando a riqueza de to:dos...

J: e exige por parte das famílias alguns compromissos... não é?

P: ah:... é verdade... sim... exige sim TEM o que nós chamamos condicionalidades... significa que recebe o Bolsa Família... mas também TEM de ter uma condição para receber... a condição é levar as crianças pa:ra receber atenção médica e: também garantir que as crianças fiquem na escola... porque o senTIdo maior do Bolsa Família é fazer com que... as gerações futuras... as crianças que vão ser os adultos de amanhã... TEnham uma vida diferente da vida dos seus pais...

J: quais são os resultados... presidenta?

P: olha Luciano... nós temos tido resultados muito bons... o país alcançou melhorias gran::des tan:to na educação quanto na saúde -- em parte -- pelo programa Bolsa Família...

J: começando pela saúde quais são as melhorias?

P: olha... a coisa MAIS importante é que caiu MUIto a desnutrição infantil... eu sou mãe... e imagino COmo é difícil para uma mãe ouvir um filho pedir comida e não ter para dar... ISto talvez seja o maior benefício do Bolsa Família

J: e na educação... quais são as melhorias?

P: olha Luciano... na educação é que o NÚmero de crianças do BOLsa Família que abandonam a escola é MUIto menor do que entre aquelas que não recebe o benefício... o Bolsa Família está alcançando o seu objetivo de ajudar a criança a estudar a progredir na vida a ser alguém a ter uma profissão

J: e com essa mensagem nós encerramos o nosso Café...

P: e encerramos homenageando as mulheres que SEMpre tiveram que lutar MUIto mais mas muito mais MESmo... para serem reconhecidas... lembrando que amanhã é o dia internacional da mulher... este ano -- como eu disse no início -- nós faremos um mês inteirinho de comemorações enCErro o programa Luciano... com uma homenagem à força e à coragem da mulher brasileira...

J: e VIva as mulheres...

P: é isso aí... Luciano... vi:va as mulheres e BOM Carnaval...né Luciano? para todo mundo...

J: é isso aí lembre-se... você. pode ouvir este programa na internet o endereço é www ponto cafe ponto ebc ponto com ponto br o Café com a Presidenta volta na próxima segun:da-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a presidenta Dilma...

**Anexo 2**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 14/03/2011.

Jornalista Luciano Seixas: J

Dilma Rousseff: P

**Transcrição:**

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: oi gente eu sou o Luciano Seixas que bo::m estarmos aqui para mais um Bate papo com a presidenta DILma Rousseff... olá presidenta tudo bem?
P: TUdo bem... Luciano...
J: estamos no mês de março dedicado à mulher... nós sabemos que o governo vai nesse mês lançar programas importantes... a presidenta não podia antecipar alguns dos anúncios para NÓS?
P: eu posso antecipar sim... para você... em primeiro lugar... vamos tratar daquele que é um dos momentos mais marcantes da vida de toda mulher a maternidade...vamos anunciar o Rede Cegonha... Luciano... que é um programa... na área da saúde... voltado para o atendimento INtegral das mães e das crianças DESde a gravidez... passando pelo parto até chegar ao desenvolvimento do bebê... NÓS queremos que as mães e as crianças tenham um atendimento completo... INtegral...
J: Presidenta... e depois... mais para frente? Um dos grandes problemas das mães é CONciliar o trabalho e o cuidado com os filhos...
P: é sim Luciano... nenhuma mulher trabalha tranquila se seus filhos não estiverem protegidos e bem cuidados... por isso Luciano nós vamos iniciar um programa de creches cuja a meta é construir seis mil creches e pré-escolas em TOdo o Brasil até dois mil e catorze... as CREches e pré-esCOlas... elas são muito importantes na administração do tempo das mulheres... MAS são SObretudo... Luciano... importanTÍssimas para a educação das crianças e para atacar a raiz das desigualdades sociais... HOje TOdo mundo SAbe que as crianças de zero a cinco anos... que recebem atenção social e pedagógica... higiene e alimentação adequados.... ENtram na vida escolar em condições MUIto melhores... daí o programa de creches.
J: Presidenta como a senhora avalia a situação das brasileiras?
P: olha Luciano as mulheres ajuDAram e aJUdam a construir o nosso país... saem de seus lares vão para o mundo do trabalho... para as empresas... para as escolas... às universidades para a vida social e FAzem a diferença... SAbe Luciano... se as mulheres não tivessem crescido em seu papel na sociedade brasileira... eu não conseguiria ter sido eleita presidenta...por isso eu devo honrar as mulheres do nosso país... eu gostaria de contar para você um fato que aconteceu comigo e que ilustra MUIto bem como as mulheres estão sempre mudando... FAlo de uma pequena mulher chamada Vitória uma meniNInha que eu conheci num aeroporto do nosso país eu estava lá e a mãe dessa menininha aproximou com ela e me disse... a minha filha quer te fazer

uma pergunta... ela quer saber se mulher pode e eu perguntei POde o quê? ela disse olha... a Vitória quer saber se mulher POde ser presidente e:: foi isso que eu respondi para ela... Vitória mulher pode sim enTÃO... Luciano... eu tenho certeza que as mulheres CAda vez mais SAbem perCEbem e VIvem essa realidade -- elas podem -- MAS... Luciano... ainda falta muito para as mulheres poderem tudo...
J: o que é que a senhora acha que está faltando? o que MAis te preocupa?
P: uma das minhas maiores preocupações é a violência contra a mulher... ainda muito presente... inclusive dentro de casa... uma situação que sobre TOdos os aspectos é inaceiTÁvel para uma sociedade como a brasileira...
J: inclusive Presidenta uma pesquisa recente mostrou que a cada dois minutos cinco mulheres são agredidas no Brasil...
P: é o que eu te disse Luciano... isso é i-na-cei-tá-vel... olha... uma das leis MAis importantes... criadas no governo do presidente Lula foi a Lei Maria da Penha... essa lei é reconhecida até pela ONU como um modelo de enfrentamento da violência doméstica... MEU compromisso é garantir que essa lei SEja rigorosamente cumprida... aliás... no meu governo... o Ministério da Saúde tornou o-BRI-ga-tó-ria a notificação da violência contra a mulher em TOda a rede pública e privada do país na área da saúde... QUEM não notificar que:: recebeu uma mulher agredida... machucada está sujeito à punição administrativa e corre o risco de ser punido por seu conselho profissional...
J: tem que denunciar né?
P: tem que denunciar sim... senão você não consegue acabar com a violência contra a mulher...
J: Presidenta muitas brasileiras são vítimas de câncer de mama e de colo do útero como reduzir esse problema?
P: olha Luciano na PRÓxima semana eu vou estar aqui com você explicando os novos programas de prevenção e tratamento de câncer de mama e de colo de útero... Eu não TEnho dúvida... Luciano -- até porque aconteceu comigo -- que a prevenção é o meLHOR caminho para reduzir o problema do câncer... as mulheres... Luciano... são hoje um pouco MAis da metade da população... mas o RESto da população -- a outra metade -- são os nossos filhos... por isso... quando a gente CUIda da mulher nós estamos tratando toda a sociedade estamos com tudo dentro de casa...
J: certo Presidenta uma BOA semana para a senhora e para todos e todas e nos ouvem agora... até a próxima segunda...
P: obriGAdo... Luciano... uma bo::a semana para você ouvinte e o meu aBRAço especiAL para você... minha amiga mulher brasileira tchau
J: e lembre-se você pode ouvir este programa na internet o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br... o Café com a Presidenta volta na próxima segunda-feira... até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a presidenta Dilma...

**Anexo 3**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 21/03/2011.

Jornalista Luciano Seixas: J

Dilma Rousseff: P

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: alô: bom dia: começamos agora mais um CaFÉ com a Presidenta nosso encontro semanal com a Presidenta DILma Rousseff... tudo bem Presidenta?
P: tu::do bem Luciano desejo um bom dia para você e para quem... nos acompanha nesse NOSso bate papo...
J: Presidenta a senhora vai estar em Manaus amanhã... para lançar o Programa de Prevenção ao Câncer de Mama e ao Câncer de Colo do Útero... por que essa mobilização tão forte?
P: Luciano... nós estamos TOdos mobiliza:dos e muito animados... NÓS... as pessoas DO governo... federal... estadual e das entidades... que trabalham ou são solidá::rias com os projetos em favor da saúde da mulher no combate ao câncer... amanhã... vamos TOdos juntos para Manaus... anunciando uma série de ações para ampliar e dar MAIS qualidade... aos serviços de prevenção... de diagnóstico... e de TRAtamento do câncer de mama e do câncer do colo de útero.. essas duas doenças Luciano... atingem MUIto as brasileiras... por isso... elas precisam ser vistas com atenção redobrada eu não me can::so de repetir... SEI -- por experiÊNcia própria -- que o câncer tem maior... chance de cura quando é tratado NO início... e é para isso que o meu governo esTÁ trabalhando... queremos que TOda mulher tenha oportunidade de se cuidar fazendo a PREvenção bem feita... e se a doença MESmo assim aparecer... queremos que to::da mulher possa fazer o meLHOR tratamento possível no TEMpo certo e com QUAlidade...
J: na prática presidenta o que vai ser feito para aumentar o contro:le do câncer do colo do útero... por exemplo?
P: primeiro... nós vamos garantir exames preventivos e de boa qualida:de para TOdas as mulheres... entre vinte e cinco e cinquenta e nove anos... são as mulheres... DESta idade as que mais precisam... uma das coisas que vamos fazer é incentivar os laboratórios a trabalhar dentro dos padrões INternacionais de qualidade... eles vão receber orientação e O dinheiro para isso... um exame bem feito já é MEIO caminho andado... outra coisa vão ser implantados VINte... no::vos centros especializados no diagnóstico e no tratamento da fase inicial do CÂNcer do colo de útero nos estados do Norte e do Nordeste... os hospita::is vão ampliar e também vão INStalar serviço... para tratamento de câncer... radioterapia e QUImioterapia por exemplo... dessa forma as mulheres vão ter mais acesso ao tratamento e Luciano... mais perto de casa...
J: esse reforço também vai servir para o TRAtamento do câncer de mama?
P: vai servir sim... é claro... a ideia é que os hospitais ofereçam tratamento para todo tipo de câncer... mas o de ma::ma é um dos PRINcipais porque -- como eu disse -- é o ma::is comum nas brasileiras e daí o nosso esforço... olha... no controle do câncer de mama... a GRANde prioridade é a prevenção... para isso

temos que resolver o problema dos equipamentos de mamografia... a situação hoje é a seguinte... o Brasil tem mais de quatro mil mamógrafos... metade deles na rede pública... é uma quantidade mais que suficiente para garantir que as mulheres entre quarenta e sessenta e nove anos façam os seus exames... no prazo certo... tem um problema que eu tenho o comproMIsso de resolver... é que MUItos desses equipamentos estão para::dos com BAIxa produção ou até:: encaixotados... então a minha priMEIra orientação foi... para que Ministério da Saúde fizesse uma VIStoria em TOdos os equipamentos de mamografia... o Ministério está organizando uma FORça-tarefa junto com os esta:dos e com os municípios... para assegurar que TOdos os mamógrafos estejam em perfeito funcionamento... é ESSA a CONdição para que as mulheres tenham acesso ao exame... queremos TOdos os mamógrafos funcionando o mais rapidamente possível...

J: Presidenta além do exame atualmente muitas mulheres têm dificuldade de fazer radioterapia ou quimioterapia...

P: ESTE é OUtro problema que vamos enfrentar... uma das providências do governo será a instalação de novos cinQUENta centros para confirmação... do: diagnóstico com biopsia... quando necessária... começaremos pelos estados onde há menos oferta DESse tipo de serviços especializados... e vamos criar Luciano... TRINta e dois novos serviços especializados para radioterapia e quimioterapia e atualizar os equipamentos de quarenta e oito serviços em todo o Brasil... é CO:mo eu disse... VAmos investir na prevenção no diagnóstico e no tratamento do câncer do colo do útero... e do câncer de mama... você::... que está nos ouvindo... SAIba que até dois mil e catorze... teremos uma rede de saúde MAIS preparada e mais completa capaz de dar um atendimento de boa qualidade às mulheres... e para chegar lá o governo vai investir qua::tro bilhões e meio de reais...

J: obrigado Presidenta... ficamos por aqui... até a pró::xima semana...

P: obrigado a você Luciano...

J: Você pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br... o Café com a Presidenta volta na próxima seGUNda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a presidenta Dilma...

**Anexo 4**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 28/03/2011.

Jornalista Luciano Seixas: J

Dilma Rousseff: P

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá bom dia:: eu sou Luciano Seixas e começamos agora mais uma café com a presidenta o nosso encontro semanal com a presidenta Dilma Rousseff... bom dia Presidenta...
P: bom dia: Luciano ...
J: a senhora está indo hoje a BElo Horizonte... lançar... o programa Rede Cegonha mais uma novidade dirigida às mulheres... a senhora já falou do Rede Cegonha aqui rapidamente... mas gostaríamos de saber mais pode ser?
P: pode sim Luciano você sabe que uma das grandes preocupações do meu governo é assistência à mulher e ao bebê.... um país só po::de ser medido pela atenção que dá às suas mães e às suas crianças... o Rede Cegonha é um programa que vai dar atendimento à mulher do iNÍcio da gravidez até o segundo ano de vida do bebê vamos agir bem cedo... sabe por quê? porque o fuTUro de uma criança começa muito antes do nascimento dela... começa na qualidade de vida da mãe... nas condições da gravidez e nas condições do parto... VAmos investir NOve BIlhões de reais até dois mil e catorze para garantir um atendimento integral...
J: em que esse dinheiro vai ser aplicado?
P: nós vamos construir uma REde para as mulheres -- a Rede Cegonha -- ligada ao Sistema Único de Saúde... trabalhando em conjunto com os estados e os municípios... a ideia é a seguinte... no momento em que uma mulher chegar a uma unida:de de saúde... informando que está grávida ou:: que susPEIta de gravidez... ela vai entrar imediatamente numa corre:nte de cuidados especiais... primeira coisa... a gestação vai ser confirmada ali mesmo sem demora.. a mulher vai fazer um teste rápido aque:le que dá o resultado na hora...
J: ali... na hora?
P: isso mesmo... sem perda de tempo... vamos começar o pré-natal ALI... no priMEIro contato com a gestante para incentivá-la a fazer um pré-natal COMpleto como é recomendado... o governo federal vai garantir os recursos INclusive para o transporte... se for preciso... para que ela possa comparecer a TOdas as consultas e aos exames recomendados...
J: mesmo os exames mais complexos mais caros?
P: é cla:ro Luciano MESmo estes... hoje... o SUS... já recomenda vinte tipos de exames... às gestantes... com o Rede Cegonha... além destes exames vamos garantir recursos para que CEM por cento das gestantes fa:çam... por exemplo... ultrassom... se ela tiver uma gravidez de risco ou:tros nove tipos de exames complementares TAMbém terão recursos garantidos... tudo isso para evitar ou prever problemas futu:ros e mais graves para a mãe e para o bebê...

J: a senhora disse que o Rede Cegonha vai pagar a passagem de ôni:bus das gestantes... é ISSO?
P: isso mesmo vai sim para a gestante comparecer a todas as consultas previstas... vamos dar um vale transporte... ao final do pré-natal se cumprir todas as consultas recomendadas ela vai receber um vale táxi para ir para a maternidade... assim... a mulher vai estar prepara::da e vai chegar mais tranquila ao momento do parto... hoje a maioria das mulheres quase noventa por cento... já faz as quatro consultas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde... mas nós queremos ir além... que ela faça pelo menos SEis consultas e TOdos os exames necessários... queremos... que a mãe seja assistida MAIS de perto e que ela seja BEM informada sobre sua gestação...
J: como Presidenta a rede de saúde pode dar mais tranquilida:de à gestante?
P: primeiro... oferecendo a ela um ambiente acolhedor... por exemplo no Rede Cegonha vamos garantir que a gestante conheça PREviamente qual será a maternidade onde ela terá o bebê... a maternidade conhecida passa a ser uma espécie de porto seguro... também vamos criar as ca:sas da gestan:te e do bebê...
J: o que é isso?
P: olha Luciano essas casas ficam nas maternidades de alto risco... a mulher pode precisar ficar nessas casas ANtes do parto... caso não TEnha indicação de ficar internada... mas precise continuar sendo observada... POdem também ser indicadas dePOIS do parto... quando o bebê está em uma UTI ou... então... não possa por qualquer motivo ir para casa... além disso -- como gravidez e parto não são doenças -- vamos implantar de forma SEgrega:da nos hospitais gerais... à maternidade alas ou centros... para parto normal ou de risco...
J: e melhor ainda se for parto normal não é Presidenta?
P: ah:: sem dúvida... vamos mostrar às mulheres as vanta::gens do parto normal... é mais saudável a recuperação é mais rápida e: Luciano... é meLHOR para o bebê... mas o fato é que a mulher precisa sentir SEgurança para chegar CONfiante ao parto normal... então... além de um BOM pré-natal vamos criar um ambiente favorável que respeite a individualidade da mulher... POR exemplo... se quiser... a mulher poderá ter o acompanhamento de uma pessoa de confiança...
J: Presidenta... o papo está ótimo... mas chegamos ao fim... muito obrigado e até semana que vem...
P: obrigada Luciano... boa: semana para nossos ouvintes boa semana para o Brasil tchau
J: você pode acessar este programa na internet... o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br voltamos segunda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a presidenta Dilma...

**Anexo 5**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 11/04/2011.

Jornalista Luciano Seixas: J

Dilma Rousseff: P

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá bom dia:: está no ar o Café com a Presidenta o nosso encontro semanal com a Presidenta Dilma Rousseff... a Presidenta está na China... mas antes da viagem gravou essa conversa... olá Presidenta... tudo bem?
P: tudo bem Luciano... bom dia para você e para os nos:sos ouvintes...
J: Presidenta MAIS de um milhão de pessoas saíram da informalidade e agora são DOnas de seu próprio negócio... semana passada a senhora comemorou essa marca... e anunciou a redução de tributos para os novos empreendedores... como vai ser?
P: olha Luciano... DESde que o presidente Lula lançou o programa MIcro empreendedor individual... em feveREIro do ano passado nós tivemos GRANdes avanços... mais de UM milhão de pessoas que trabalhavam por conta própria como... costurei::ras pipoqueiros pintores... gente baTAlhadora que vivia na absoLUta informalidade agora tem o seu negócio registrado... e queremos mais até o final deste ano pretendemos trazer mais quinhetas mil pessoas para o mercado formal... e PAra chegar lá Luciano... eu enviei ao Congresso Nacional uma medida pro::visória que corta pela meta:de a contribuição do empreendedor individual ao... INSS...
J: em dinheiro como é que fi:ca essa redução?
P: é o seguinte... HOje a pessoa que formaliza o seu negócio... paga ao INSS ONze por cento do salário mínimo e isso significa quase sessenta reais... agora vai pagar CINco por cento e isso representa uma economia de trinta e dois reais e setenta centavos por mês...
J: e quais são as vantagens para quem entra na formalidade?
P: são MUItas... veja... o empreendedor individual tem auXÍlio-doença... saLÁrio-maternidade e aposentadoria por idade por exemplo ESSA pessoa também passa a emitir nota fiscal... você sabe... quem não dá nota fiscal perde... clientes... aliás eu quero lembrar que o governo é um grande comprador ou seja o governo faz suas compras e ao comprar... quem é que tem os primeiros lugares na fila? os empreendedores individuais... vou até te contar uma história Luciano... que mostra bem isso... em Sergipe tem uma pipoqueira... a dona Selma ganhando um bom dinheiro... ela vende pipoca para a Petrobrás uma empresa pública... ESSA pipoca é jogada no mar para ver se há VAzamento de óleo... se a pipoca fica escura tem óleo na água... e o melhor de tudo é que a pipoca... NÃO polui o meio ambien::te...
J: e o crédito Presidenta quem se formaliza tem mais acesso a financiamentos?
P: ah certamente... aliás nós vamos criar linhas de crédito próprias para os empreendedores individuais nos bancos públicos... esse apoio financeiro Luciano... é FUNdamental para quem quer expandir ou melhorar o seu

negócio... você sabe o que é MAIS importante? é que a LEI do empreendedor individual garante cidadania a milhões de brasileiros e de brasileiras... pessoas que batalham que geram riquezas para o nosso país... mas que antes não podiam NEM entrar no banco e tomar um empréstimo... agora estas mulheres e EStes homens podem viver com mais segurança na legalidade e com TOdos os seus direitos garantidos...

J: Presidenta e quem quiser crescer formar uma pequena emPREsa... por exemplo... tem espaço?

P: claro que tem espaço e tem também incentivo... daQUEles mais de um milhão de empreendedores que entraram na formalidade pouco mais de SEis mil já se tornaram microempresários... é um bom resultado mas ainda nós achamos que é pouco por isso... vamos dar um GRANde incentivo para que mais empresas SEjam criadas PElos empreendedores individuais daqui para frente...

J: o projeto que a senhora enviou ao congresso nacional criando a secretaria da MIcro e pequena empresa tem a ver com isso?

P: na verdade Luciano... não é uma secretaria... é um Ministério -- propriamente dito -- nós queremos cuidar das micro e das pequenas empresas e sabemos que o problema delas é diferente do problema das grandes empresas... e:: você sabia uma coisa Luciano elas são a GRANde maioria das empresas brasileiras... essas empresas Luciano ajudam o brasil a reduzir a pobreza porque geram renda emPREgam pessoas e fazem a economia crescer.... esse ministério vai promover a inovação para que as empresas possam se desenvolver... vai diminuir a burocracia... vai buscar a redução de impostos e vai estimular as exportações...

J: falando em exportações neste momento em que a nossa conversa está sendo transmitida a senhora está na China principal parceira comercial do Brasil... o que podemos esperar dessa visita?

P: o nosso grande objetivo é ampliar ainda mais a parceria comercial com a China... queremos aumentar a exportação de bens e serviços de valor agregado... produtos industrializados mais elabora::dos... tamBÉM vamos assinar acordos na área de ciência e tecnologia... esta viagem à China tem tudo para ser MUIto proveitosa TANto para nós como para eles... na semana que vem eu conto para você e para os nossos ouvintes como foi...

J: tá combinado Presidenta... hoje ficamos por aqui... boa viagem e até semana que vem...

P: obrigada Luciano... tchau e uma boa semana para todos...

J: você pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto cafe ponto ebc ponto com ponto br... voltamos segunda-feira... até lá

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

**Anexo 6**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 30/05/2011.

Jornalista Luciano Seixas: J

Dilma Rousseff: P

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá:: eu sou o Luciano Seixas e estamos aqui para mais um CaFÉ com a Presidenta o nosso encontro semanal com Presidenta DILma Rousseff... bom dia Presidenta...
P: bom dia Luciano bom dia a todos que nos acompa::nham...
J: Presidenta a senhora assumiu o compromisso de construir SEis mil creches em todo o país até dois mil e catorze o que o governo tem feito para chegar a essa meta?
P: olha Luciano nós estamos cumprin:do as etapas planejadas... por exemplo... NA semana passa:da... nós autorizamos a construção de mais CENto e trinta e oito creches. com elas chegamos a oitoCENtas e cinquenta e seis creches. mantendo esse ritmo Luciano nós vamos SIM construir as seis mil creches até dois mil e catorze... sabe Luciano um país só cresce quando garantimos o futuro das nossas crianças e dos nossos jovens... por isso... ao construir novas creches apostamos na educação de qualidade para to::dos E isso começa LÁ na primeira fase da infância...
J: é e isso também significa mais tranquilidade para a mãe que precisa trabalhar... não é mesmo?
P: claro aumentar as vagas em creches significa combater as desigualdades no Brasil por DUas frentes: primeiro... é uma oportunidade para a mulher trabalhar enquanto os seus filhos estão ali tranQUIlos na creche... por outro lado uma BOA equipe de professores psicólogos nutricionistas garante igualdade de atendimento... DAmos a esses Brasileirinhos e a essas Brasileirinhas... que precisam da rede pública... a POssibilidade de crescer nas MESmas condições de crianças que estão em escolas particulares... e isso vai refletir em todo seu desenvolvimento como jovem e como adulto...
J: mas essas escolas ainda estão em fase de construção... quando é que ficam prontas?
P: bem Luciano... a BOla agora está com os Prefeitos... eles fizeram os projetos das escolas com ajuda do ministério da educação... nós aprovamos e agora o dinheiro está... disponível... acertamos com os prefeitos de TOdo o Brasil que o governo federal vai repassar recursos para a manutenção dessas creches até elas poderem ser atendidas pelo FUNDEB...
J: além das creches a senhora anunciou o apoio para a construção de quadras esportivas escolares... por que Presidenta?
P: queremos dar TOdas as condições para que o aluno tenha acesso a uma educação de qualidade... e isso engloba tamBÉM práticas esportivas e lazer... temos a meta de construir SEis mil novas quadras esportivas cobertas e cobrir

outras QUAtro mil até dois mil e catorze... essas quadras são um estímulo a mais para a presença das crianças no colégio... INclusive no chamado contraturno que é aquele horário em que elas NÃo estão nas aulas regulares... além disso nas escolas do nosso Brasil se as quadras não forem cobertas os alunos não podem utilizá-las o tempo todo... ou são temperaturas altas ou muito baixas... essas quadras são MUIto importantes como MAIS uma alTERnativa Luciano para a comunidade na implantação de uma cultura de PAZ... elas também podem ser usadas para lazer e recreação das famílias nos fins de semana e darão oportunidades para jovens atletas e esportistas de todo o Brasil...

J: por falar em esporte a senhora também anunciou a doação de trinta mil bicicletas para os alunos das escolas públicas não é?

P: é isso aí Luciano... olha foi uma alegria poder iniciar este projeto iNÉdito no nosso país... é uma nova modalidade do Programa Caminho da Escola criado... para garantir que toda a criança tenha um meio de transporte para chegar à escola. doamos TRINta mil bicicletas com capacete para estudantes de oitenta e um municípios do Brasil... ESSES estudantes precisavam andar quatro cinco quilômetros para chegar à escola... estamos no comecinho desse novo projeto... até o final do ano queremos atender CEM mil estudantes em quase trezen::tas cidades começando aos poucos fazendo esse teste em cidades pequenas em locais onde não há muitos carros e portanto... onde o tráfego não é pesado... e as crianças não correm riscos. vamos ampliando as doações na medida em que as avaliações forem POsitivas nestas primeiras cidades...

J: e tem o lado educativo que incentiva o uso da bicicleta como meio de transporte...

P: ah exatamente... é um meio de transporte que não polui e ainda permite a prática de uma atividade física... ir para a escola de bicicleta é uma atividade saudável agora... tem que ter segurança. quem sabe não criamos uma cultura do ciclismo no Brasil -- é isso que queremos -- se as prefeituras adotarem essa prática construindo ciclovias eu tenho certeza que veremos MUItas outras bicicletas circulando pelas ruas e não apenas as do governo...

J: bom para o cidadão e bom para o meio ambiente... obrigado Presidenta o nosso programa está chegando ao fim...

P: só para finalizar quando falamos em dar um salto de qualidade na educação estamos falando em melhorar a estrutura de nossas escolas... ISSO inclui oferecermos boas condições para os nossos alunos frequentarem as escolas... só assim o país vai crescer de maneira igual e com oportunidade para todos.

J: obrigado Presidenta Dilma e até a próxima semana..

P: obrigado a você Luciano... um abraço a todos os nossos ouvintes... tchau...

J: você pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br. voltamos segunda feira até lá

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

**Anexo 7**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 13/06/2011.

Jornalista Luciano Seixas: J

Dilma Rousseff: P

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá:: eu sou o Luciano Seixas e a partir de agora você acompanha o café:: com a presidenta o nosso encontro semanal com a presidenta Dilma Rousseff... bom dia... presidenta...
P: bom dia... Luciano... bom dia a TOdos que nos acompanham...
J: conforme prometido... hoje vamos continuar falando sobre o plano Brasil sem miséria que pretende tirar dezeSEIS milhões de brasileiros... da extrema pobreza... presidenta já falamos sobre o CAMpo... hoje vamos conversar sobre a cidade? o que o Brasil sem miséria propõe para enfrentar a pobreza urbana?
P: olha... Luciano... a miséria nas cidades tem várias causas... PAra algumas pessoas falta capacitação para conseguir emprego... OUtras recebem MUIto pouco pelo trabalho que fazem... para ESSES trabalhadores -- como falamos aqui na semana passa:da -- o Brasil sem miséria... Luciano... vai oferecer cursos de capacitação profissional... pa::ra um milhão e setecentos MIL jovens e adultos... e vai encaminhá-los para o merca::do de trabalho... além disso... vamos oferecer cré::dito e incentivos para QUEM quiser abrir ou melhorar seu próprio negócio... aGOra Luciano... nas cidades... há também pessoas que sequer entram nas estatísticas... porque não têm endereço... não têm certidão de nascimento... não têm qualquer documento... nada.... NEM sequer conhecem seus direitos... então... vamos fazer um verdaDEIiro mutirão para chegar a elas dar documentos e atendê-las em suas necessidades
J: presidenta... VÁrios grupos serão beneficiados a senhora poderia dar um exemplo para o nosso ouvinte?
P: posso sim Luciano... POR exemplo o caso dos catadores... de papel e das pessoas que moram... nas ruas... os catadores NÃO conseguem muitas vezes fazer coleta do lixo em condições adequadas... e NEM tampouco obter uma renda digna... então a priMEIra coisa que vamos fazer é incentivar a organização produtiva EM cooperativa... dos catadores de materiais recicláveis para... melhorar suas condições de trabalho... aumentar as suas oportunidades de ter uma renda... e melhorar de vida... VAmos também apoiar as prefeituras para implantar programas de coleta seletiva... com a participação dos catadores... com cursos... treinamento vamos capacitar milhares de catadores e fortalecer a participação na coleta seletiva de MAis de duzentos mil catadores até dois mil e catorze... eu quero lembrar que DESsa maneira Luciano nós estamos dando oportunidades para o aumento de RENda dos catadores e ao MESmo tempo incentivando a preservação do meio ambiente

J: é já está provado que é possível sair da pobreza e levar uma vida DIGna não é presidenta?
P: é verdade Luciano... e o Brasil sem miséria vai mostrar que é possível sair da pobreza com ações concretas... empréstimos CURsos de capacitação formação de cooperativas... eu vou contar uma história que mostra isso... a da dona Mari::ze Rodrigues que esteve aqui conosco no DIA do lançamento do Brasil sem miséria... a DOna Marize era dona de casa lá em Osasco em São Paulo e receBIA o bolsa família para sustentar... os quatro filhos... aí Luciano ela teve oportunidade.. de participar de cursos de capacitação oferecidos pelo bolsa família... no município de Osasco... e acaBOU formando uma cooperativa de costura junto com caTORze mulheres... hoje Luciano ela preside a cooperativa de costura de Osasco e pediu o desligamento do bolsa família porque NÃO precisa mais do benefício... SAbe o que acabou de acontecer? uma rede de supermerca::dos está negociando com a cooperativa... que ela preside... os serVIços da::s costuREIras para produzir sacolas ecológicas... essa história da dona Marize... Luciano... pode se repetir com muitas e muitas mulheres pelo país afora... é ISSO que nós queremos... se ofereCERmos oportunidades de capacitação e apoiarmos a procura de emprego abertura do próprio negócio estas brasileiras e estes brasileiros terão oportuniDAde de mudar sua vida de sair da pobreza
J: e contando também com a participação de outros setores da sociedade não é? os supermercados... por exemplo...
P: CLAro Luciano... aliás os empresários vão ser nossos parceiros no Brasil sem miséria... olha só os supermercados se comprometeram a contratar pessoas que recebem o bolsa família como caixas empacotadores auxiliares e mais... esTAmos finalizando um acordo com a Associação Brasileira de Supermercados para que eles comprem alimentos... frutas verduras grãos... leite direto da agricultura familiar e vendam nos supermercados isso não é bom Luciano? é ótimo... todos ganham com esse acordo... os agricultores vão poder escoar a mercadoria diminuindo o risco de perder sua produção... os supermercados vão ter a certeza de que estão colocando em suas prateleiras produtos de ótima qualidade.
J: e o consumidor também ganha
P: isso:: Luciano. o consumidor vai comprar alimento planTAdo com as melhores sementes... aquelas da Embrapa... e ao mesmo tempo vai estar contribuindo para o sustento dos mais pobres. VÊ só Luciano assim se movimenta a ROda da economia quando distribuímos renda mais gente consome MAIS gente produz MAIS dinheiro circula na economia do nosso país... e ISSO Luciano é bom para TOdo mundo
J: pois nosso tempo chegou ao fim. Obrigado presidenta Dilma e até a próxima semana
P: até a semana que vem Lucia::no... tchau
J: você pode acessar este programa na internet... o endereço é www ponto cafe ponto ebc ponto com ponto br... voltamos segunda-feira... até lá

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a presidenta Dilma...

**Anexo 8**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 20/06/2011.

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá eu sou o Luciano Seixas e partir de agora você acompanha o Café com a Presidenta o nosso encontro semanal com a Presidenta Dilma Rousseff bom dia Presidenta...
P: bom dia Luciano... bom dia a TOdos os nossos ouvintes..
J: Presidenta a senhora acaba de lançar a segunda etapa do Programa Minha Casa Minha Vida com novas regras e mais investimentos... vai ficar mais fácil comprar a casa própria?
P: é Luciano vai ficar mais fácil sim comprar a casa própria... nós vamos contratar a construção de DOis milhões de casas e apartamentos até dois mil e catorze e::.. a maioria... dessas casas vão ser destinadas a pessoas que ganham até mil e seiscentos reais... ou seja... aquelas pessoas de renda mais baixa... NÓS estamos incluindo famílias que NUNca puderam comprar... sua casa ou apartamento... porque ganhavam muito pouco... TOdas as famílias querem ter uma casa própria onde possam criar seus fi::lhos receber seus paren::tes desenvolver seus laços afetivos com amigos... ter abrigo e ter segurança... é um sonho de cada brasileiro e brasileira...
J: Presidenta a essa hora muita gente já deve estar fazendo as con::tas para saber se dá para entrar na segunda fase do Programa... quem vai ter direito ao financiamento?
P: a partir de agora -- como eu disse -- a atenção vai ser dada a quem tem renda mais baixa... começando por quem ganha até MIL e seiscentos reais por mês... essas famílias vão ter direito a um subSÍdio Luciano... o governo vai pagar uma parte da compra... para essas famílias... elas só pagarão... essas famílias que ganham até mil e seiscentos reais Luciano... dez por cento da sua renda durante dez anos... PAra aqueles que ganham de mil e seiscentos reais a três mil e cem vai ter JUros menores e também... uma parte... o governo vai pagar... isto significa que até vinte e três MIL reais... da casa... o governo pagará... além disso para as famílias que ganham entre três mil e cem reais a cinco mil reais por mês haverá... juros mais baixos e um fun::do que irá garantir o pagamento para os bancos...
J: então vamos imaginar uma família com renda quinhentos reais por mês... quanto ela vai pagar de prestação na compra de uma casa de cinquenta e cinco mil reais... por exemplo?
P: se a renda é de quinhentos reais a prestação não pode passar de cinquenta reais por mês... outro exemplo: vamos supor uma família que tem renda de MIL e seiscentos reais... a prestação vai ser... no MÁximo... cento e sessenta reais por mês. prestações fixas Luciano... não vão aumentar durante dez anos...
J: mas Presidenta nesses dois exemplos a prestação não paga uma casa de cinquenta e cinco mil reais em dez anos...

P: não paga mesmo... NO Programa Minha Casa Minha Vida as famílias mais pobres PAgam aPEnas uma parte da moradia -- aquela parte que elas têm condições de pagar -- a outra PARte o governo completa...
J: e o projeto da casa mudou não é Presidenta?
P: ah mudou para melhor... mudou para dar MAIS conforto e segurança aos moradores... POR exemplo... as casas e os apartamentos vão ser maiores... mais espaçosos com piso de cerâmica em TOdos os cômodos e azulejos... na cozinha e no banheiro... também são casas modernas... sabe por que... Luciano? porque nós vamos adotar o aquecimento solar... térmico... o aquecimento solar dispensa o chuveiro elé::trico que é a parte MAS pesada QUAse trinta por cento na conta de luz... então.. nós temos aí também uma BOA economia de dinheiro para a família que vai morar nessa casa do Minha Casa Minha Vida...
J: essa é uma notícia que agrada a toda dona de casa. por falar nisso qual foi a muDANça no financiamento da casa própria para mulheres?
P: ah Luciano foi uma mudança muito importante... agora a mulher que quer comprar sua casa pode fazer o contrato e receber a escritura... do imóvel sem precisar da assinatura do marido... acabou esse tipo de dependência... OUtra novidade Luciano... é que as famílias que vivem na zona rural também vão receber um financiamento inclusive para a reforma da casa...
J: obrigado pelas informações Presidenta voltamos na sema:na que vem...
P: olha Luciano eu que agradeço a oportunidade de falar sobre a segunda fase do Minha Casa Minha Vida... até o final do ano passa::do nós já fechamos contrato para construir um milhão de moradias agora nós vamos dar um salto... nós queremos construir dois milhões de moradias... nós vamos... dar oportunidade para todos que QUErem conquistar a sua casa própria para as populações de mais baixa RENda e também para aqueles que constituem a nova classe média... e VEja o que acontece.. a construção de milhões de moradias movimenta as fábricas o comércio e o mercado de trabalho é um motor que dá impulso a TOda a economia... então Luciano... não demora muito para a gente perceber... que o investimento feito na área social RApidamente retorna em benefícios e oportunidades para toda a sociedade... e também uma coisa.. o Minha Casa Minha Vida é um programa que tem TUdo a ver com o Brasil sem Miséria porque garantir a casa própria é um passo também para que a pessoa... tenha mais oportunidades na vida...
J: mais uma vez obrigado Presidenta Dilma e até a semana que vem...
P: até lá Luciano... um abraço para nossos ouvintes tchau...
J: você pode acessar este programa na internet o endereço é o www ponto cafe ponto ebc ponto com ponto br... voltamos na próxima segunda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a presidenta Dilma...

**Anexo 9**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 29/08/2011.

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá eu sou o Luciano Seixas e estamos começando mais um caFÉ com a Presidenta o nosso encontro semanal com a Presidenta Dilma Rousseff... bom dia Presidenta tudo bem com a senhora?
P: tudo bem Luciano... bom dia para você e para todos os nossos ouvintes...
J: Presidenta a senhora lançou o Crescer... um programa de microcrédito para pequenos empreendedores... o que tem de novidade para quem quer produzir mais ou abrir um pequeno negócio?
P: olha Luciano o crédito para as pessoas que têm ou querem ter um pequeno negócio ficou agora MUIto mais fácil e MUIto mais barato... a partir de agora Luciano... o pequeno empreendedor que pegar dinheiro emprestado vai pagar uma taxa de juros BEM mais baixa de apenas oito por cento ao ano ANtes Luciano... a taxa de juros chegava... a sessenta por cento ao ano agora baixou... este crédito assim barato... ele foi criado para as pessoas... por exemplo... uma costureira que está precisando trocar a velha máquina de costura... para o pipoqueiro que deseja adquirir um carrinho mais moderno... para o artesão que está precisando comprar seu material de trabalho... é um crédito para QUEM precisa de um empurrãozinho... e eu queria te dizer qual é o taMAnho do empurrãozinho o tamanho é de quinze mil reais por pessoa... a pessoa pode chegar no banco e tomar até quinze mil reais para fazer tudo isso que nós falamos...
J: Presidenta além dos juros mais baixos do mercado quais são as outras facilidades do Crescer?
P: além dos juros... nós baixamos também a tarifa de abertura de crédito... essa tarifa Luciano caiu de três por cento para um por cento do valor emprestado... ESSAS condições valem para todas as pessoas como trabalhado::res empreendedores individuais microempresários enfim... também para aqueles que têm faturamento de até cento e vinte mil reais por ano... outra novidade é que os quatro bancos públicos federais... o BANco do Nordeste... o BANco do Brasil... a Caixa e o Banco da Amazônia vão se dedicar e muito ao atendimento dos pequenos empreendedores... a pessoa que fizer um empréstimo ela vai receber uma orientação de um técnico do banco. ...
J: que tipo de orientação Presidenta?
P: essa orientação é para ajudar o empreendedor a planejar seus INvestimentos o crédito não pode ser um pe::so tem que ser uma alaVANca para impulsionar os pequenos negócios... na semana passada no dia do lançamento do programa crescer... eu estive com a dona Izabel Cândido uma cearense GUErreira que é um exemplo de como o crédito orientado pode dar um gran::de impulso à vida de uma pessoa... ela contou que em dois mil e cinco tirou um empréstimo de duzentos e cinquenta reais:: do Banco do Nordeste... para começar um pequeno negócio de vendas de cosméticos... com a orientação do pessoal do BANco foi ampliando o negócio... hoje a dona Izabel tem uma loja.. com estoque avaliado em vinte e cinco mil reais... ISSO

quer dizer que ela mul:tiplicou por cem aquele primeiro empréstimo de duzentos e cinquenta reias e CONquistou Luciano a estabilidade FInanceira que ela sempre sonhou...

J: quantas pessoas Presidenta a senhora acredita que poderão ter acesso a esse tipo de crédito?

P: eu acredito que muitas pessoas vão ter acesso a esse tipo de crédito... até dois mil e treze Luciano... os nossos bancos vão trabalhar para que trinta e cinco milhões de pessoas tenham oportunidade de obter o seu microcrédito serão três bilhões de reais... só para começar... não faltarão recursos Luciano para o microcrédito produtivo orientado...

J: é verdade que as mulheres são maioria entre as pessoas que tomaram empréstimo pelo microcrédito?

P: é sim Luciano o sucesso da dona Izabel não é único o microcrédito tem sido muito usado pelas mulheres DESde que foi criado no governo do presidente Lula... seis em cada dez pessoas que pegaram o microcrédito são mulheres...

J: considerando que muitos lares são sustentados por mulheres faz diferença não é Presidenta?

P: ah Luciano faz diferença sim... na vida das mulhe::res e na vida das famílias mais pobres... o crédito simplificado sem exigência de muita papelada barato e orientado pode ajudar a elevar o padrão de vida da população de baixa renda... o Crescer vai além do brasil sem miséria mas é também um instrumento importante para esse programa... porque vai ajudar a criar novos empregos e novas Oportunidades...

J: qual a relação do microcrédito produtivo orientado... o Crescer... com aquele ou::tro programa que a senhora lançou do microempreendedor individual?

P: veja só Luciano que casamento perfeito... estamos reduzindo o tributo com o mei e ampliando o crédito com juros menores e garantindo assistência técnica com o microcrédito produtivo orientado... o impacto é enorme... o microcrédito vai criar novos empregos e novas oportunidades para milhões:: de brasileiros... com o crescer os pequenos empreendedores brasileiros terão a oportunidade de realizar o sonho de ter seu próprio negócio e de conquistar uma vida melhor com liberdade e autonomia...

J: obrigado Presidenta chegamos ao final do nosso encontro de hoje ATÉ a semana que vem...

P: olha Luciano muito obrigada a você... e uma boa semana a todos que nos acompanharam nesse bate-papo hoje...

J: você pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br... voltamos segunda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

**Anexo 10**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 19/09/2011. Edição Nacional.

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: oi gente bom dia... eu sou o Luciano Seixas e começa agora mais um Café com a Presidenta o nosso encontro semanal com a Presidenta Dilma Rousseff. bom dia Presidenta... tudo bem?
P: tudo bem Luciano bom dia para você e para os nossos ouvintes...
J: Presidenta hoje vamos falar de educação... a senhora anunciou a construção de mais creches e quadras poliesportivas em todo o país quantas creches vão ser construídas?
P: olha Luciano nós vamos construir seis mil quatrocentos e vinte e sete creches e pré-escolas em TOdo o Brasil... esse esforço para oferecer educaÇÃO de qualidade a TOdas as crianças de zero a cinco anos de idade já começou e: está sendo feito pelo governo federal junto com as prefeituras... este ano já aprovamos a construção de mais de mil e quatrocentas creches agora... nós colocamos à disposição mais quatro mil novecentos e quarenta e três creches e pré-escolas... para mil quatrocentos e sessenta e cinco municípios... isso quer dizer Luciano... que até dois mil e catorze nós vamos cumprir sim... e superar aQUEla meta sabe qual? aquela que foi compromisso da minha campanha... de entregar SEIS mil creches para receber nossos brasileirinhos e brasileirinhas na rede pública de educação...
J: a senhora disse que a construção das creches é feita em parceria com as prefeituras... de que forma?
P: funciona assim... o governo federal... oferece o dinheiro para a construção do prédio e dá também os recursos para manter o primeiro ano de funcionamento da creche... JÁ a prefeitura ela deve dar o terreno e assumir a administraÇÃO da nova unidade escolar... essas unidades escolares estão sendo chamadas de supercreches... porque elas reúnem a creche... e a pré-escola e em prédios MUIto bem construídos capazes de oferecer uma educação de MUIta qualidade às nossas crianças...
J: como os municípios foram selecionados?
P: Lucia:no... nós fizemos um levantamento para saber onde há mais necessidade de creches e pré-escolas... fizemos a distribuição considerando que alguns municípios... vão construir uma duas creches e outros vão construir DEzenas de creches e pré-escolas... vai depender Luciano... da necessidade de cada um... este salto que vamos dar na educação infantil vai ser o MESmo para todos e em todo o Brasil...
J: é um direito das crianças e uma tranquilidade para as mães não é Presidenta?
P: sem dúvida... TOda a mãe sonha com um bom futuro para seus filhos... na creche e na pré-escola elas vão ter acesso a jo:gos brinquedos e aos primeiros livros... ESTE acompanhamento no início da vida faz toda a diferença no desenvolvimento da criança... por isso estamos fazendo esse esforço para que as crianças MAIS pobres tenham acesso à educação infantil... é uma forma de

garantir a elas os MESmos direitos e as mesmas oportunidades de quem pode pagar uma escola particular... por exemplo...
J: Presidenta agora sobre as quadras de esportes... muitos municípios também vão receber dinheiro para construir quadras nas escolas não é mesmo?
P: vão receber sim Luciano... nós vamos construir e cobrir... até dois mil e catorze... mais de dez mil quadras esportivas nas escolas... e vamos com isso atender mais de oito milhões de alunos... para as mais de seis mil quadras que nós vamos construir... nós fizemos assim: selecionamos escolas públicas estaduais e municipais do ensino fundamental e médio... com mais de quinhentos alunos PAra que recebam dinheiro do governo federal e aí construam as seis mil cento e dezesseis quadras esportivas...
J: e a cobertura das quadras que já existem?
P: ah: Luciano... nós vamos cobrir em torno de QUAtro mil quadras... assim os alunos podem praticar esportes o ano inteiro MESmo em dias de chuva em dias quentes ou muito frios... o esporte Luciano é um estímulo para que as crianças permaneçam na escola por mais tempo... é muitas vezes uma maneira de tirar a criança da rua sobretudo nas regiões mais carentes...
J: Presidenta uma última pergunta... a senhora já está em Nova York para a trigésima terceira assembleia geral das nações unidas... já é tradição o Brasil abrir a reunião da ONU mas é a primeira vez que esse discurso será feito por uma mulher... como a senhora encara esse desafio?
P: sabe Luciano... eu tenho muito orgulho de ser a priMEIra mulher... uma mulher brasileira abrir a Assembleia Geral da ONU... vou falar em nome do Brasil para chefes de esTAdo dos cento e noventa e três países que vão participar dessa Assembleia Geral... vamos discutir temas importantes como o papel da mulher no mundo a transpaRÊNcia nas ações dos governos... o combate a doenças crônicas como a diabetes e a hipertensão arterial e ainda vamos falar sobre a crise econômica mundial... o Brasil tem muito a mostrar em cada um desses temas Luciano... na semana que vem eu conto para você e... para os nossos ouvintes como foi a minha viagem...
J: então está combinado... nos encontramos na semana que vem Presidenta. até lá uma boa viagem e boa semana...
P: olha... Luciano... muito obrigada... obrigada aos nossos ouvintes e uma boa semana para todos que nos acompanharam até aqui...
J: você pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br. voltamos segunda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

**Anexo 11**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 26/09/2011.

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá bom dia a todos eu sou o Luciano Seixas e começa agora mais um Café com a Presidenta o nosso encontro semanal com a Presidenta Dilma Rousseff... bom dia Presidenta...
P: bom dia Luciano... bom dia a todos os nossos ouvintes...
J: Presidenta na semana passada a senhora participou de um momento hisTÓrico em Nova Iorque na abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas... no seu discurso a senhora enfatizou a necessidade de se buscar uma saída para a CRIse econômica internacional... como a senhora avalia esse momento?
P: olha Luciano para mim foi uma honra... abrir a Assembleia Geral da ONU além de ser a primeira mulher a discursar na abertura eu estava representando ali o Brasil... um país que vem tendo cada vez mais desTAque no cenário internacional a força do nosso país e as opiniões do nosso povo estão sendo cada vez mais respeitadas lá fora.... falei da crise econômica internacional em meu discurso Luciano... porque o mundo vive um momento MUIto delicado... é uma crise financeira que nasceu nos países mais ricos e está deixando miLHÕES e milhões de desempregados em todo o mundo em especial nos países mais ricos... a posição defendida pelo Brasil na ONU... é de que a saída para a crise econômica mundial deve ser discutida por TOdos os países JUNtos... é claro que os países desenvolvidos têm uma responsabilidade muito maior porque LÁ que a crise começou...mas todos os outros países sofrem as consequências de alguma forma... ainda que indireta... então todos devem ter o direito de participar das soluções... agora Luciano é importante dizer aqui que o Brasil está BEM preparado para este momento... temos reservas INternacionais em dólar estamos fortalecendo o nosso mercado interno e... estamos mantendo os nossos empregos vamos asSEgurar o crescimento da economia vamos continuar com nossa política de distribuição de renda e vamos dar... MAIS oportunidades para todos melhorarem de vida...
J: Presidenta a senhora participou na Reunião de Alto NÍvel sobre doenças crônicas não transmissíveis e destacou o programa Saúde não tem Preço que distribui remédios de graça...
P: Foi sim Luciano... NÓS já distribuímos cinco milhões e quatrocentos mil medicamentos em vinte mil farMÁcias que têm aquela placa “Aqui tem Farmácia Popular”... Isso significa que estamos garantindo o direito das pessoas... ao tratamento de saúde... ISSO Luciano... é muito importante porque PRAticamente nenhum país do mundo distribui de graça para a sua população remédios PAra hipertensão e diabetes por isso o interesse sobre esse assunto foi grande e o nosso exemplo está servindo de inspiração... OUtro assunto que tratei na ONU Luciano foi a questão das patentes dos remédios... é necessário que se abra a exclusividade dos laboratórios sobre... remédios que FAzem diferença e:: asseguram a vida de milhões e milhões de

pessoas no mundo inteiro... a partir do momento em que OUtras indústrias são autorizadas a produzirem determinado reme:dio o preço cai e ele fica mais acessível...

J: Presidenta a senhora foi a priMEIra mulher a abrir a Assembleia Geral da ONU e também discursou numa reunião da ONU Mulheres sobre a participação política das mulheres é preciso aumentar o espaço das mulheres nas decisões mundiais?

P: é preciso sim Luciano... os caminhos de participação da mulher estão hoje cada vez mais abertos no mundo inteiro MAS há muito o que avançar... a ONU Mulheres liderada pela ex-Presidenta do Chile Michelle Bachelet é um passo IMportante para coordenar as ações e políticas de apoio às mulheres em todo o mundo...

J: e o Brasil tem muito a contribuir nessa questão não é?

P: sem dúvida Luciano... eu contei lá na ONU Mulheres que aqui as mulheres e as crianças são PRIoridade em programas sociais como o Bolsa Família e que as mulheres receBIam a maioria das bolsas... noventa e três por cento... então com esses benefícios sociais Luciano... esTAmos ajudando a tirar milhões de famílias da miséria... senti muito orgulho de mostrar ao mundo que no nosso Brasil as NOSsas políticas já elevaram quaRENta milhões de brasileiros e brasileiras às classes médias...

J: o Brasil desperta cada vez mais atenção lá fora por causa dos programas sociais e de seu desenvolvimento não é Presidenta?

P: certamente Luciano... o Brasil está mostrando ao mundo que é possível fazer a economia crescer... e ao mesmo tempo fazer com que as pessoas meLHOrem de vida... foi assim que conseguimos driblar a crise econômica mundial em dois mil e oito e é assim que estamos nos PREparando para evitar impactos maiores da crise atual sobre o Brasil e sua economia... então Luciano eu voltei MUIto animada da Assembleia da ONU... levamos para o mundo as nossas experiências as nossas idéias... e nossa forma de encontrar soluções para os problemas...

J: Presidenta o nosso programa chegou ao fim obrigado e até a semana que vem...

P: olha Luciano obrigada... obrigada também a TOdos os ouvintes que nos acompanharam até aqui...

J: você pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto cafe ponto ebc ponto com ponto br... voltamos segunda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

**Anexo 12**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 12/12/2011

((vinheta)) Café com a Presidenta o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma

J: olá bom dia eu sou o Luciano Seixas e começa agora mais um Café com a Presidenta Dilma Rousseff tudo bem presidenta?
P: tudo ótimo Luciano... e um BOM dia aos nossos ouvin::tes...
J: Presidenta a senhora lançou na semana passada um PLAno para enfrentar o crack e outras drogas conta para a gente como é esse plano
P: nós vamos investir quatro bilhões de reais até dois mil e catorze para enfrentar o crack e outras drogas que destroem a vida de TANtos jovens e de suas famílias... vamos criar Luciano... uma rede integrada de serviços e de ações... para atuar em TRÊS frentes... vamos garantir cuidado e tratamento para os dependentes químicos que precisam de acolhimento e apoio para vencer a dependência... vamos reprimir DUramente o tráfico de drogas e o crime organizado em TOdo o país e: vamos fazer um eficiente trabalho de prevenção e educação para evitar o consumo... e o contato de NOSsas crianças e jovens com as drogas...
J: e como o governo vai MElhorar o atendimento aos dependentes?
P: olha Luciano... nós vamos criar em TOdo o país unidades de acolhimento do sistema único de saú:de do SUS onde os pacientes poderão ser internados por períodos mais prolongados quando for o caso... ISSO porque algumas pessoas precisam ficar um tempo LONge do ambiente que as atraem para a droga para poder reconstruir seu projeto de vida e até as suas relações pessoais com a sua família por exemplo... HOje nós temos vinte e seis unidades públicas de acolhimento... que oferecem cuidado médico social e psicológico permanente aos dependentes químicos até dois mil e catorze vamos saltar para pelo menos quinhentos e setenta e quatro unidades em parceria com instituições que já têm tradição no cuidado de dependentes
J: como vai ser essa parceria presidenta?
P: olha Luciano... essas parcerias... com as comunidades terapêuticas... com instituições privadas que já há muito tempo vem cuidando de drogas e do crack serão feitas por meio dos estados e dos municípios... para receber recursos do governo ESSAS instituições terão que seguir as NOvas normas da ANVISA relativas à higiene do ambiente... ao atendimento... e principalmente ao resPEIto aos direitos humanos e à manutenção do contato dos pacientes com a família...
J: e para os usuários de drogas que traBAlham ou estudam vivem com a família mas estão lutando contra a dependência?
P: para essas pessoas nós temos o centro de atenção psicossocial álcool e drogas conhecidos como CAPS AD o governo federal vai... ampliar para vinte e quatro horas o atendimento em TOdos os cento e trinta e quatro caps já existentes sabe por que Luciano? porque um paciente que... está tenTANdo se livrar das drogas pode ter uma crise de abstinência no meio da noite ou no final de semana... e assim os CAPS AD precisam estar prontos para atendê-los a qualquer hora...

J: mas há casos em que o atendimento precisa ser feito em hospitais não é presidenta?
P: é sim Luciano... às vezes é o atendimento NAS emergências dos hospitais que salva a vida de um usuário de drogas... vamos criar dois mil quatrocentos e sessenta e dois NOvos leitos EM enfermarias especializadas no atendimento aos dependentes de álcool crack e outras drogas... MAIS mil cento e quarenta e dois leitos serão reformados e reequipados
J: presidenta no começo do programa a senhora disse que o governo vai agir contra o comércio de drogas... como isso será feito?
P: ah... Luciano... nós vamos atuar com DEterminação diretamente nas áreas de consumo de crack em todo o país... vamos monitorar com câmeras e promover ações de inteligência para identificar e prender os traficantes nestas áreas...
J: também haverá ações contra o tráfico nas fronteiras presidenta?
P: SEM dúvida Luciano a vigilância nas fronteiras é MUIto importante vamos combater cada vez com MAIS rigor as organizações criminosas para evitar que as drogas ENtrem no país... já estamos fazendo isso com as operações da polícia federal e das forças armadas... no nosso PLAno estratégico de fronteiras de junho quando lançamos o plano a novembro deste ano nós evitamos que cento e doze toneladas de drogas entrassem no Brasil
J: a família também tem um papel importante na prevenção e no tratamento dos dependentes químicos não é presidenta?
P: ah Luciano tem sim o sofrimento das famílias dos dependentes é sem dúvida enorme tenho ouvido relatos de mães que chegam até a acorrentar os filhos no quarto para evitar que eles usem drogas... também sou mãe e esses relatos Luciano me comovem imensamente... como presidenta farei tudo para que as mães que chegam a atitudes desesperadas... como essa... encontre no poder público o apoio e o tratamento adequado para seus filhos... agora além de oferecer serviços médicos precisamos evitar que as crianças e os JOvens se envolvam com as drogas nossa grande meta é implantar no Brasil uma política AMpla moDERna coraJOsa e criaTIva de enfrentamento das drogas e é isso que estamos fazendo
J: presidenta obrigado por MAIS esse café
P: eu é que agradeço Luciano um bom-DIA e uma ótima semana para todos os nossos ouvintes que nos acompaNHAram Luciano até agora
J: você que nos ouve pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br... voltamos segunda-feira até lá

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma

**Anexo 13**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 05/03/2012.

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá eu sou o Luciano Seixas e estou aqui para mais um Café com a Presidenta Dilma bom dia Presidenta...
P: bom dia Luciano...
J: Presidenta nesta semana comemoramos o DIA Internacional da Mulher vamos aproveitar para falar sobre a política de atenção à saÚde da mulher?
P: vamos sim Luciano eu tenho boas notícias para contar uma delas é que a mortalidade materna vem caindo... por eXEMplo em relação a dois mil e dez -- no primeiro semestre do ano passado -- a mortalidade caiu dezeNOve por cento... é um avanço importante... como mãe e avó eu sei o QUANto a maternidade é o momento especial da vida da mulher e a preocupação do meu governo é que esse seja um momento tranQUIlo e seguro para TOdas as brasileiras... criamos a Rede Cegonha no ano passado justaMENte para fazer isso... para dar um trataMENto humaniZAdo às mães e aos beBÊS...
J: e a Rede Cegonha já está atendendo muitas mulheres presidenta?
P: cada vez mais Luciano... a Rede Cegonha já chegou a quase mil e setecentos municípios brasileiros... em vinte esTAdos... e vai alcançando mais de novecentas mil gestantes... eu não sei se você sabe Luciano... mas a mortalidade materna está ligada -- na MAIoria das vezes -- a complicações causadas por hipertensão.. diabetes... hemorragias e infecções... TOdas essas são doenças que podem ser trata:das e controla:das com um pré-natal bem feito... veja o caso da veja o caso da Midian de Barros -- que mora lá em Recife -- e está no SÉtimo mês de gravidez QUANdo ela estava no terceiro mês... descobriu então que estava com a:: diabetes gestacional... uma doença sabe Luciano... que pode trazer riscos para a mãe e para a criança na hora do parto... o MÉdico da Rede Cegonha encaminhou a Midian para um nutricionista... para ela controlar a alimentação e assim proteger a sua saúde e a da filha... também penSANdo Luciano... em situações de maior risco... nós estamos trabalhando para expandir as UTIs neonatais... em dois mil e onze... criamos trezentos e setenta e um novos leitos nessas UTIs considerando que o Brasil tem dois mil cento e quarenta e sete leitos VEja você que esses mais de trezentos... leitos são muito importantes...
J: a Rede Cegonha também vai ajudar a pagar o transPORte para a gestante fazer o pré-natal... não é mesmo... presidenta?
P: ah é sim... a partir do mês que vem as gestantes vão receber cinquenta reais para pagar a passagem de ônibus e NÃO perder as consultas do pré-natal no SUS... o Sistema Único de Saúde... em outubro nós criamos benefícios adicionais ao Bolsa Família... de trinta e dois reais mensais... PAra as gestantes e PAra as nutrizes as mães que estão amamentando... em fevereiro deste ano, mais de duzentos e quarenta mil mulheres já estavam recebendo esses benefícios...

J: Presidenta e como estão as ações de prevenção e combate ao câncer?
P: olha Luciano... os resultados de dois mil e onze MOStram que também nessa área Luciano... nós avançamos... o ano passado... POR exemplo... o SUS realizou onze virgula três milhões de exames preventivos contra o câncer de colo de útero... também foram feitos mais três milhões e quatrocentas mil mamografias... um aumento de TREze por cento nesse tipo de exame em relação ao ano de dois mil e dez... é algo muito significativo.
J: o governo também tem valorizado o papel da mulher em vários programas não é... presidenta?
P: ah... tem sim... reconhecemos Luciano... o papel imprescindível e crescente das mulheres na sociedade... como CHEfes de família como TRAbalhadoras como provedoras dos lares como RESponsáveis pela formação e educação de milhões de crianças e jovens... o caminho para a conquista DOS direitos das mulheres Luciano é lo::ngo e NÃO podemos ignorar a TRISte realidade da violência a que AINda são submetidas MUItas brasileiras... mas já demos passos importantes na proteção da mulher... como a Lei Maria da Penha que é uma das leis MAIS avançadas do MUNdo na punição dos agressores... o próprio Supremo Tribunal Federal teve uma decisão -- alguns dias atrás-- muito importante para as mulheres ele decidiu que:: mesmo que a mulher não faça queixa o agressor será obJEto de proCEsso e pu-ni-ção... isso é muito importante para consolidar o combate à violência que as mulheres sofrem -- INclusive -- nos seus lares... vamos continuar fortalecendo políticas de valorização da mulher de aFIRmação da mulher políticas que aumentem as oportuniDAdes de acesso ao emprego com melhor capacitação profissional busCANdo SUperar uma GRANde desigualdade que existe em nosso país que é o fato da mulher trabalhar o MESmo trabalho que o homem e ganhar menos... eu tenho convicção Luciano que o século vinte e um é o século das mulheres NÃO para as mulheres serem -- de uma certa forma -- CONtra os homens mas para as mulheres terem uma participação na vida sociAL política econômica e cultural do país ao LAdo dos homens... tendo o resPEIto dos homens um país que resPEIta suas mulheres constrói uma nação desenvolvida por isso Luciano é muito importante... é uma tarefa de HOmens e mulheres a luta contra a discriminação da mulher...
J: Presidenta infelizmente o nosso tempo acabou obrigado por mais esse Café...
P: olha Luciano eu quero mandar um abraço especial às mulheres brasileiras... desejar a todos nós uma ótima semana...
J: você que nos ouve pode acessar este programa na internet pelo www ponto café ponto ebc ponto com ponto br nós voltamos na próxima segunda até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a presidenta Dilma...

**Anexo 14**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 12/03/2012.

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá amigos Eu sou o Luciano Seixas e começa agora mais um Café com a Presidenta DILma... bom dia Presidenta...
P: bom dia Luciano E bom dia aos nossos ouvintes...
J: presidenta a educação em tempo integral já é uma realidade em muitas escolas públicas brasileiras... Conta para a gente:... como é o programa do governo federal para esses estudantes?
P: olha Luciano o Programa Mais Educação – Educação em Tempo Integral – é responsável por uma GRANde transformação que já estamos fazendo em quinze mil escolas do Ensino Fundamental de todo o país... dois milhões e oitocentos MIL estudantes do primeiro ao nono ano hoje já ficam na escola o dia todo... eles participam de atividades orientadas que vão... desde o acompanhamento das tarefas escolares até a prática de esportes aulas de artes e informática... tudo isso em um turno complementar... até o fim do ano o Mais Educação estará em TRINta mil escolas públicas vai aí alcançar cinco milhões de estudantes em TO::do o Brasil inclusive na área rural... isso significa que vamos alcançar a meta que tínhamos para dois mil e catorze... e queremos mais:... nossa nova meta Luciano será chegar a sessenta mil escolas...
J: presidenta antigamente só as crianças de escolas particulares tinham acesso a essas atividades...
P: é Luciano... TER acesso à escola em tempo integral era mesmo um PRIvilégio das famílias de maior renda e: dos países desenvolvidos... mas agora com o Mais Educação - Escola Integral MAIS crianças e adolescentes do Brasil que esTUdam em escolas públicas também têm acesso a essas atividades... elas ficam na escola no mínimo SEte horas por dia... lá recebem um lanche pela manhã almoçam e depois à tarde... fazem um novo lanche... e o que é IMportante: têm reforço em mateMÁtica portuGUÊS CIÊNcias praticam esportes têm aula de arte e ainda fazem informática... o MEC... está com as inscrições abertas para NOvas adesões das prefeituras até o dia TRINta de março... vamos investir para você ter uma ideia Luciano... um bilhão e quatrocentos milhões de reais neste ano de dois mil e doze para garantir a estrutura do Mais Educação a TOdas as escolas inscritas no programa...
J: como são selecionadas as escolas para o Mais Educação Presidenta?
P: olha Luciano... nossa prioridade neste ano são as escolas onde estudam os beneficiários do Bolsa Família... e também aquelas que tiveram uma avaliação baixa do IDEB... que é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica do MEC... as atividades complementares Luciano... podem contribuir muito para melhorar a qualidade da educação das nossas crianças... foi exatamente isso que aconteceu com a Pietra que mora lá em Esteio no Rio Grande do Sul... ela começou a fazer judô na escola com o Mais Educação... e: aprendeu a gostar e a se dedicar ao esporte... que exige Luciano... MUIta disciplina... no ano

passado a Pietra ganhou um campeonato gaúcho de judô na sua categoria... neste ano ela mudou de escola porque foi para o Ensino Médio MAS se tornou um exemplo... uma referência incentivando outras crianças...
J: e essas atividades estão melhoRANdo o desempenho dos alunos?
P: Luciano... esse é o efeito MAIS importante do programa:... melhorar: o aprendiza:do e intere:sse dos estudantes pela escola... no Rio de Janeiro por exemplo os estudantes do quito e do nono ano... do Mais Educação... conseguiram aumentar suas notas de português e de matemática... Isso mostra como a escola em tempo integral é importante para dar aos estudantes novas oportunidades... é uma forma Luciano... de superar desigualdades... permitir que todas as crianças tenham uma boa educação e tenham acesso a atividades que serão MUIto importantes para o seu futuro... é uma mudança na forma de fazer educação no Brasil... aliás Luciano... eu não posso deixar de comentar... e de homenagear... uma pessoa que sempre lutou pela educação em tempo integral:... o Leonel Brizola que começou a fazer isso no Rio... mas não teve condições de implantar... porque estava fazendo isso localizadamente... agora o MEC vai fazer um GRANde esforço para assegurar educação em tempo integral para os nossos alunos...
J: antes de terminar o programa de hoje Presidenta eu queria pedir que a senhora explicasse para os nossos ouvintes... a mudança no programa Minha Casa Minha Vida que a senhora anunciou no DIA Internacional da Mulher.
P: ah Luciano essa mudança... é um reconhecimento do papel que a mulher brasileira desempenha como chefe de família... a partir de agora... as moradias do Minha Casa Minha Vida... adquiridas pelas famílias com renda até mil e seiscentos reais vão ser registradas sempre no nome das mulheres... elas serão DOnas do imóvel... mesmo em caso de separação ou divórcio... é uma garantia Luciano... MUIto importante para as mulheres e para as suas famílias pois a gente sabe que nessas horas... a maior responsabilidade pela educação e sustento... dos filhos acaba ficando mesmo é com as mulheres... o pai só terá direito à propriedade quando tiver a guarda exclusiva dos filhos... essa é uma mudança importante porque... valoriza as mulheres... protege as crianças... garante um futuro melhor para todos os brasileirinhos e as brasileirinhas...
J: presidenta nosso tempo chegou ao fim... obrigado por mais esse Café...
P: eu é que agradeço a você Luciano... e também aos ouvintes que nos acompanharam hoje...
J: você que nos ouve pode acessar o Café com a Presidenta na internet... o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br... nós voltamos na próxima segunda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

**Anexo 15**

Discurso veiculado pelo programa Café com a Presidenta, em 19/03/2012.

((vinheta)) Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

J: olá amigos eu sou o Luciano Seixas e começa agora mais um Café com a Presidenta Dilma... bom dia Presidenta...
P: bom dia Luciano e bom dia aos nossos ouvintes...
J: Presidenta o esporte brasileiro recebeu uma BOA notícia na semana passada não é mesmo?
P: olha Luciano uma ÓTIma notícia... nós divulgamos a LISta dos esportistas... que receberão o Bolsa Atleta... essa bolsa é o investimento do governo federal nos atle:tas brasileiros... neste ano Luciano... nós ampliamos em mais de TRINta por cento o número de beneficiados do programa... e vamos conceder quatro mil duzentos e quarenta e três bolsas a atletas de... cinQUENta e três modalidades olímpicas e paraolímpicas... é um estímulo ao desenvolvimento do esporte brasileiro... um investimento no Brasil... no time do Brasil...
J: além de beneficiar mais atletas tem mais novidade no programa para este ano?
P: ah tem sim Luciano... a partir de agora o Bolsa Atleta vai apoiar também os princiPAis esportistas brasileiros... inclusive... aqueles atletas renomados... que já contam com algum tipo de patrocínio... até o ano passado QUEM tivesse patrocínio individual NÃO poderia receber o Bolsa Atleta mas nós vimos... que era preciso mudar a LEI para ampliar esse apoio... porque o patroCÍnio que eles têm muitas vezes é temporário voltado só para um campeona::to ou por um período curto de tempo... isso gera insegurança para o atleta poder plane:JAR o seu treinamento sua participação em competições e se dedicar inTEgralmente ao esporte...
J: e de quanto é a bolsa Presidenta?
P: olha Luciano... a Bolsa Atleta tem CINco categorias... a estudantil... a de BA:se... a nacional... a internacional e:: a olímpica ou paraolímpica... o valor da bolsa mensal depende DA categoria em que o atleta se enquadra... variando de trezentos e setenta reais até três mil e cem reais... neste ano vamos investir Luciano... sessenta milhões de reais para apoiar TANto os atletas... que já estão no topo do alto rendimento... QUANto os que estão começando a construir suas carreiras...
J: e qual é o critério para selecionar os bolsistas Presidenta?
P: olha Lucia:no a seleção depende exclusivamente do mérito do atleta... do desempenho do atleta... são selecionados os três primeiros colocados NAS competições oficiais do ano anterior e aqueles que participaram dos últimos Jogos Olímpicos ou Paraolímpicos... o atleta recebe o dinheiro em sua conta SEM intermediários e passa a ter a segurança de uma renda mensal...
J: e nós teremos bolsistas nos Jogos Olímpicos de Londres este ano?

P: teremos sim Luciano... até agora temos TRINta bolsistas entre... as cento e sessenta e uma vagas que o Brasil já garantiu para os Jogos... de Londres... uma dessas bolsistas que estarão em Londres é a canoísta Ana Sátila uma das mais jovens atletas... da delegação brasileira... e uma das proMESsas para o futuro de nosso esporte... a Ana tem apenas dezesseis anos... ela está comeÇANdo a receber a bolsa agora mas temos outros atletas que estão no programa DESde o seu início em dois mil e cinco... um deles era o Hugo Parisi... dos saltos ornamentais que agora vai para a sua terceira Olimpíada...

J: Presidenta a bolsa contribui para a profissionalização dos atletas?

P: ah:: contribui sim... em muitos casos aJUda o atleta a dar o salto do esporte... amador para o esporte profissional foi o caso da Terezinha Guilhermina nossaVElocista que é REcordista mundial nos cem metros para cegos... a Terezinha foi bolsista em dois mil e cinco depois... ficou fora do programa porque conseguiu patrocínio... neste ano Luciano ela voltou a contar com o apoio do Bolsa Atleta... a Terezinha esteve comigo Luciano lá no Palácio do Planalto quando nossos atletas voltaram dos Jogos... Parapan-Americanos no ano passado... ela conta Luciano que o Bolsa Atleta fez com que ela deixasse de ser aPEnas uma pessoa que corria para se tornar uma GRANde campeã mundial...

J: e os atletas que estão começando Presidenta também podem conTAR com o Bolsa Atleta?

P: podem contar SIM com o Bolsa Atleta... neste ano nós dobramos o apoio aos atletas que estão em formação... serão beneficiados -- para você ter uma ideia -- quatrocentos e trinta e nove jovens atletas de catorze a vinte anos... os investimentos que estamos fazendo no Bolsa Atleta... na popularização do esporte e na construção de uma estrutura de qualidade para receber a Copa do Mundo de dois mil e catorze... E os Jogos Olímpicos de dois mil e dezesseis são passos importantes para TRANSformar o Brasil em uma potência também no esporte... o exemplo desses aTLEtas batalhadores junto com o estímulo do governo à prática do esporte representa... para MUItas crianças e jovens uma oportunidade também para crescer e melhorar de vida... é isso que NÓS queremos... um país em que TOdos tenham oportunidade de se desenvolver e mostrar seus talentos... no esTUdo no trabalho e também no esporte...

J: Presidenta infelizmente o nosso tempo chegou ao fim... obrigado por mais esse Café...

P: olha Luciano uma Ótima semana a todos que nos acompanharam neste bate-PApo Luciano esportivo hoje...

J: você que nos ouve pode acessar este programa na internet o endereço é www ponto café ponto ebc ponto com ponto br... nós voltamos na próxima segunda-feira até lá...

((vinheta)) termina agora o Café com a Presidenta... o seu encontro semanal com a Presidenta Dilma...

## Anexo 16 - Normas do NURC

Disponíveis em: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais.* São Paulo: Humanitas, 2003. v.1. pp 13-14.

**Normas para transcrição**

| OCORRÊNCIAS | SINAIS | EXEMPLIFICAÇÃO* |
|---|---|---|
| Incompreensão de palavras ou segmentos | ( ) | do nível de renda...( )<br>nível de renda nominal... |
| Hipótese do que se ouviu | (hipótese) | (estou) meio preocupado<br>(com o gravador) |
| Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre) | / | e comé/ e reinicia |
| Entoação enfática | maiúscula | porque as pessoas reTÊM moeda |
| Prolongamento de vogal e consoante (como s, r) | :: podendo aumentar para :::: ou mais | ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro |
| Silabação | - | por motivo tran-sa-ção |
| Interrogação | ? | eo Banco... Central... certo? |
| Qualquer pausa | ... | são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção |
| Comentários descritivos do transcritor | ((minúsculas)) | ((tossiu)) |

| | | |
|---|---|---|
| Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático | -- -- | ... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo |
| Superposição, simultaneidade de vozes | [ ligando<br>as linhas | A. na [ casa da sua irmã<br>B. sexta-feira?<br>A. fizeram [ lá...<br>B. cozinharam lá? |
| Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo. | (...) | (...) nós vimos que existem... |
| Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação | " " | Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"... |
| | | |

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D[2].

**Observações:**

**1.** Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.).
**2.** Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: *tá?* você es*tá* brava?).
**3.** Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
**4.** Números: por extenso.
**5.** Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
**6.** Não se anota o *cadenciamento da frase*.
**7.** Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (*alongamento* e *pausa*).
**8.** Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.